

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
em cooperação com  
CENTRE DE RECHERCHES ET D'ETUDES FREUDIENNES  
(Un. Paris X)

DM  
GARC. 1

**ANÁLISE CRÍTICA DA EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE  
TRANSFERÊNCIA E DE CONTRATRANSFERÊNCIA NA  
TEORIA PSICANALÍTICA: DE FREUD A BION**

**MARIA MANUELA GRAÇA CORREIA DA FONSECA ATAÍDE GARCIA  
LISBOA 1995**



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
em cooperação com  
CENTRE DE RECHERCHES ET D'ETUDES FREUDIENNES  
(Un. Paris X)

**ANÁLISE CRÍTICA DA EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE  
TRANSFERÊNCIA E DE CONTRATRANSFERÊNCIA NA  
TEORIA PSICANALÍTICA: DE FREUD A BION**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de  
Psicologia Aplicada**

**Sob a orientação do Professor Doutor Carlos Amaral Dias**

Reg. 9438  
Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
BIBLIOTECA

**MARIA MANUELA GRAÇA CORREIA DA FONSECA ATAÍDE GARCIA  
LISBOA 1995**

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Amaral Dias, por tudo o que me ensinou, pelos esclarecimentos e encorajamento que sempre me facultou e pelo acolhimento disponível e carinhoso que foi uma constante na orientação desta dissertação.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e incentivam a ter prazer e gosto por aprender mais.

Ao Francisco, por ter sido não só o marido mas realmente o meu companheiro neste percurso.

Ao Manuel Ricardo, pela força e segurança que sempre me soube transmitir.

À Cláudia, pela ternura, paciência e apoio constante.

Aos meus sobrinhos, Ricardo Jorge, Pedro, Carlos, Frederico e João Vasco, pela disponibilidade e ternura com que sempre me socorreram nos momentos de desencontro com o computador.

Ao Ilídio Félix Alves, por uma vez mais, ter sido um verdadeiro amigo.

À amiga e colega do Mestrado Rosa Garcia, pela sua amizade e incentivo carinhoso.

Aos amigos e colegas da Escola Superior de Educadores de Infância - Maria Ulrich, pela compreensão e apoio durante a feitura deste trabalho. Um agradecimento especial à Helena Morgado e à Maria João Ataíde, pela sua grande amizade e estímulo permanente.

Às alunas do curso de 1992 - 95 da ESEI - Maria Ulrich, pela capacidade que tiveram durante três anos de acolher carinhosamente esta professora, que algumas vezes não terá tido a capacidade de ser realmente a professora.

*Ao meu filho, Manuel Ricardo*

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I - SIGMUND FREUD</b> .....	5
<b>CAPÍTULO II - MELANIE KLEIN</b> .....	45
<b>CAPÍTULO III - A CONTRATRANSFERÊNCIA COMO INSTRUMENTO DA PSICANÁLISE</b>	
1 - Introdução .....	59
2 - Paula Heimann .....	61
3 - Heinrich Racker .....	68
<b>CAPÍTULO IV - WILFRED R. BION</b> .....	78
1 - O ajustar do nosso pensamento .....	79
1.1 - Mestre Eckhart .....	81
1.2 - São João da Cruz .....	85
1.3 - Bhagavad Gitá .....	93
2 - Uma introdução possível a Bion .....	98
3 - Técnica de grupo sem líder .....	100
4 - Uma perspectiva inovadora sobre a psicose .....	102
5 - Pensar como a experiência emocional de procura de conhecimento .....	107
6 - A mudança do aprender para o crescer	
6.1 - Vértice estético .....	117
6.2 - Vértice místico .....	124
<b>CONCLUSÃO</b> .....	137

<b>AINDA COMO CONCLUSÃO .....</b>	<b>144</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>148</b>

*Há mais coisas entre o céu e a terra*

*do que pode suspeitar nossa vã filosofia*

W. SHAKESPEARE (*Hamlet*)

## INTRODUÇÃO

**Un peut de science éloigne de Dieu, mais beaucoup y ramène,** (Louis Pasteur). Lemos esta frase no livro de Jean Guitton, *Dieu et la science*, há alguns anos, e fez-nos pensar, fez-nos pensar no sentido profundo que tem o novo saber, a nova perspectiva da ciência. Ainda que tendo perfeita consciência da nossa impossibilidade de entender a nova Física, é-nos possível reflectir sobre o sentido metarrealista que ela encerra. A realidade não é passível de ser conhecida. A grande ciência que foi o paradigma das ciências experimentais e objectivas, começou a interrogar-se sobre o sentido do real e a possibilidade de a ele ter acesso. Este aspecto do novo saber científico foi realmente, para nós, motor de reflexão. Interpretar o universo implicou ir para além da objectividade, implicou perceber que a realidade depende do vértice através do qual é observada. Guitton diz a este propósito, *a visão materialista do mundo desaparece sob os nossos olhos: devemos preparar-nos para penetrar num mundo totalmente desconhecido.*

O muro de Planck define o ponto a partir do qual a ciência é incapaz de explicar o comportamento dos átomos quando a gravidade se torna extrema, o mistério estabelece-se na Física. Procurar saber mais sobre esse desconhecido, sobre o inatingível, leva necessariamente a uma perspectiva metarrealista dentro da ciência, remete-nos necessariamente para uma nova metafísica.

Desde os nossos primeiros encontros com Bion, que aconteceram durante as aulas que vivemos

no Mestrado com o professor Amaral Dias, sentimos que a perspectiva nova da psicanálise exercia sobre nós um verdadeiro fascínio. Sentimos, e é com humildade que o afirmamos, que muitos, mas mesmo muitos aspectos da teoria de Bion, não entendíamos. Mas havia qualquer coisa que nos fazia muito sentido, que nos fazia lembrar da Física metarrealista, que nos fazia pensar na fé que também os físicos têm de ter no desconhecido.

Estas aulas abriram os nossos terminais, ficamos com uma curiosidade imensa de entender Bion. Na procura de uma maior compreensão, lemos atenta e cautelosamente algumas obras de Amaral Dias, encontramos nelas um Bion que é já o “seu Bion”, mas fomos especialmente sensíveis à dimensão mística da relação analítica, que encontramos nesse Bion transformado. A compreensão do modelo místico religioso de Bion transformou-se no objectivo primeiro que tivemos ao longo do Mestrado, tornando-se necessariamente o único tema, para nós possível ou essencialmente, o único tema por nós desejado, para fazermos o nosso trabalho final.

No diálogo que acompanhamos entre Guitton e os irmãos Bogdanov encontramos uma Física aberta ao universo em expansão, expansão que acontece de transformação em transformação. A este propósito lembramos uma reflexão feita por Heisenberg, sobre o livro de Erich Heller, *A Viagem do Artista ao Interior*, onde compara a evolução espiritual que Heller descreve com o processo análogo que há na ciência e que designa por *viagem do cientista à abstracção*, perguntando-se *aonde conduz essa viagem?*

Esta mesma questão se coloca em relação à psicanálise que encontramos em Bion, na medida em que nela encontramos uma enorme abertura ao que virá. Tal como na Física, esta abertura pressupõe as transformações, pressupõe a existência de um aparelho pré conceptual que encerra em si, através da sua parte insaturada, a possibilidade da transformação, a

possibilidade de se abrir ao mais sentido, a possibilidade de conceber a mente como um universo em expansão.

Tendo sempre no nosso horizonte o modelo místico religioso de Bion, fizemos um caminho que nos levou de Freud a Bion. Centrando-nos na evolução dos conceitos de transferência e de contratransferência, fomos caminhando, tentando sempre acompanhar a evolução da relação analítica.

No **Capítulo I** partimos de Freud e procuramos acompanhar a evolução da relação analítica ao longo da sua obra. Seguindo a evolução do conceito de transferência desde o seu nascimento, vimos a transferência passar de entrave maior a instrumento primeiro da psicanálise e vimos nascer o importante conceito de neurose de transferência. Vimos ainda que a contratransferência se manteve sempre como entrave, no entanto, realçamos as recomendações que Freud faz aos analistas, recomendações que já anunciam a importância que esta vai ter na relação analítica.

No **Capítulo II**, vimos, com Melanie Klein, a transferência sofrer nova evolução. Vimo-la tornar-se um factor intrínseco à análise, sendo perspectivada de uma forma total. Para podermos acompanhar a evolução que este conceito sofreu procuramos salientar as grandes inovações da teoria de Klein, e as implicações que tiveram no sentido de encaminhar a psicanálise para uma dimensão relacional e interacional.

No **Capítulo III**, procuramos ver como a contratransferência se transformou num instrumento da psicanálise. Privilegiamos dois autores, Paula Heimann e Heinrich Racker, por poderem ser considerados como os responsáveis por esta viragem. Vimos Heimann, seguindo Klein,

considerar a contratransferência como total e como criação do paciente. Seguimos a teoria de Racker em relação à transferência e à contratransferência, procurando mostrar a sua original perspectiva de reciprocidade na relação analítica.

No **Capítulo IV**, procuramos entender o modelo místico religioso de Bion. Partimos da leitura dos seus interlocutores principais, Mestre Eckhart, São João da Cruz e Bhagavad Gita, e procuramos mostrar a dimensão mística de alguns dos principais conceitos que encontramos neste modelo, conceitos como negatividade, despojamento, vazio, ascese e união mística. Acompanhamos Bion, no seu percurso, até chegar ao modelo místico. Vimos a evolução da sua teoria. Vimos como para Bion o processo de simbolização passou a ser em relação a “O”, como uma expansão do universo mental, como as transformações em ser se tornam o objectivo da análise, fazendo uma proposta de ser, de ser “O”, e não uma experiência de conhecimento. Finalmente vimos como a análise ultrapassa a relação transferencial contratransferencial, transformando-se numa tarefa “trans”, onde o mais sentido leva o Homem, numa procura interminável, que se continua através da função psicanalítica da personalidade, a buscar a sua própria verdade, tomando-se naquele que realmente ele é.

## CAPÍTULO I

### SIGMUND FREUD

*Nós não falharemos. Em vez da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos, cuja exploração os nossos sucessores deverão levar mais longe.* É com estas palavras que Freud inicia a carta escrita a Fliess no dia 3 de janeiro de 1897, palavras a que fomos especialmente sensíveis pois consideramos que elas sintetizam a nossa leitura do valor da sua obra. Freud realmente não falhou, ele inovou, descobriu oceanos e abriu caminhos que possibilitaram novas descobertas.

Foi um verdadeiro lutador que buscou incessantemente a verdade. Um homem com fé na vida capaz de pôr em dúvida aquilo que num determinado momento foi vivido como certo. Um homem sem medo de recomeçar, que acreditou num ideal, tendo, nesse sentido, construído um pensamento coerente com o pensamento da época em que viveu, levando para o campo da ciência fenômenos nunca antes considerados como passíveis de uma abordagem científica.

Construiu teoria, aplicou-a, reconstruiu e abriu caminho para novas construções. Mas descobriu muitas coisas que não podia descobrir, porque contradiziam o modelo científico que estava subjacente ao discurso psicanalítico e que ficaram como esboços do novo desenho da psicanálise. É neste contexto que a transferência, conceito cuja evolução nos propomos analisar, pode ser considerada como o paradigma destes esboços, foi um fenômeno que "não devia" ter sido descoberto mas simultaneamente, *do ponto de vista técnico, foi a maior descoberta de Freud.*

Acompanhar a evolução do conceito de transferência na obra de Freud foi para nós tarefa árdua, feita de encontros, reencontros e muitos desencontros. Caminho longo, onde procuramos entender como a transferência, vista no início, como o maior entrave ao tratamento analítico, se tornou a sua ferramenta mais importante. Seguimos a evolução do conceito de transferência, o aparecimento dos conceitos de contratransferência e o de neurose de transferência e as alterações da técnica e da teoria que esta evolução implicou, acompanhando os trabalhos de Freud, privilegiando os seus escritos sobre a técnica, segundo a ordem cronológica do seu aparecimento.

Mas analisar a evolução do conceito de transferência levou-nos necessariamente a reflectir a história da gestação e nascimento da psicanálise, que é a história da passagem do método catártico à psicanálise propriamente dita.

De referir, como nota, que para nós foi da maior importância a leitura das cartas escritas por Freud a Fliess, pois esta leitura ajudou-nos a aproximarmo-nos do homem Freud e a seguir de perto a evolução do seu pensamento durante a gestação da psicanálise. Nelas encontramos todo o esforço feito no sentido de edificar a nova psicologia sobre bases científicas, os seus primeiros passos no estudo da histeria, a luta travada entre as suas observações e intuições clínicas e a procura de explicação científica para elas.

Freud tinha uma formação científica, estando profundamente embuido do espírito que caracterizava a sua época. Inicialmente o seu campo de investigação estava essencialmente centrado na fisiologia, só progressivamente os seus interesses se foram desviando para a neurologia. Mas dois campos de investigação começaram a preocupar o espírito de Freud, a anatomia do cérebro e o estudo da histeria.

Na progressiva aproximação ao estudo da histeria encontramos dois factos que certamente para ela contribuíram, a sua estada na Salpêtrière com Charcot e a relação de amizade que o ligava a Breuer. Assim, depois de ter regressado de França, Freud iniciou em Viena o caminho que o levou à psicanálise.

A este caminho não foi alheio o entusiasmo que sentiu com os ensinamentos de Charcot, que pensamos ter sido alguém extremamente marcante no percurso de Freud, lembramos as suas palavras escritas em 1893, aquando da morte do grande mestre, a propósito das célebres *lições de terça feira* e que nos parecem reveladoras da admiração que este lhe merecia, *nestas lições examinava casos que não haviam sido ainda observados; expunha-se a todas as contingências do exame e a todos os erros de um primeiro reconhecimento; despojava-se da sua autoridade para confessar, quando havia razão para tal, que não encontrava o diagnóstico para determinado caso, ou que se tinha deixado induzir em erro pelas aparências, e quando se esforçava, assim, em diminuir a distância, com a mais franca e sincera exposição dos seus processos dedutivos, das suas dúvidas e vacilações, nunca pareceu maior, aos seus ouvintes, essa distância entre o mestre e os seus discípulos.*

É neste contexto histórico que nos encontramos com Breuer, outra figura, como referimos, não menos relevante no percurso de Freud, que pela primeira vez utilizou, na terapia da histeria, o método catártico, considerado por Freud *um estágio pré analítico*. Breuer entre 1880 e 1882 tratou uma paciente, Anna O., com diagnóstico de histeria, usando uma terapia que consistia em levar a paciente a recordar-se, sob o estado de hipnose, de determinados acontecimentos traumáticos da sua vida que haviam sido esquecidos. Este método terapêutico partia do pressuposto de que os sintomas histéricos dependiam de acontecimentos dolorosos esquecidos, traumas, e que a sua recordação levava ao seu desaparecimento.

Segundo Freud refere na *Historia do Movimento Psicanalítico*, o que levou Breuer a terminar, de uma forma abrupta, o tratamento deste caso, foi o ter-se deparado com fenômenos transferênciais, por ele não identificados, *tenho razões poderosas para suspeitar que depois da supressão de todos os sintomas, teve Breuer de descobrir, através de novos indícios, a motivação sexual da dita transferência, escapando-lhe a natureza geral de tal fenómeno, e vendo-se assim impulsionado a cortar o tratamento*. Terá sido esta uma das razões que levou a que Breuer só tivesse retomado esta forma de terapia aquando do início da sua colaboração mais estreita com Freud, alguns anos mais tarde.

É o ano de 1887 que marca o início da colaboração de Freud com Breuer, utilizava então a hipnose nas suas terapias, e como refere na carta a Fliess de 28 de Dezembro de 87 os resultados animam-no a continuar, *quanto a mim mergulhei nestas últimas semanas no hipnotismo e obtive resultados, pequenos mas surpreendentes...* Utilizando com os seus pacientes o método de Breuer, método catártico, reuniu um número significativo de observações semelhantes às feitas por este no caso de Anna O.. Estas observações possibilitaram-lhe importantes descobertas. Chega ao conceito de *libido*, que é a energia própria da vida psíquica, defende que esta se transforma em angústia quando não é descarregada. Esta constatação leva-o a defender que o desaparecimento dos sintomas histéricos não passa só pela recordação dos acontecimentos traumáticos, mas também pelo despertar no paciente *o afecto concomitante, dando o paciente expressão verbal ao afecto*, pressupõe, pois, que a cura era obtida através de uma descarga adequada dos afectos patogénicos; assim *o histérico sofre de reminiscências, os seus sintomas são símbolos comemorativos de determinados acontecimentos traumáticos*. O organismo é regido por um princípio de constância que procura manter constante o quantum de afecto, o funcionamento normal pressupõe o ligar a energia em investimentos. Chegou aos conceitos de defesa,

resistência e de conversão, à compreensão do carácter defensivo do sintoma, o sintoma começa a ser considerado como uma forma do Homem falar de si, falar através do corpo que tem capacidade de expressão simbólica.

Mas este trabalho conjunto cedo começou a revelar divergências que se agravaram, acabando por levar à separação e ao fim da sólida amizade que se tinha construído entre estes dois homens. Embora no escrito conjunto *Estudos sobre a Histeria*, estas divergências parecerem aplanadas, a realidade é que elas se mantinham. Parece-nos interessante referir que enquanto nesta obra o problema da sexualidade, aspecto principal em que as divergências se centraram, é abordado de uma forma cautelosa, encontramos constantes referências, ao papel da sexualidade na etiologia das neuroses, nas cartas escritas a Fliess nesta mesma época e nas anteriores a 1895, data em que os *Estudos* foram publicados.

Apesar da aparente convergência de perspectivas, e como Freud refere na sua *Autobiografia*, através dos *Estudos sobre a Histeria* não seria fácil adivinhar a importância da sexualidade na etiologia das neuroses, é de realçar que no capítulo da responsabilidade de Freud, que trata da psicoterapia da histeria, este refere já o papel da sexualidade na etiologia das neuroses, *em primeiro lugar tive de reconhecer que na medida em que se podia falar de uma motivação segundo a qual se adquirem as neuroses, devíamos procurar a etiologia em factores sexuais, e a isto se juntou a descoberta de que factores sexuais diferentes davam origem a enfermidades neuróticas diferentes*, enquanto na introdução, que é da responsabilidade de ambos, nos deparamos com a teoria, defendida por Breuer, que considerava a existência dos chamados estados hipnóides na origem das neuroses. Defende que toda a histeria é hipnóide. O valor patogénico dos estados hipnóides estava relacionado com o facto de as representações que a eles chegam não sofrerem qualquer elaboração associativa, visto constituírem um grupo

psíquico separado, que não entra em conexão com os outros conteúdos da consciência. Breuer via no estado hipnóide a condição fundamental da histeria, enquanto Freud privilegiava a histeria de defesa. Lembramos as suas palavras quando se refere à histeria hipnóide, *a histeria hipnóide foi a primeira que surgiu no nosso campo visual, o seu melhor exemplo é o caso de Anna O., investigado por Breuer, o qual atribui a esta histeria um mecanismo essencialmente distinto do da defesa por meio da conversão...Parece-me tão importante esta distinção, que me leva a manter a existência da histeria hipnóide, apesar de não ter encontrado na minha prática médica um só caso puro desta espécie. Todos os casos que investiguei foram de histeria de defesa.*

Nesta obra Freud faz pela primeira vez referência à transferência. Verificou, no decorrer das suas terapias, que a possibilidade de conseguir quaisquer reminiscências pode ser entravada por haver uma perturbação na relação entre o paciente e o médico. Uma das situações de perturbação é quando a paciente se apercebe que transfere para a pessoa do médico representações emergidas durante a hipnose. Considerou que esta transferência se faz através de uma falsa conexão entre alguém do passado, que foi objecto de desejos, e o médico, sendo a transferência um fenómeno exterior à análise, facto que vai defender ao longo de toda a sua obra.

Esta dependência dos resultados da relação entre o médico e o paciente, este "amor" que surgia impedindo o trabalho terapêutico, "amor" que havia levado Breuer a abandonar o tratamento de Anna O., juntamente com a dificuldade em conseguir o estado hipnótico em alguns pacientes, levou Freud a abandonar a hipnose, introduzindo alterações na técnica terapêutica. Abandonou progressivamente a hipnose e o método catártico foi sendo substituído pela técnica de concentração, mas só mais tarde, entre 1895 e 1898, retirou desta técnica todos os elementos

de sugestão, que ela havia mantido, nascendo a técnica psicanalítica.

Continuando a nossa reflexão sobre esta etapa do caminho de Freud, uma referência ao *Projecto para uma Psicologia Científica* se torna inevitável. Obra escrita também em 1895, nela Freud tentou reunir, numa leitura conjunta, a fisiologia do cérebro e a psicologia, sendo uma tentativa de *representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais diferenciadas*, os neurónios. Esta obra é um verdadeiro projecto para a construção de uma psicologia científica. Partindo de duas ideias principais, neurónios e quantidade, aborda a psicopatologia e a psicologia normal assim como apresenta a primeira teoria dos sonhos.

No plano geral refere que as excitações neurónicas são quantidades móveis, enunciando o princípio da inércia dos neurónios que *tendem a desembaraçar-se das quantidades (Q)*. Este princípio representa uma primeira forma do princípio do prazer - desprazer, *como o sistema W é, pensamos nós, preenchido por psi, resulta que a carga aumenta em W quando o nível se eleva em psi e diminui quando este nível baixa. O prazer e o desprazer seriam sensações devidas à própria carga, ao próprio nível de W, sendo assim W e psi funcionariam como dois vasos comunicantes*. Também neste plano geral o Eu surge ligado às funções de inibição, *formou-se em psi uma instância cuja presença entrava a passagem de quantidades, sempre que a passagem se efectuou pela primeira vez de uma maneira particular (isto é, quando é acompanhada de satisfação ou sofrimento)*. *Esta instância chama-se Eu*. O Eu aparece como uma instância que se distingue pelo investimento constante em energia, estando ligado à prova de realidade, *é uma inibição devida ao Eu que torna possível a formação de um critério que permite estabelecer uma distinção entre uma percepção e uma lembrança*.

Ao longo da obra, são descritos os dois modos de funcionamento mental, processo primário que visa a descarga da excitação e que é caracterizado pela energia livre e o processo secundário que é caracterizado pela energia ligada e que permite a escolha entre diferentes vias de descarga.

Quando trata da psicopatologia, refere o problema da sexualidade na etiologia da histeria de uma forma muito mais explícita do que encontramos nos *Estudos*. Quando analisa o caso de Emma, refere-se ao papel que os incidentes de ordem sexual, vividos antes da puberdade, desempenham na formação das neuroses, referindo-se à primeira mentira que está na origem da histeria. Também o recalçamento assume aqui o papel principal. Ao comparar o recalçamento nos histéricos e nos obsessivos verifica que se a simbolização possibilita o recalçamento nos primeiros, o mesmo não se verifica nos segundos, pois este acontece sem haver simbolização, concluindo que *é, pois, no recalçamento que reside a chave do problema.*

De salientar ainda que no capítulo que trata do sonho, Freud já refere a analogia entre os sintomas e os sonhos, *um segundo facto, de igual importância, é que os mecanismos patológicos revelados por uma análise muito minuciosa das psiconeuroses têm a maior semelhança com os processos oníricos.* Esta analogia agora referida e só mais tarde desenvolvida, vai ter a maior importância no caminho da psicanálise. Se o sonho é uma manifestação da vida psíquica normal e os desejos que se realizam a nível onírico são os mesmos que na neurose são reprimidos, ficando esquecidos, então a interpretação dos sonhos vai ser considerada como um caminho privilegiado de acesso ao inconsciente, e a teoria dos sonhos vai fazer a psicanálise passar de procedimento terapêutico, a uma psicologia nova, que possibilita a compreensão da evolução normal do Homem.

Mas esta obra, depois de enviada a Fliess, parece ter sido esquecida, ainda que algumas ideias nela defendidas sejam referidas, bastas vezes, nas cartas que rondam esta época e outras, aqui só enunciadas, tenham sofrido posterior desenvolvimento. O objectivo de Freud, que escreveu esta obra para Fliess, como refere na carta de 23 de setembro de 1895, *se te escrevo tão raramente, é unicamente porque escrevo muito para ti; no combóio, comecei a redigir um texto sumário sobre fi, psi, omega, que terás de criticar*, era obter do amigo sugestões que o ajudassem a completar os aspectos referentes à fisiologia do cérebro, o que não terá acontecido, levando-o, pois, a avançar ultrapassando de uma certa forma esta tentativa de relacionar a fisiologia do cérebro com a psicologia.

Depois de termos feito algumas referências à correspondência trocada entre Freud e Fliess, pensamos ser o momento de abrir um parêntesis para fazer uma referência à pessoa deste homem, que durante mais de uma década, foi o amigo, confidente e crítico de Freud. Médico rinolaringologista, tinha interesses científicos que se estendiam para áreas que ultrapassavam a da sua especialidade. Preocupava-se com os problemas da sexualidade em geral, tentando estabelecer a relação entre o nariz e os órgãos genitais femininos. Fliess tentava, então, estudar o papel desempenhado pela periodicidade na vida humana. Defendia a existência de períodos tanto na mulher como no homem. *O exame destes dois grupos de processos periódicos leva à conclusão que eles têm relações íntimas e sólidas com as características sexuais femininas e masculinas e o facto de existirem, ainda que em modalidades diferentes no homem e na mulher, está perfeitamente de acordo com a nossa constituição bissexuada...* Encontramos nas cartas de Freud, inúmeras referências a esta teoria, procurando confirmação para ela, em si mesmo e na sua mulher.

O importante papel que este homem desempenhou na vida de Freud estará relacionado com o

vazio deixado pelo corte com Breuer e a esperança que renasceu nele de poder ser compreendido por alguém com quem se sentia em sintonia, tomando-se o colega de Berlim o seu *único público*. Esperava também que Fliess lhe desse resposta para as questões que o haviam preocupado desde sempre, questões relativas aos limites entre o fisiológico e o psicológico no respeitante aos fenómenos que tentava estudar.

Continuando a acompanhar o nascimento da psicanálise vamos-nos centrar nos anos de 1896 e 1897. Estes anos foram extremamente ricos e significativos, pois neles algumas questões importantes foram respondidas. Um dos problemas que preocupava Freud desde há algum tempo era o do papel da infância na etiologia das neuroses. Já no *Esboço* este problema é abordado. Nesta obra Freud defendia que os acontecimentos de ordem sexual vividos antes da puberdade influíam na génese das neuroses. Também nas cartas escritas a Fliess encontramos algumas referências a este mesmo problema. Na carta escrita no dia 1 de março de 1896 ele refere, *assim, tenho vindo a pensar que, na minha teoria das neuroses, os limites do recalcamente, isto é o momento em que o incidente sexual vivido deixa de agir de forma póstuma para ter uma acção no presente, coincidem com a segunda dentição*, um pouco mais tarde em junho do mesmo ano ele escreve, *a histeria aparece até aos quatro anos - a incapacidade de traduzir verbalmente as ideias não existe senão nesta época*.

Verificamos que vai recuando a épocas cada vez mais precoces, estando centrado na teoria da sedução que expõe no escrito *A Etiologia da Histeria*, onde considera que os sintomas histéricos não podem ter a sua origem num só acontecimento real, estando sempre associados a este, recordações de acontecimentos anteriores, *a cadeia de associações possui sempre mais de dois elementos, e as cenas traumáticas não formam séries simples, como as pérolas de um colar, mas sim conjuntos ramificados, de estrutura arbórea, pois em cada novo*

*acontecimento actuam como recordações dois ou mais anteriores. Em resumo: comunicar a solução de um único sintoma equivale a expor um historial clínico completo. É através das cadeias associativas que se chega à primeira infância, podendo-se concluir que na origem da histeria se escondem - podendo ser reproduzidos pela análise não obstante o tempo decorrido, que, por vezes, supõe decénios inteiros - um ou vários acontecimentos de uma experiência sexual precoce, pertencentes à mais tenra infância.*

Ao mesmo tempo que Freud avançava na sua compreensão do papel da sexualidade infantil na etiologia das neuroses, o seu interesse pelos sonhos dos seus pacientes começa a surgir. A curiosidade que manifesta em relação ao sonho não é um facto novo. Segundo Anzieu refere no seu livro *A Auto Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise*, o interesse de Freud pelos seus próprios sonhos é antigo. A correspondência com Martha ao tempo do seu noivado prova-o. Numa carta de 1883 ele refere-se a um *caderno de apontamentos pessoais sobre os sonhos*, o que nos leva a dimensionar o interesse que já nesta altura os seus próprios sonhos lhe despertavam.

Mas só depois da morte do pai, em Outubro de 1896, Freud empreende a dura tarefa de fazer a sua auto análise sistemática. Como nos diz Anzieu *o luto suscita em Freud um intenso trabalho psíquico*. Simultaneamente à auto análise, vai-se apercebendo da presença, cada vez mais evidente, dos fantasmas infantis, que se manifestam nos pensamentos, nos sonhos e comportamentos dos seus pacientes. Nas cartas desta época que escreve a Fliess encontramos inúmeras referências a esta procura sofrida, de si próprio, referindo a dada altura, *dos meus doentes o que me preocupa mais sou eu próprio*. Freud analisa os seus sonhos, investiga o passado, mais longínquo e esquecido, junto de sua mãe, na tentativa de melhor os interpretar. Depara-se com as suas próprias resistências, em Outubro de 1897 escreve, *a resistência*

*tornou-se para mim uma coisa objectiva tangível, em Novembro refere, a minha auto análise está outra vez "avariada" ou melhor arrasta-se penosamente sem que eu sinta progressos, em suma, a resistência é o que entrava o tratamento.*

É também durante a auto análise que se depara com o complexo de Édipo, a propósito do sonho do cofre que relata a Fliess, escreve em Outubro do mesmo ano, *encontrei em mim sentimentos de amor para com a minha mãe e de ciúmes para com o meu pai, sentimentos que são, penso, comuns a todas as crianças. Se é assim, compreende-se, a despeito de todas as objecções racionais que se opõem à hipótese de uma inexorável fatalidade, o efeito surpreendente do Rei Édipo... Cada auditor foi um dia em germe, em imaginação, um Édipo e aterroriza-se diante da realização do seu sonho transposto para a realidade, e treme segundo a medida do recalçamento que separa o seu estado infantil do estado actual.*

Através da auto análise, Freud abriu um novo caminho para a compreensão dos conflitos da primeira infância e do importante papel desempenhado pela sexualidade infantil, sendo a teoria da sedução ultrapassada. Simultaneamente surge em 98 o primeiro esboço da *Interpretação dos Sonhos*, que toma a sua forma final no verão de 99. Mas a psicanálise nasce quando Freud reconhece que os sonhos e as questões clínicas relacionadas com as neuroses eram um só e mesmo problema, compreendendo que a explicação dos sintomas neuróticos era a mesma que a dos sonhos, passando de uma concepção etiológica das neuroses para a concepção genética e dinâmica.

Nesta nova etapa, que ora se inicia, decresce a necessidade de encontrar apoio na fisiologia para explicar os processos psicológicos. Este facto vai interferir nas relações entre Freud e Fliess. A partir desta altura, o afastamento entre estes dois homens vai-se tornando irreversível

até ao corte definitivo, que se dá em Setembro de 1902.

Pensamos ser importante referir que a primeira tentativa no sentido de explicar psicologicamente o funcionamento do aparelho psíquico surge na obra de 1900 *Interpretação dos Sonhos*, onde descreve a estrutura psíquica já desligada da perspectiva fisiológica. Esta estrutura que aparece com forma definitiva nesta obra teve uma primeira forma, que pode ser considerada como uma passagem da perspectiva do aparelho psíquico apresentada no *Esboço e a dos Sonhos*. Esta forma intermédia foi descrita a Fliess numa carta de Dezembro de 1896.

No capítulo, Psicologia dos Processos Oníricos, da *Interpretação dos Sonhos*, Freud expõe a primeira teoria do aparelho psíquico. O seu estudo dos sonhos levou-o a considerar que todo o processo psíquico se situa entre uma extremidade perceptiva e uma extremidade motriz do aparelho, *toda a nossa actividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em enervações*. Este aparelho é concebido segundo um modelo topográfico constituído por três sistemas, o sistema inconsciente, sede das representações dos instintos e do recalcado, regido pelo princípio do prazer, caracteriza-se pela existência de uma energia móvel circulando entre as representações com tendência para a descarga, Freud definiu este funcionamento como processo primário. O sistema pré consciente e o sistema consciente com um funcionamento caracterizado pelo processo secundário, onde a energia não circula livremente e o princípio da realidade predomina sobre o do prazer. O sistema consciente está encarregado de registar as informações do exterior e de assegurar ajustamentos mais discriminativos das sensações interiores, sendo predominantemente um sistema perceptivo.

Entre cada um destes sistemas situam-se censuras que controlam a passagem de um sistema para outro, o que acentua a dimensão espacial deste modelo do aparelho psíquico. Freud

defende ainda a existência de uma sucessão de sistemas mnésicos formados por grupos de representações, constituindo a base da associação, *esta consistirá então em que, seguindo a menor resistência, se propagará a excitação preferencialmente de um primeiro elemento Tm a um segundo elemento, em lugar de saltar para outro terceiro. Um exame mais cuidadoso mostra-nos, pois, a necessidade de aceitar a existência de mais de um destes sistemas Tm, em cada um dos quais é objecto de uma distinta fixação a excitação propagada pelos elementos perceptivos.* Estes sistemas podem ser percorridos numa direcção normal progressiva, ou num sentido regressivo, que é denominada por regressão tópica, sendo o sonho o fenómeno que exemplifica esta regressão. No sonho os pensamentos podem regredir a imagens visuais próximas da percepção que está situada na origem do percurso da excitação, *falamos de regressão quando a representação fica transformada, no sonho, naquela imagem sensível da qual nasceu anteriormente.*

É no sentido tópico que Freud introduz o conceito de regressão para explicar uma característica essencial do sonho. Também na teoria da formação de sintomas neuróticos a regressão desempenha um papel de igual importância, mas aqui distingue outros dois tipos de regressão para além da tópica, que são a temporal e a formal, *mas estas três classes de regressão são no fundo uma mesma coisa, e coincidem na maioria dos casos, pois o mais antigo temporalmente é também o primitivo na ordem formal, e o mais próximo, na tópica psíquica do extremo da percepção.*

O acto de sonhar surge como uma regressão, fazendo ressurgir a infância com todos os impulsos e formas de expressão, *o desejo representado no sonho tem de ser um desejo infantil, que entra em conexão com os restos diurnos recentes.*

Os restos diurnos são essenciais para a formação onírica. A representação inconsciente incapaz de chegar ao pré consciente, transfere para uma representação pré consciente, não censurável, a sua intensidade, surgindo assim através desta. *Vemos, pois, que se os restos diurnos que participam na formação do sonho tomam algo do inconsciente, isto é, tomam a força impulsionadora do desejo reprimido, também oferecem por sua vez ao inconsciente algo imprescindível: o objecto da transferência.*

É esta origem bipolar do sonho, restos diurnos - inconsciente, que conjuntamente com a compreensão da sexualidade infantil, tornou possível chegar a uma concepção mais alargada da neurose. Lembramos o que nos diz Freud, quando fez a revisão da teoria dos sonhos nas *Novas Conferências de Introdução à Psicanálise*, escritas em 1932. *A teoria dos sonhos ocupa na história da psicanálise um lugar especial, tendo implicado uma viragem; com ela a análise passou de um procedimento terapêutico a uma psicologia abissal. A teoria dos sonhos é desde então o mais característico e singular da nossa jovem ciência; algo impar no conjunto geral do nosso saber; um domínio novo conquistado às crenças populares e à mística.*

Depois de assistirmos ao nascimento da psicanálise como ciência independente, que custou a Freud a perda da sólida amizade que durante anos manteve com Fliess, vamos centrar a nossa atenção na evolução do conceito de transferência.

Como já referimos, a primeira vez que Freud fala de transferência é no último capítulo dos *Estudos sobre a Histeria*, referindo-se às dificuldades ligadas à utilização da hipnose nas suas terapias. Depois de substituir o método catártico pela psicanálise encontramos uma primeira referência ao papel da transferência no tratamento psicanalítico, na carta escrita a Fliess, em

Abril de 1900, quando se refere a um dos seus pacientes, E., cuja *maneira de ser se modificou inteiramente; mas que conservou, no entanto, alguns sintomas residuais*. Freud refere-se à transferência como sendo a causa da duração *infunda* do tratamento deste paciente, tratamento que decidiu suspender por considerar que se tratava neste caso de um *compromisso entre o estado de doença e de saúde, compromisso que desejam os próprios doentes, mas ao qual o médico não se deve prestar*. Nesta altura, Freud, ainda que tivesse conhecimento do fenómeno da transferência, não sabia como ultrapassá-lo tecnicamente.

Para nos podermos inteirar da técnica de Freud nesta mesma época, impõe-se uma abordagem ao escrito *Fragmento da Análise de uma Histeria*, redigido em 1899 e publicado em 1905. Aqui é analisado o caso de uma jovem paciente a quem deu o nome de Dora, sendo objectivo de Freud demonstrar neste escrito *como a interpretação dos sonhos intervém no trabalho analítico*, sendo também uma ocasião para expressar *pela primeira vez uma parte das minhas opiniões sobre os processos psíquicos e sobre as condições orgânicas da histeria*.

Tendo presentes os objectivos expressos no início, no epílogo deste caso Freud refere que só a técnica terapêutica é *puramente psicológica*, pois a teoria, já que parte do pressuposto que na origem da histeria está a função sexual que é indiscutivelmente um factor orgânico, *não omite assinalar a base orgânica da neurose*. Encontramos ainda uma advertência no sentido de reforçar a ideia de que a sexualidade é acima de tudo a *força impulsionadora de cada um dos sintomas e de cada uma das manifestações dos mesmos*. No que diz respeito aos sonhos falamos da interpretação onírica feita aos sonhos relatados durante a análise, que foi feita de uma forma análoga à interpretação psicanalítica.

O caso aqui descrito, que durou apenas três meses, teve um fim súbito determinado pelo desejo

da paciente de interromper prematuramente o tratamento, não sendo um exemplo óptimo para dar uma ideia exacta do valor da terapia psicanalítica. No entanto é importante sublinhar, que nos casos em que os sintomas entram *ao serviço de motivos exteriores da vida*, como no caso aqui descrito, os sintomas não desaparecem no decorrer do tratamento, mas só depois deste estar terminado e *dissolvidas as relações entre o paciente e o médico*, estando a cura dependente da pessoa do médico.

Relacionado com este facto, Freud faz uma referência mais detalhada à transferência, surgindo pela primeira vez, já não como o entrave maior da análise, mas como *um factor imprescindível e necessário à análise*, sempre que o médico consegue adivinhá-la e traduzi-la ao paciente.

Durante a cura analítica não se produzem novos sintomas, mas a produtividade da neurose actua na criação de uma ordem especial de produtos mentais, inconscientes na sua maior parte, aos que podemos dar o nome de transferências. Pergunta ainda o que são as transferências? *Reedições ou produtos ulteriores dos impulsos e fantasias que hão-de ser despertados e tornados conscientes durante o decurso da análise e que apresentam como característica singular a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. As relações dum ontem distante "ressuscitam" tornando-se relações vividas num hoje com a pessoa do médico. São simples reproduções, reedições ou reedições corrigidas.*

Apesar da transferência ser um factor necessário à análise, Freud refere a necessidade de a combater, sendo este combate um dos aspectos mais difíceis do trabalho analítico, pois a transferência tem de ser adivinhada pelo médico sem auxílio do exterior. Mais uma vez afirma que *o tratamento psicanalítico não cria a transferência; limita-se a descobri-la como descobre outras tantas coisas ocultas da vida psíquica.*

Nesta obra já encontramos a transferência a tomar corpo, a impor-se como um instrumento da psicanálise, pela primeira vez ela surge como factor de extrema importância na análise. Freud atribui o fim precoce do caso Dora à sua incapacidade de se aperceber a tempo da transferência. Quando se refere à advertência, contida no primeiro sonho, relativamente ao fim da análise diz-nos, *a transferência surpreendeu-me desprevenido, e por causa de um "algo" em que eu lhe recordava K., Dora fez recair sobre mim a vingança que queria exercer sobre K. e abandonou-me como queria ter sido enganada e abandonada por ele. A paciente viveu de novo um fragmento essencial das suas recordações e fantasias em lugar de reproduzi-lo verbalmente na cura.*

Podemos considerar este escrito como um marco na evolução do conceito de transferência na obra de Freud. A partir desta altura a transferência vai-se tornar progressivamente protagonista da cena analítica.

Em 1909 nas *Cinco Conferências de Psicanálise*, pronunciadas nos E.U.A., Freud faz uma retrospectiva da psicanálise, começando por atribuir a Breuer o mérito de *ter dado vida à psicanálise*. Ao referir-se ao caso de Anna O., que descreve, de novo faz referência à teoria, de Breuer, dos estados hipnóides afirmando que esta se havia tornado *superflua e embaraçosa, tendo sido abandonada pela psicanálise actual.*

Fala ainda da teoria da repressão que surgiu da análise feita das resistências a associar, e que se tornou um dos pilares fundadores da teoria das neuroses. Os acontecimentos perdidos no tempo, que haviam sido substituídos pelos sintomas, deviam a sua exclusão da memória a uma repressão vinda do Eu consciente, logo os sintomas surgiam como substitutos de satisfações proibidas, mas as recordações esquecidas não se perdem, estão *dispostas a surgir por*

*associação com outras recordações não esquecidas, mas uma força indeterminada impedia-as, obrigando-as a permanecerem inconscientes. Esta força que mantinha o estado patológico fazia-se notar como uma resistência do paciente.*

Depois de fazer uma referência à sexualidade infantil e à importância do sonho, afirmando uma vez mais, que *a interpretação dos sonhos é, na realidade, a via régia para chegar ao conhecimento do inconsciente e a base mais firme da psicanálise*, faz uma afirmação extremamente significativa, dizendo que as neuroses não têm um conteúdo psíquico especial que não possa ser encontrado nos indivíduos sãos. *É de circunstâncias quantitativas e das relações das forças que combatem entre si que depende que a luta conduza à saúde, à neurose ou a sublimações compensadoras.*

Apesar do protagonismo da transferência, a que fizemos referência, nestas conferências ela ainda é apresentada como *um fenómeno estranho*, que surge durante a análise, consistindo num conjunto de sentimentos ternos e hostis que o paciente dirige ao médico. Reforçando o sentido de exterioridade deste fenómeno, refere-se a esta conduta como não tendo nenhum fundamento real, sendo consequência *dos antigos desejos imaginativos tornados inconscientes*. Assim, *pois, o paciente vive, na sua relação com o médico, aquela parte da sua vida sentimental que já não pode fazer voltar à memória, e através deste viver de novo na transferência fica convencido, tanto da existência como do poder de tais impulsos sexuais inconscientes.*

Neste escrito surge pela primeira vez a afirmação de que a transferência é um fenómeno universal estando presente em todas as relações humanas, sendo um factor extrínseco à psicanálise, limitando-se esta a revelá-la.

Pensamos ser oportuno referir, neste momento em que vemos a transferência a ganhar maior significado na reflexão de Freud, como é notório quando afirma que, *este fenómeno é decisivo não só para a convicção do paciente, como também para a do médico*, que esta veio pôr em causa o modelo naturalista sobre o qual alicerçou todo o seu caminho. Veio enviesar o seu discurso científico, levando-o a reforçar, a cada passo, a dimensão da transferência como um factor exterior à análise.

Freud não podia aceitar que aquilo que é comunicado na relação terapêutica pudesse ter um significado de comunicação ao outro, pois assim perderia a objectividade devendo ser analisado adentro dessa relação, o que seria uma ameaça ao sonho, tão querido, de conseguir estatuto científico para a psicanálise.

Até esta altura encontramos Freud centrado no paciente, preocupando-se em compreender os processos que se produzem no interior deste. Os aspectos relacionados com as atitudes e posição do terapeuta surgem pela primeira vez em 1910 no seu escrito *Perspectivas Futuras da Terapia Psicanalítica*, onde Freud tece algumas considerações sobre as perspectivas da psicanálise. Quando se refere ao progresso da técnica analítica diz-nos que outras inovações da técnica dizem respeito à pessoa do médico. *Tornou-se visível a transferência recíproca que surge no médico sob a influência do paciente no seu sentir inconsciente. Estamos inclinados a exigir, como norma geral, o reconhecimento desta transferência recíproca pelo médico e a sua superação.*

A contratransferência é definida como a reacção inconsciente do analista à transferência do paciente, considerando a necessidade do trabalho do analista começar pela sua auto análise, que deverá ser aprofundada no decorrer da sua experiência analítica. Sem esta auto análise o

analista não se poderá libertar dos seus *pontos cegos*, pois cada analista *só chega até onde lhe permitem os seus próprios complexos e resistências interiores*.

Continuando a centrar-se na pessoa do analista, ainda em 1910, no escrito *A Psicanálise Selvagem*, Freud ao reafirmar que o trabalho da terapia analítica é combater as resistências, que são a causa do factor patogéneo, refere-se a duas condições que deverão estar presentes para que a comunicação do reprimido se possa fazer; é necessário que o paciente se aproxime por ele próprio do reprimido e que esteja estabelecida a transferência com o médico de forma a que, *a relação afectiva com ele torne impossível uma fuga*. Só o cumprimento destas duas condições torna possível descobrir as resistências que conduziram à repressão e à ignorância. Neste sentido faz uma advertência, em relação aos perigos da psicanálise selvagem, realçando o facto de a psicanálise, sendo uma técnica muito específica, não se aprender nos livros, mas aprender-se *sob a orientação daqueles que já a dominam*, como acontece com outras técnicas médicas.

Com o objectivo de evitar a "psicanálise selvagem", que acarreta perigos para os possíveis pacientes como para a credibilidade da própria psicanálise, refere a fundação da Associação Psicanalítica, que publica o nome dos seus membros, desresponsabilizando-se, deste modo, da actuação dos "psicanalistas selvagens".

Mas é no escrito de 1912, *Recomendações aos Médicos que Praticam Psicanálise*, que Freud expõe de uma forma mais precisa os conceitos de contratransferência e de atenção flutuante, ao tratar de aspectos específicos da técnica analítica.

Considerando que a função básica do analista é viabilizar, no paciente, a possibilidade de

tornar consciente o inconsciente, princípio básico da psicanálise, captar o inconsciente do paciente será uma das tarefas primeiras.

Esta captação torna-se possível através do próprio inconsciente do analista, o que vai levar à necessidade do analista criar uma regra fundamental equivalente à regra fundamental do analisando, isto é, torna-se necessário que crie uma situação interna na qual esteja disposto a admitir na sua consciência todos os pensamentos e sentimentos possíveis, *o princípio de acolher tudo com igual atenção é a contrapartida necessária da regra que impomos ao analisando, exigindo-lhe que comunique, sem crítica nem selecção alguma, tudo o que lhe ocorra. Se o médico se conduz de forma diferente anulará quase por completo os resultados obtidos com a observação da regra fundamental psicanalítica por parte do paciente.* Esta disposição interna do analista foi chamada por Freud de atenção flutuante, pois consiste num não fixar a atenção em nenhuma direcção determinada. Este "flutuar" vai possibilitar que a consciência do analista se deixe surpreender por fantasias rejeitadas e acontecimentos reprimidos, abandonando-se à sua memória inconsciente.

Este "flutuar" evita o risco, que sempre corre o analista, de seleccionar de acordo com as suas esperanças e tendências próprias, o que irá falsear, inevitavelmente, os dados que o paciente lhe transmite. Afirmando que o analista deve orientar para o inconsciente do paciente o seu próprio inconsciente, *como órgão receptor, comportando-se com respeito ao analisado como o receptor do telefone com respeito ao emissor.*

Tal como a transferência foi considerada como um obstáculo ao fluir das associações livres do paciente, também a contratransferência é vista como um obstáculo à liberdade de compreensão do paciente pelo analista. A contratransferência surge como uma espécie de resistência do

psicanalista. Para evitar este perigo é imprescindível que o analista se tenha submetido a uma *purificação psicanalítica*, fazendo uma referência elogiosa à escola analítica de Zurich que estabeleceu que para se praticar psicanálise é indispensável haver-se sido previamente analisado.

Em relação à atitude do analista faz ainda algumas recomendações técnicas, defendendo a ideia que o analista deverá ser *opaco para os seus pacientes e, tal como um espelho, não mostrar mais do que o que lhe é mostrado*. Recomenda ainda que o analista deverá esperar pelo fim da análise para submeter o material reunido a um trabalho de síntese, a uma análise que leve à elaboração científica do caso.

Enquanto a transferência, de obstáculo, passou num curto espaço de tempo, a ser o instrumento mais poderoso do tratamento, a contratransferência permaneceu com uma imagem negativa, não tendo nunca sido vista, por Freud, como um instrumento para o trabalho analítico.

Abrimos aqui um parêntesis para referir, como nota, que ao reflectirmos sobre a atenção flutuante, conceito ao qual fomos particularmente sensíveis, pensamos na contratransferência concordante de Racker e no analista sem desejo, sem memória e sem compreensão que mais tarde Bion vai preconizar. Este flutuar que permite ao analista identificar-se com o analisando, sentindo em uníssono com ele, esboça a nova dimensão da contratransferência que posteriormente se irá desenhar.

Ainda em 1912, continuando centrado na técnica analítica, retoma o tema dos sonhos, que como já afirmamos, tanta importância teve na viragem da técnica e na construção da teoria analítica, no escrito *O Emprego da Interpretação dos Sonhos na Psicanálise*. Quando

introduz este trabalho, Freud adverte que aqui não se centra na técnica da interpretação dos sonhos, mas sim na utilização da sua interpretação no tratamento psicanalítico. Pareceu-nos interessante fazer uma muito breve referência a este escrito, pois aqui, Freud fala de um tipo de sonhos que só podem surgir no decurso de uma análise, os sonhos corroborativos, que se apresentam como *facilmente interpretáveis e cuja tradução nos oferece só aquilo que a cura havia deduzido nos últimos dias do material de ocorrências diurnas. Parece assim como se o paciente tivesse tido a amabilidade de produzir, em forma de sonho, precisamente aquilo que lhe foi sugerido antes.*

Este sonho corroborativo, contra o qual o analista devia ficar advertido, considerando-o como influência do tratamento e não como o resultado da amabilidade do paciente, fez-nos reflectir sobre o sonho com valor expressivo, que o paciente constrói para o analista, mas que não podia ser entendido, como tal, por Freud, pois implicava a aceitação da sua dimensão relacional e a valorização do contexto transferencial onde o sonho surgia.

Depois desta abordagem, à laia de nota, do sonho, continuando em 1912, surge-nos a *Dinâmica da Transferência*. Neste escrito a transferência é vista basicamente como resistência.

*O indivíduo cujas necessidades eróticas não são satisfeitas pela realidade, orientará representações libidinosas para toda a nova pessoa que surja no seu horizonte, sendo muito provável que as duas porções da sua libido, a capaz de consciência e a inconsciente, participem neste processo. É assim perfeitamente normal que a transferência surja na relação analítica, mas há dois aspectos que Freud não consegue ainda explicar: a razão porque a transferência na análise, se mostra mais intensa que noutras situações e se opõe como a*

resistência mais forte contra o tratamento, enquanto fora da relação analítica ela constitui um precioso aliado deste.

Freud vai centrar-se na explicação do segundo aspecto, considerando que na origem da neurose há diminuição da libido capaz de consciência e um aumento da parte inconsciente, distante da realidade; a cura analítica vai procurar tornar essa parte da libido acessível à consciência, pondo-a ao serviço da realidade. O que se verifica é que todas as forças que levaram à regressão da libido vão surgir como resistências, contra qualquer trabalho analítico.

*Freud refere que se acompanharmos um complexo patogênico desde a sua representação no consciente (visível como sintoma ou totalmente invisível) até às suas origens no inconsciente, chegamos a uma região na qual se impõe de tal modo a resistência que as ocorrências imediatas têm de contar com ela e apresentarem-se como uma transação entre as suas exigências e as do trabalho de investigação. A experiência mostrou-nos ser este o ponto em que a transferência inicia a sua actuação. A transferência estabelece-se sempre que há algo que pode ser transferido para a pessoa do médico surgindo como uma resistência, afirmando ainda que se determinada ideia chegou à consciência de preferência a todas as outras possíveis, é porque satisfaz também a resistência.*

Quando Freud analisa as razões que levam a transferência a tornar-se uma arma privilegiada da resistência, fala pela primeira vez de dois tipos de transferência: a transferência positiva e a transferência negativa.

A transferência positiva sublimada em que os impulsos eróticos surgem sublimados como sentimentos amistosos e ternos, que vai levar à superação das resistências. Freud compreendeu

que a vontade que o paciente manifesta em colaborar e a crença no médico, eram a expressão dos antigos sentimentos de afecto pelos pais. A transferência positiva é vista como uma importante aliada da psicanálise.

Enquanto a transferência negativa ou sexual é vista como uma inimiga, nela predominam os sentimentos de hostilidade e desconfiança, convertendo-se numa resistência. Torna-se, assim, vital a sua superação, para viabilizar a continuação do trabalho analítico.

Estes dois tipos de transferência coexistem dirigidos sobre a mesma pessoa. Esta coexistência permite ao paciente utilizar um aspecto da transferência para se poder defender contra a emergência perturbadora do outro. A luta entre o médico e o paciente desenrola-se no terreno dos fenómenos da transferência. Ainda que esta luta apresente as maiores dificuldades para o analista, constituindo um verdadeiro desafio, a verdade é que os fenómenos da transferência prestam o extraordinário serviço à análise de tornar actuais e manifestos os impulsos ocultos e esquecidos, *pois nada pode ser vencido na ausência ou em efigie*. Incapacitado de relembrar, devido à impossibilidade das vivências mais arcaicas terem acesso à memória, o paciente repete na relação com o médico velhos sentimentos dirigidos originalmente aos primeiros objectos de amor, que são geralmente os pais.

Assim, os sentimentos dirigidos ao médico são, pois, transferidos dos objectos originais e as características que a transferência vai apresentar estão directamente dependentes das características particulares da neurose de cada paciente, ligadas inevitavelmente à sua própria historia. Não são o resultado da situação analítica que é comum a todos.

As qualidades únicas da transferência vivida pelo paciente vão adquirir novo significado

quando Freud introduz o conceito de neurose de transferência.

O conceito de neurose de transferência surge em 1914 no escrito *Recordação, Repetição e Elaboração*, onde encontramos uma extraordinária síntese da evolução da técnica analítica. Em poucas palavras sintetiza o resultado de um longo e penoso trabalho de investigação. A passagem do método catártico em que *a recordação e a derivação por reacção eram os objectivos que então pretendíamos com a ajuda do estado hipnótico*, para o método psicanalítico em que *o paciente não recorda nada do esquecido ou reprimido mas vive de novo. Não o reproduz como recordação mas como acto*.

O tratamento vai-se centrar na transferência, ou melhor, na neurose de transferência, pois o reviver das relações primeiras implica o retorno dos conflitos neuróticos a elas associados. *A transferência cria assim uma zona intermédia entre a doença e a vida, através desta zona vai tendo efeito a transição da primeira para a segunda. O novo estado acolheu todas as características da doença, constituindo uma doença artificial, acessível à nossa intervenção*.

É no aqui e agora que as resistências vão ser vencidas, através da sua progressiva revelação e elaboração. Ainda que esta elaboração das resistências, na prática clínica, se constitua num trabalho penoso que implica sofrimento para o paciente e uma dura prova para a paciência do médico, constitui parte do trabalho que exerce sobre o paciente maior acção transformadora e que estabelece a grande diferença entre o tratamento analítico e toda a anterior influência por sugestão.

Freud sublinha que a superação desta neurose artificial, é equivalente à superação da enfermidade que o paciente originalmente apresentava.

Desde as primeiras referências que encontramos à transferência, estava subjacente o amor ao homem como um facto inevitável, fosse o amor na sua expressão sexual ou o amor sublimado. No escrito de 1915, *Observações sobre o Amor de Transferência*, Freud analisa como a resistência se serve do enamoramento para impedir o tratamento.

Fala-nos, uma vez mais, das dificuldades que apresenta para o analista o *manejo da transferência*, devendo o analista ter sempre presente que não tem o direito de negar a autenticidade deste enamoramento, sublinha, no entanto, alguns aspectos que lhe conferem uma posição especial. Este amor não surge naturalmente, ele é provocado pela situação analítica e a sua intensidade depende da resistência dominante na situação, assim apresenta-se como menos prudente e mais cego na avaliação do objecto de amor, que outro qualquer enamoramento normal.

Estes aspectos deverão estar sempre presentes no analista, o que o deverá levar a precaver-se contra uma possível contratransferência que poderá surgir nele. É necessário ter sempre presente que o analista *trabalha com forças explosivas e que deverá observar a mesma prudência e ter os mesmos escrúpulos que um químico no seu laboratório*.

O enamoramento não deve ser reprimido nem correspondido, deve sim ser vivido como um facto irreal, como uma situação pela qual tem de fatalmente passar a análise, que se reporta às suas origens inconscientes, e que se vai, inevitavelmente transformar numa ajuda para tornar conscientes *os elementos mais ocultos da vida erótica do paciente*.

Este facto irreal, este amor que nasce, independentemente das características do objecto investido, apresenta as mais íntimas relações com a própria natureza do estado patológico.

Freud refere, em 1916 nas *Conferências de Introdução à Psicanálise*, que este afecto existia no paciente no estado latente sofrendo uma transferência para a pessoa do médico, transferência que *com tanta dificuldade se viu obrigado a aceitar*, mas que possibilita a substituição do inconsciente pelo consciente, estando presente nos homens como nas mulheres. Também nos pacientes homens, se encontra uma sobrevalorização do médico como pessoa, embora nestes, Freud tenha observado com mais frequência, a transferência negativa ou hostil.

Nestas Conferências Freud refere que a descoberta da transferência, vista como fenómeno que depende do estado patológico e já não como um mero acidente de percurso, levou-o a afirmar convictamente que *os sintomas constituem satisfações libidinosas substitutivas*. Esta constatação implicou a necessidade de rectificar a anterior concepção do processo de cura. A forma de vencer a transferência é demonstrar ao paciente que estes sentimentos vividos na relação com o médico são reproduções de situações anteriores, que estão ligados à sua própria história.

A substituição do inconsciente pelo consciente acontece através da investigação da repressão, da descoberta das resistências e da emersão do reprimido. A luta contra as resistências, constitui o essencial do trabalho analítico. Mas esta luta trava-se no terreno da transferência, os sintomas perdem o seu significado primitivo adquirindo um novo sentido dependente da transferência, *assim, pois, a transferência é comparável à capa vegetal existente entre a cortiça e a madeira das árvores, capa que constitui o ponto de partida da formação de novos tecidos e do aumento de espessura do tronco*.

A cura desta neurose artificial, neurose de transferência, coincide com a da neurose primitiva, que é o objectivo do tratamento. Quando o paciente consegue libertar a sua relação com o

analista da acção das tendências reprimidas, irá mostrar um funcionamento normal em todos os momentos da sua vida. Voltando ao objectivo da análise que é, como já referimos, a substituição do inconsciente pelo consciente, o paciente irá ter *um pouco mais de consciente e um pouco menos de inconsciente que anteriormente. O neurótico curado transformou-se, com efeito, noutra pessoa; mas no fundo continua, naturalmente, a ser o mesmo; isto é, o que teria podido ser independentemente do tratamento, em condições mais favoráveis.*

Vimos a importância que a transferência adquiriu no processo analítico. Ela transformou-se na sua ferramenta mais importante, é o terreno onde as transformações acontecem, onde se processa a química que leva o Homem, através de um processo de crescimento, a concretizar-se, a aproximar-se mais do Homem que ele realmente é.

Impõe-se uma paragem no escrito de 1917 *Luto e Melancolia*, pois é neste texto que Freud introduz o objecto na compreensão do psiquismo, ao esclarecer a *essência da melancolia comparando-a com o luto, afecto normal paralelo a ele*. Freud quando analisa o luto e a melancolia refere-se à diminuição da auto estima que se verifica na melancolia e que é o único aspecto que diferencia estes dois estados. Refere ainda um empobrecimento do eu e a necessidade que o melancólico manifesta de tornar públicos os seus defeitos, como se esse facto lhe pudesse trazer alguma satisfação.

Ao verificar que os defeitos de que o melancólico se acusa se adaptam melhor ao objecto perdido, afirma que estas críticas *procedem do pró e contra do combate amoroso que conduziu à perda erótica*, assim as lamentações são acusações a outrem.

Freud vai explicar este facto a partir da valorização da relação de objecto, *ao princípio havia*

*uma escolha de um objecto, ou seja um enlace da libido a uma pessoa determinada. Pela influência de uma ofensa real ou de um desengano, infligido pela pessoa amada, a relação altera-se levando a uma identificação do eu com o objecto amado, e o conflito entre o eu e o objecto transforma-se num conflito entre a crítica do eu (superego) e o eu transformado no objecto.*

Este texto pareceu-nos de extremo significado, pois aqui surge-nos não só a valorização da relação de objecto mas também a transformação do conflito relacional num conflito intrapsíquico. Esta identificação com o objecto perdido leva a que o eu se transforme, em parte, no objecto.

De novo sentimos que Freud anuncia os passos que se irão dar neste sentido, nomeadamente com Klein, mas que nesta altura ele só pode afirmar: *sabemos já, com efeito, que a coerência dos complicados problemas anímicos nos obriga a abandonar sem terminar, cada uma das nossas investigações parciais até que os resultados de outra nos auxiliem na sua continuação.*

Continuando no caminho que temos vindo a desenvolver vamos fazer uma paragem um pouco mais prolongada na obra de Freud escrita em 1920 *Para Além do Princípio do Prazer*, pois, nesta obra, Freud vai repensar e reformular alguns dos seus conceitos fundamentais.

Logo nas primeiras páginas começa por repensar o que diz respeito ao princípio do prazer, afirmando que na impossibilidade de fundamentar, numa teoria científica já existente, o significado das sensações de prazer e desprazer, que surgem de uma forma tão evidente e imperativa, na prática terapêutica, viu-se na necessidade de *Relacionar o prazer e o desprazer*

*com a quantidade de excitação existente na vida anímica, excitação que não está ligada a nenhum factor determinado, correspondendo o desprazer a uma elevação e o prazer a uma diminuição.*

Refere ainda que foi levado a considerar que a vida psíquica é regida pelo princípio do prazer, devido ao facto de uma das tendências do aparelho psíquico ser a de *manter constante a quantidade de excitação nele existente*, no entanto, agora, vai considerar que embora haja, no funcionamento psíquico uma tendência ao princípio do prazer, há outras forças que se lhe opõem levando a que no resultado final ele não seja sempre satisfeito. Assim, encontra-se no processo de desenvolvimento normal do homem, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade, por influência das forças do instinto de conservação do eu.

*Outra fonte não menos normal da génese do desprazer surge dos conflitos e dissociações que têm lugar no aparelho psíquico enquanto o eu verifica a sua evolução até organizações de complexidade superior.* Há instintos que são reprimidos não sendo satisfeitos e quando conseguem libertar-se, escapando-se à repressão, provocam desprazer no eu, Freud conclui que *Todo o desprazer neurótico é desta natureza: prazer que não pode ser sentido como tal.*

Nesta obra a repetição na transferência, é um dos aspectos em que Freud se vai centrar para justificar a importância que vai dar à compulsão para a repetição. Evoca ainda a neurose traumática, a neurose de destino e o jogo infantil, onde a repetição de experiências desagradáveis está notoriamente presente, para poder afirmar que *é incontestável que a maior parte daquilo que a compulsão à repetição faz viver de novo tem que produzir desprazer no eu, pois trás para a superfície funções dos sentimentos reprimidos; mas este é um desprazer que não contradiz o princípio do prazer: desprazer para um sistema e ao mesmo tempo*

*prazer para outro.*

Desde o momento em que Freud começou a utilizar a técnica psicanalítica, que ele reconheceu a importância dos processos de repetição, descrevendo a transferência como a vivência com o analista de uma repetição do passado. Mas só agora lhe vai dar a importância de um princípio de funcionamento mental que vai para além do princípio do prazer, *os fenómenos da transferência acham-se claramente ao serviço da resistência por parte do eu, que, obstinado com a repressão e com o manter o princípio do prazer, chama em seu auxílio a compulsão à repetição. A compulsão à repetição parece ser mais primitiva, elementar e instintiva que o princípio do prazer ao qual se substitui.* Esta constatação vem pôr em causa o que até aqui tinha sido considerado, destronando de uma certa forma, o princípio do prazer, que ao longo de toda a obra de Freud, se manteve em primeiro plano, na compreensão da organização mental do Homem, situando a origem das neuroses num problema de desprazer.

Ainda nesta obra, ao fazer uma revisão da teoria da libido, Freud refere a oposição aceite até esta altura, entre os instintos do eu e os instintos sexuais que são dirigidos sobre o objecto. Refere ainda que ao estudar a evolução da libido da criança, nas suas fases mais precoces, chegou à constatação de que o eu é o verdadeiro e primitivo depósito da libido, que parte dele para chegar ao objecto. Desta forma o eu passou a poder ser considerado como um dos objectos sexuais, surgindo desta constatação a noção de narcisismo, *esta libido narcísica era também, naturalmente, a exteriorização da energia dos instintos sexuais no sentido analítico; instintos que tivemos de identificar com os instintos de conservação.* A introdução do conceito de narcisismo não levou, de imediato, à alteração do até então estabelecido, introduzindo no entanto uma alteração, os instintos sexuais podem fazer incidir a sua energia num objecto exterior, que é a libido objectal, ou no eu, que é a libido narcísica. Esta

descoberta, de que no eu actuavam, juntamente com outros, os instintos sexuais, levou à verificação de que a divisão até então considerada de instintos sexuais e instintos do eu era insuficiente.

A alteração da primeira teoria dos instintos impõe-se. Se até este momento o conflito entre os instintos sexuais e instintos do eu é o sentido do conflito neurótico, e o recalçamento o resultado da predominância dos instintos do eu, agora vai surgir a segunda teoria dos instintos e vamos ver surgir pela primeira vez, a oposição entre os instintos de vida e os instintos de morte, que irá permanecer até ao fim da sua vida. Este novo dualismo corresponde ao dos processos biológicos de construção e de destruição, presentes no organismo.

Os instintos de morte surgem nesta nova conceptualização, como uma real inovação. Freud chega até eles através de múltiplas considerações especulativas, como ele próprio afirma, mas que têm por base a existência da compulsão à repetição.

Pensamos poder afirmar que a teoria dualista dos instintos de vida e instintos de morte, ainda que não tenha sido totalmente integrada na teoria dos instintos de Freud, abriu uma nova era do desenvolvimento psicanalítico, possibilitando uma maior compreensão dos fenómenos agressivos da vida mental. A dualidade pulsional juntamente com a introdução do objecto na compreensão do psiquismo marca uma nova viragem na teoria psicanalítica.

Na sequência das ideias desenvolvidas na obra, *Para Além do Princípio do Prazer*, surge em 1923 *O Ego e o Id*, Freud afirma logo no início desta obra, que repega as ideias anteriormente desenvolvidas, junta-as, relaciona-as com diversos acontecimentos da observação analítica e tenta deduzir desta união, novas conclusões. Segundo a sua opinião,

neste trabalho, *acha-se mais perto da psicanálise do que do mais para além*. Aqui vai ser delineada a segunda tónica Freudiana, mudança decisiva na explicação do funcionamento mental. O modelo estrutural vem substituir o modelo topográfico do aparelho psíquico. Os três sistemas são substituídos pelas três instâncias.

Depois de descrever o modelo topográfico que divide o aparelho psíquico em consciente, pré-consciente e inconsciente refere-se às insuficiências que esta divisão apresentou na compreensão dos fenómenos psíquicos.

*O inconsciente não coincide com o reprimido. Todo o reprimido é inconsciente, mas nem todo o inconsciente é reprimido. Também uma parte do eu, cuja amplitude nos é impossível fixar, pode ser inconsciente, e seguramente que o é; esta constatação leva Freud a ver-se na necessidade de admitir um outro inconsciente que é apenas uma qualidade dos fenómenos mentais, um inconsciente que não chegará reactivar para o tornar consciente.*

Surge assim um novo problema que vem pôr em causa a ideia mestra do tratamento psicanalítico que é tornar consciente o inconsciente, e a interrogação é posta: *perguntaremos como é isto possível e o que quer dizer tornar alguma coisa consciente.*

Para responder a esta interrogação, Freud faz uma revisão de dois conceitos presentes desde o início da sua obra que são o de representação de coisa e o de representação de palavra.

Desde o início do desenvolvimento da teoria psicanalítica que Freud distingue dois tipos de representação; esta distinção tem um alcance metapsicológico, pois que enquanto o sistema inconsciente só compreende representações de coisa, os sistemas consciente e pré-consciente são

caracterizados pela ligação entre a representação de coisa, registo visual e a de palavra, registo auditivo, que lhe corresponde. Assim, enquanto as representações inconscientes permanecem ocultas, as preconscious são associadas a representações verbais, podendo dizer-se que as representações inconscientes se tornam preconscious através da sua ligação com representações verbais que lhe correspondem.

As representações verbais são traços mnésicos de percepções de palavras, podendo voltar a ser conscientes como acontece com todos os traços mnésicos; logo, *só pode tornar-se consciente aquilo que já foi alguma vez uma percepção consciente.*

Assim, no que diz respeito à análise, *tornamos (pré) consciente o reprimido, intercalando, por meio do trabalho analítico, elementos intermédios preconscious.* Portanto, *nem a consciência abandona o seu lugar nem o inconsciente se eleva até ao consciente.*

A neurose que era vista como um conflito entre o consciente e o inconsciente terá de ser entendida como consequência de um conflito entre o eu coerente e o eu reprimido, dissociado dele. Esta constatação vai implicar uma maior investigação do Ego, que se vai tornar uma parte modificada do Id por influência do mundo exterior, organizando-se a partir dos resíduos das relações abandonadas *contendo a história de tais relações.* Freud fala da importância que na diferenciação do Ego a partir do Id tem o sistema perceptivo e o próprio corpo, valorizando especialmente a sua superfície; assim, o Ego torna-se *antes de tudo um ser corpóreo, e não só um ser superficial, mas também a projecção de uma superfície.*

Dentro do Ego há uma parte que apresenta uma conexão menos firme com a consciência, o superego que *não se limita a ser um resíduo das primeiras escolhas de objecto do Id, mas é*

*também uma enérgica formação reactiva contra as mesmas*, é considerado como herdeiro do complexo de Édipo. É o Superego que vai explicar a reação terapêutica negativa, que Freud observou em determinadas situações, relacionando-a com um sentimento inconsciente de culpa que é devido à consciência do paciente, que é uma parte do Superego. Assim, a doença pode servir para diminuir o sentimento de culpa do paciente.

Importante realçar, que esta nova formulação do aparelho psíquico coexiste com a anterior, já que tanto o Ego como o Superego funcionam em parte fora da consciência e o Id é totalmente inconsciente. O conflito vai-se tornar intersistémico, sendo o Ego um mediador entre a realidade externa, o Id e o Superego, estabelecendo o contacto entre a realidade psíquica e o mundo exterior. O Id e o Superego têm um aspecto comum, ambos representam o passado, enquanto o Ego é principalmente determinado pelas suas próprias vivências, *pelo accidental e pelo actual*.

Depois de termos acompanhado as diferentes formulações do aparelho psíquico, ao longo da obra de Freud, neste momento chegamos à formulação última que irá estar presente até ao fim da vida de Freud.

Recorremos de novo às *Novas Conferências de Introdução à Psicanálise*, onde Freud, referindo-se às instâncias da personalidade, as descreve como três reinos, regiões ou províncias, divididas por fronteiras pouco precisas, em nada semelhantes às traçadas artificialmente na geografia política. Recorremos às suas palavras quando sintetiza os objectivos da terapia analítica, *o seu propósito é robustecer o Ego, torná-lo mais independente do Superego, ampliar o seu campo de percepção e desenvolver a sua organização, de forma a poder apropriar-se de novas partes do Id. Onde era Id, há-de ser*

*Ego.*

Ao longo deste capítulo tentamos mostrar como a transferência de entrave maior à psicanálise se transformou no seu instrumento mais precioso. De salientar que a divisão entre a transferência positiva, aliada, e a transferência negativa, inimiga, se manteve ao longo de toda a obra, facto que é claramente explicitado no último trabalho de Freud, que não chegou a terminar, *Resumo de Psicanálise*.

Nesta obra, ao falar da ambivalência da transferência, visto ela conter ao mesmo tempo atitudes ternas e hostis em relação ao analista, diz-nos que, *enquanto a transferência se mantém positiva ela presta-nos os maiores serviços. Modifica toda a situação analítica, relegando para segundo plano o propósito racional de não sofrer mais e de recuperar a saúde. Este propósito dá lugar ao de agradar ao analista e de obter a sua aprovação e o seu amor. A transferência torna-se assim a verdadeira força motriz da participação do paciente no trabalho analítico... Os sintomas desaparecem e parece curar-se só por uma razão, o amor pelo analista. Mas a realidade é que a transferência ao reproduzir a vivência infantil do paciente com os seus pais, implica a sua ambivalência, assim, não é possível evitar que um dia ou outro, a atitude positiva em relação ao analista se transforme numa atitude negativa e hostil, o que geralmente constitui uma repetição do passado.*

O importante para vencer a transferência negativa é, sempre que ela acontece, mostrar ao paciente que aquilo que ele acredita ser uma realidade nova, não é senão um reflexo do passado, desta forma restabelece-se a transferência positiva transformando-se os perigos em ganhos.

A transferência, que pode ser considerada como uma descoberta genial de Freud, manteve-se sempre, ao longo de toda a sua obra, como um fenómeno exterior à análise, com esta dupla dimensão de instrumento da psicanálise e de resistência maior. Ela é, como já referimos, o paradigma dos esboços traçados, "não devia" ter sido descoberta, pois, Freud, não podia aceitar que aquilo que é comunicado na relação terapêutica pudesse ter um significado de comunicação ao outro, devendo ser analisado adentro dessa relação. A aceitação deste facto iria implicar a perda da objectividade, condição sine qua non para a psicanálise conseguir estatuto científico, sonho que Freud acalentou desde o início do seu caminho.

No caminho que percorremos, foi-nos especialmente grato termos transformado um Freud cientista, figura por quem tínhamos o maior respeito, num Freud homem, pessoa que realmente nos fascinou. Pensamos poder afirmar neste momento, que eram infundadas as dúvidas que refere a Stefan Zweig, na última carta que lhe escreveu de Viena, poucos meses antes de partir para Londres. Nesta carta escreve, a propósito do seu trabalho, *ninguém pode prever como as gerações futuras o irão avaliar. Eu próprio não estou muito seguro, de qualquer maneira a dívida é inseparável da investigação, e não se encontrou certamente mais do que uma pequena parcela da verdade. O futuro próximo parece muito sombrio, mesmo para a minha psicanálise.* A verdade é que a psicanálise foi reconhecida, foi aceite e cresceu. Tem vindo a percorrer, desde a sua origem, um caminho de aproximação progressiva à verdade, caminho que será, tal como a análise, interminável.

Da mesma forma que o analista, *em certas situações analíticas pode actuar como modelo para o paciente e noutras como mestre, (Análise Terminável e Interminável)* podemos dizer que Freud foi e continua a ser o modelo e o mestre, para todos aqueles que se preocuparam e preocupam com o crescimento da psicanálise.

Freud estava realmente certo quando escreveu, *Nós não falharemos. Em vez da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos, cuja exploração os nossos sucessores deverão levar mais longe.*

## CAPÍTULO II

### MELANIE KLEIN

Ao iniciarmos a nossa reflexão sobre o contributo de Melanie Klein para a evolução do conceito de transferência, é importante realçar que o seu contributo foi essencial para o alargamento deste conceito, assim como encaminhou a psicanálise para uma nova leitura da vida psíquica, lembramos as palavras de Money-Kyrle na introdução à obra *Novas Tendências da Psicanálise, a mais profunda compreensão que devemos a Melanie Klein aumentou, portanto, de modo substancial, o poder e o alcance tanto da análise clínica como da aplicada. Além disso, ao ultrapassar alguns dos limites considerados intransponíveis há poucas décadas atrás, a sua obra encoraja-nos a esperar que outras fronteiras ainda intransponíveis possam com o tempo, ser superadas.*

Klein defende que a transferência é criada pela situação analítica e tem a sua origem nos mesmos processos que nas fases mais precoces do desenvolvimento, determinam as relações de objecto. Refere ainda que, *a transferência deve ser pensada como situações totais transferidas do passado para o presente, assim como emoções, defesas e relações de objecto... Quanto mais nós penetramos profundamente no inconsciente e mais pudermos impelir a análise para o passado, maior será a nossa compreensão da transferência* (Klein, 1951).

Para entender a transferência em Klein, torna-se necessário rever o que disse sobre a evolução recuando aos tempos mais precoces do desenvolvimento, de novo recorreremos às suas palavras,

*assim procede a análise: desde que ela abre caminhos no inconsciente do paciente, o seu passado (nos seus aspectos conscientes e inconscientes) é gradualmente reavivado. Por outro lado é reforçada a necessidade de transferir as experiências, as relações objectais e as emoções iniciais, focalizando-as sobre o analista.*

Para Klein a construção de uma teoria surge como um meio de significar os factos constatados na prática clínica, sendo de salientar que as grandes inovações da sua teoria provêm, principalmente, do trabalho com crianças, a este respeito diz-nos Ernest Jones, *as investigações de Freud sobre o pensamento inconsciente, que é essencialmente o da criança, desvendaram certos aspectos inesperados da infância, mas antes de Klein, as tentativas para confirmar estas descobertas pelo estudo directo das crianças foram raras. É pois a ela que a psicanálise deve o ter chegado ao coração da criança.*

*Os resultados das análises de adultos neuróticos, que fazem sempre remontar à infância as causas da doença, provam de maneira irrefutável que deverá ser possível, e que é necessário analisar crianças, esta afirmação foi feita por Klein numa conferência proferida, em 1919, na Sociedade Húngara de Psicanálise, que está inserida na sua obra **O Desenvolvimento da criança**. Foi no início dos anos vinte, que Klein começou a psicanalisar crianças, seguindo a via aberta por Freud, em direcção à análise de crianças, ao desenvolver a técnica destinada à investigação do psiquismo inconsciente dos adultos.*

Klein criou uma teoria original em que a utilização de brinquedos pelas crianças, num jogo não directivo, nas suas relações com os movimentos, sons e discursos espontâneos, pode ser considerado como um equivalente da associação livre dos adultos. Para uma melhor compreensão do que temos vindo a referir, recorreremos ao que diz Klein no escrito *Técnica*

*Psicanalítica através do Brinquedo, ao interpretar não só as palavras da criança, mas também as suas actividades com os brinquedos, apliquei esse princípio básico à mente da criança, em que a brincadeira e as actividades diversas - de facto, todo o seu comportamento - são meios de expressar o que o adulto manifesta predominantemente por palavras. Guiaram-me sempre, também, dois outros princípios básicos da psicanálise, estabelecidos por Freud, e que considerei desde o início como fundamentais: que a investigação do inconsciente é a principal tarefa do método psicanalítico e que a análise da transferência é o meio de alcançar esse objectivo.*

Importante referir que, ainda que tenha sido H. Hug-Hellmuth que introduziu a técnica do jogo na análise de crianças, foi Klein que lhe deu o valor de comunicação na relação transferencial.

No seu trabalho com crianças observou a existência de uma luta constante entre a necessidade de destruir os objectos e o desejo de os conservar. Vai explicar esta luta repegando a noção preconizada por Freud de instintos de vida e instintos de morte, referindo-se a eles como grandes tendências que regem a vida psíquica, ligando-os aos objectos. Podemos assim afirmar que a sua teoria é ao mesmo tempo uma teoria dos instintos e uma teoria das relações objectais.

Klein parte do pressuposto que os dois instintos primários, de vida e de morte, constituem a fonte de toda a energia mental, dando origem às fantasias inconscientes, que tal como os instintos são inatas. As fantasias inconscientes são, na sua perspectiva, as mais primitivas formações, directamente ligadas à acção dos impulsos instintivos, envolvendo a relação da criança com os seus objectos. Assim, as relações objectais existem desde o nascimento, embora refira que a capacidade que o recém nascido tem de distinguir o interior e o exterior é, no início da vida, muito incipiente. É importante sublinhar que Klein defende que as fantasias

inconscientes não se restringem ao bebé, mas constituem parte da mente inconsciente do Homem, em qualquer época da vida, estando sempre presentes e actuantes.

Esta constatação levou-a a falar da existência de um Ego rudimentar desde o começo da vida. No momento do nascimento este Ego rudimentar é invadido por uma angústia intolerável, derivada do instinto de morte, para se libertar dessa angústia projecta uma parte de si próprio, o que implica uma clivagem do Ego. Para Klein esta clivagem recai sobre os dois pólos da relação precoce que a criança estabelece com a mãe, a relação com o seio que dá prazer e reduz a angústia e a relação com o seio que gera frustração. Durante os primeiros meses a criança mantém o objecto bom separado do objecto mau.

Parte do instinto de morte é projectado para dentro do objecto externo, que se transforma em perseguidor, enquanto a parte do instinto de morte que permanece no Ego se vai voltar contra o objecto perseguidor. Também o instinto de vida é projectado para dentro dos objectos externos que se transformam em objectos idealizados. Esta cisão dos objectos acompanha a cisão do self em partes boas e más.

É neste contexto que surge o conceito de identificação projectiva como mecanismo de defesa que serve para controlar partes do self, projectando-as para dentro do objecto de relação. É, pois, a sua dimensão anti comunicativa que é sublinhada. Só muito mais tarde, em 1955, no seu escrito, *Sobre a Identificação*, a dimensão comunicativa da identificação projectiva, surge em Klein, quando refere o fenómeno comum da empatia como uma das formas da identificação projectiva. Deixa, desta forma, de ser vista como um mecanismo arcaico e patológico, passando a ser considerado um fenómeno comum e de extremo valor. Não implica já um empobrecimento do Ego mas sim um enriquecimento.

Pareceu-nos importante realçar esta nova dimensão da identificação projectiva, pois ela anuncia a evolução a que vamos assistir, onde a identificação projectiva vai ser considerada, como Amaral Dias refere, *a operação mental que está subjacente a toda a comunicação*.

Como vinhamos a dizer, através da identificação projectiva, o bebé cria imagens de um seio bom e de um seio mau, que são introjectadas contribuindo para a formação precoce do superego e que vão constituir o primeiro esboço do mundo interno, formado por objectos e pelo self, que será utilizado no decorrer da vida para dar sentido aos acontecimentos do mundo exterior. Recorremos ao texto *As Origens da Transferência* (1951), para clarificar o que temos vindo a referir, lembrando o que Klein nos diz, *os primeiros processos de projecção e introjecção, inextricavelmente ligados às emoções e às angústias da criança desencadeiam as relações objectais; pela projecção, quer dizer, lançando a libido e a agressão dentro do seio da mãe, estabelece-se a base das relações objectais; pela introjecção do objecto, antes de tudo, do seio, iniciam-se as relações com os objectos internos*.

O que temos estado a referir constitui o conjunto de características mais significativas que definem a posição esquizoparanóide, que engloba uma constelação de ansiedades, defesas e relações de objecto que definem os primeiros meses de vida.

Conforme o bebé se encaminha para a posição depressiva, partindo do predomínio das experiências positivas, a ansiedade persecutória diminui, assim como a cisão dos objectos, surgindo a integração dos objectos parciais para formar o objecto inteiro e a dor do reconhecimento de que os seus sentimentos de amor e de ódio são dirigidos ao mesmo objecto. Voltamos a Klein (1951) quando nos diz, *pela síntese crescente das suas emoções, ele sente agora que os impulsos destrutivos são dirigidos contra uma pessoa amada*.

A angústia persecutória da posição esquizoparanóide é substituída pela angústia centrada no medo que o objecto bom, do qual a criança depende, seja destruído, havendo ao mesmo tempo o desejo de preservá-lo no seu interior, assim os processos de introjecção tornam-se mais presentes que os de projecção. A angústia e a culpa que sente quanto à capacidade de restaurar este objecto no interior e no exterior constituem o núcleo do conflito da posição depressiva.

Klein refere que o Ego sofre, durante a posição depressiva, significativas modificações, há uma maior coerência interna e capacidade de síntese, tornando-se mais capaz de discriminar. Assim os processos de auto fragmentação diminuem, tornando-se possível discriminar as qualidades reais do mundo externo e do mundo interno.

Ainda que, como anteriormente referimos, os primeiros objectos introjectados na posição esquizoparanóide constituam a base do Superego, só agora, quando a sua unificação se torna possível, conseguem uma estrutura unitária que permite caracterizar o Superego precoce, Klein refere ainda que só a partir da posição depressiva se cria uma nova relação entre o Ego e o Superego.

A posição depressiva, como passo determinante da síntese do objecto, vai permitir a constituição do complexo de Édipo precoce. A relação com uma mãe como objecto completo e distinto da criança implica necessariamente a relação dela com outros elementos, tendo especial importância o pai. Esta constatação vai dar origem a novas angústias e fantasias muito arcaicas, onde predominam elementos orais. Para Klein o complexo de Édipo representa o culminar de um longo e moroso processo em que os momentos iniciais estão fortemente dominados pelas fases pré genitais.

A progressiva tomada de consciência da ambivalência, a diminuição da intensidade da projecção e a diferenciação entre o self e o objecto, vão contribuir para a diferenciação entre mundo interno e mundo externo. Ao reconhecer que o objecto bom e o objecto mau são um só, os objectivos dos instintos vão sofrer uma modificação, surgindo um certo grau de inibição dos objectivos instintivos directos, tanto os agressivos como os libidinais. Esta situação vai abrir caminho para a construção dos símbolos, que vão tornar a criança capaz de *transferir de um objecto para outro não só o interesse mas também a emoção e o fantasma, a angústia e a culpabilidade.*

Devemos aqui referir que para Klein a formação dos símbolos está dependente do estabelecimento de vínculos afectivos, o afecto está na base da formação dos símbolos. O processo simbólico inclui a posição esquizoparanóide, num primeiro momento e a posição depressiva, num segundo momento.

O símbolo é necessário para desviar a agressividade do objecto original e, deste modo, diminuir a culpa e o medo da perda. Mas os símbolos também são criados no mundo interno na tentativa de recriar o objecto original. Estes símbolos criados internamente podem ser de novo projectados em objectos exteriores, que desta forma, passam a ter significado simbólico. Podemos dizer que a formação de símbolos possibilita a comunicação tanto com o mundo exterior como com o mundo interno, Klein escreve na *Técnica Psicanalítica através do Brinquedo* (1953), *a importância que atribuí ao simbolismo conduziu-me - com o decorrer do tempo - a conclusões teóricas sobre o processo de formação simbólica. A análise através do brinquedo mostrou que o simbolismo habilitava a criança a transferir não só interesses, mas também fantasias, ansiedades e culpa para outros objectos, além das pessoas. Assim, ela sente uma grande dose de alívio ao brincar, e isto é um dos factores que o tornam*

*essencial para a criança.*

Neste momento é imprescindível fazer uma referência à importância, para a teoria psicanalítica, da formulação de Klein das posições esquizoparanóide e depressiva. Esta formulação surgiu, como definitiva, em 1952, no seu trabalho *Algumas Formulações Teóricas sobre a Vida Emocional do Lactente*. Ao falar de posição realça a sua dimensão dinâmica, elas descrevem formas de relacionamento, independente de toda uma perspectiva genética. Ao diferenciar os dois maiores grupos de defesas e ansiedades, deu um valioso contributo para a compreensão da organização das estruturas mentais, em diferentes níveis de desenvolvimento. Constitui ainda um não menos valioso contributo técnico, uma vez que ajuda o analista a orientar-se em relação ao material clínico, permitindo-lhe situar-se ao nível de funcionamento do paciente. De novo lembramos Money-Kyrle quando se refere a este assunto, *a compreensão agora obtida dessas posições e defesas do desenvolvimento inicial capacitamos a reconhecê-las como recorrentes em toda a transferência analítica - isto é, nas modificações de atitudes de um paciente para o seu analista - onde podem ser apontadas e modificadas ao trazerem-se à luz.*

Depois de nos termos situado dentro dos aspectos, que cremos serem os mais significativos, da teoria de Klein sobre o desenvolvimento, regressamos à perspectiva do papel da transferência no tratamento analítico.

Mas não antes de fazermos uma referência à preocupação que manifestou, ao longo de toda a sua obra, de dar continuidade à obra de Freud, que sempre considerou como mestre e orientador do trabalho que desenvolveu. No entanto, embora partindo de uma perspectiva instintivista e causalista ela oscila entre esta perspectiva e uma objectal e situacional, que

podem ser consideradas contraditórias. Desde o início Klein relaciona o instinto com o objecto, que é concebido como uma estrutura diferenciada, estruturando-se desde o nascimento a relação de objecto.

Com a formulação da teoria das posições o enfoque situacional torna-se predominante e o esquema das fases do desenvolvimento instintivo é realmente substituído por outro em que é a situação dinâmica que é enfatizada.

Também no respeitante à prática analítica as mudanças são significativas. Levando até às últimas consequências o papel do instinto de morte, o conflito psíquico muda de sentido. O principal drama do Homem é o não saber o que fazer com o seu ódio congénito, ele não adoece por amor mas pela sua destrutividade que é dirigida contra ele próprio ou contra os objectos. De salientar, como uma das alterações mais significativas, o valor que é dado à dor mental, que passa a ser vista como essencial para o desenvolvimento da personalidade. Um nível ideal de dor favorece os conflitos do crescimento e a sua resolução, enquanto um sofrimento demasiado forte ou excessivamente reduzido favorece a estagnação e a regressão.

Finalmente reencontramos o nosso ponto de partida, a evolução do conceito de transferência na perspectiva de Klein. Devido à nova visão do papel da agressividade, Klein passou a dar uma maior importância à transferência negativa. A elaboração da transferência negativa tornou-se o factor determinante do êxito de uma psicanálise, sendo considerada como um pré requisito para analisar as camadas mais profundas da mente, o que vinha contradizer a posição defendida por Freud, que considerava a transferência positiva de sentimentos amistosos e afectuosos o veículo do sucesso de uma psicanálise, valorizando a análise da transferência negativa só com o objectivo de restabelecer a tão importante transferência positiva. Klein, em 1951, refere que,

*a análise da transferência positiva assim como da transferência negativa e as suas conexões é, como defendi durante muitos anos, um princípio indispensável do tratamento de todos os tipos de pacientes, crianças como adultos.*

É neste contexto que surge a neurose de transferência. Afirmando que a manipulação lógica da transferência negativa e da transferência positiva faz surgir a neurose de transferência, que Klein considera que se produz nas crianças de uma forma análoga ao que se observa nos adultos. Desde muito cedo, como já referimos, a criança atravessa a parte mais importante do desenvolvimento do seu complexo de Édipo, assim, tanto o recalçamento como a culpabilidade já lhe permitem um distanciamento considerável dos objectos das suas relações originais. No *Colóquio Sobre a Análise de Crianças*, em 1927, Klein afirmou que nas crianças, *as suas relações com os objectos sofreram modificações e deformações, de tal ordem que os objectos de amor actuais são imagos dos objectos primitivos*, logo é perfeitamente possível, viverem em relação ao analista uma reedição das suas relações de amor.

Como referimos no início deste capítulo, Klein alargou o conceito de transferência, considerando que a transferência tem a sua origem nos mesmos processos que determinam as relações de objecto nos primórdios do desenvolvimento. A sua perspectiva de que as relações objectais, tal como um mundo interno de objectos se iniciam desde o nascimento, exclui a possibilidade de se considerar relações pré objectais ou não objectais, no desenvolvimento do Homem. Assim, numa situação de análise, as fantasias inconscientes são transferidas de imediato para o analista e isto leva a uma visão da transferência como internaccional e dirigida ao objecto. A transferência não é mais um factor extrínseco à análise mas torna-se num factor intrínseco.

As posições esquizoparanóide e depressiva são vistas como disposições necessárias do ser humano em geral, e em determinadas circunstâncias, também como especificamente patológicas. Todos os Homens estão submetidos à evolução das duas posições (como núcleo psicótico inconsciente), assim a evolução do processo psicanalítico acontece segundo o predomínio de uma ou outra posição. São estas flutuações que se procuram acompanhar na clínica.

O enraizamento da transferência nos primórdios do desenvolvimento leva Klein a perspectivar a transferência em termos de *situações totais transferidas do passado para o presente, assim como de emoções, de defesas e relações de objecto*, o que significa que, na situação analítica, estão presentes as forças e relações do mundo interno, sendo a partir desta totalidade que as fantasias inconscientes deverão ser de imediato interpretadas como transferências. De salientar, que as revelações do paciente sobre a sua vida quotidiana, não se limitam a revelar o funcionamento do eu; revelam também, quando o analista explora o seu conteúdo inconsciente, as defesas contra a angústia que são despertadas na situação de transferência. Com efeito, podemos concluir que não é possível ter acesso às emoções e às relações objectais mais precoces, a não ser que examinemos as suas repercussões, na forma como o paciente se comporta num presente actual.

A importância que Klein atribui à totalidade da transferência alicerça-se na dimensão que, como temos vindo a ver, é dada na sua obra ao conceito de fantasia inconsciente, concebida como subjacente a todo o pensamento racional e irracional. Assim toda a expressão do pensamento durante a análise é passível de ser interpretada.

Embora o problema da resistência, conceito básico na teoria freudiana, se tenha mantido na

prática clínica como uma preocupação, Klein não o teorizou explicitamente, defendendo a importância de fazer interpretações sem analisar as resistências.

A ampliação do conceito de transferência, que temos vindo a referir, conduz à ideia de que tudo o que o paciente trás para a relação é, por definição, transferência. Assim, Klein, interpretava desde o início da análise as fantasias inconscientes, interpretando, em determinadas circunstâncias, logo na primeira sessão. Um dos aspectos originais da interpretação kleiniana é que tem como objectivo primeiro as angústias mais profundas, uma outra originalidade tem a ver com a interpretação sistemática da transferência negativa e a sua ligação com as angústias mais profundas.

Um outro aspecto não menos original foi o grande contributo que Klein deu para a psicanálise de psicóticos, lembramos as suas palavras quando nos diz que, *a maior compreensão dos estágios mais primitivos do desenvolvimento, do papel das fantasias, das defesas na vida emocional da criança, esclareceu também os pontos de fixação da psicose adulta. Como resultado, abriu um novo caminho de tratamento dos pacientes psicóticos pela psicanálise. Este domínio, em particular a psicanálise de pacientes esquizofrénicos, necessita uma investigação muito maior; mas o trabalho realizado nesta direcção por alguns psicanalistas parece justificar esperanças no futuro.*

A importância das relações de objecto precoces, a constatação da existência de um mundo interno desde o início da vida, o conceito de fantasia inconsciente, a teoria das posições na compreensão do desenvolvimento normal e patológico, o papel desempenhado pela agressão nas fases primeiras do desenvolvimento, a valorização da identificação projectiva, principalmente na sua vertente comunicacional, assim como as repercussões destas

constatações na prática clínica, influenciaram de forma decisiva a psicanálise redimensionando-a e encaminhando-a para uma psicanálise relacional e internaccional.

Como nos diz Betty Joseph, no artigo *Transferência: A Situação Total* (1985), Melanie Klein, através do seu contínuo trabalho sobre relações objectais arcaicas e mecanismos mentais arcaicos, talvez especialmente a identificação projectiva, ampliou a nossa compreensão sobre a transferência e o processo de transferir.

À laia de conclusão sobre a aproximação que fizemos a Melanie Klein, podemos dizer que, enquanto o conceito de transferência sofre, com Klein, uma evolução significativa relativamente a Freud, deixando de ser extrínseca para se tornar intrínseca à análise, o outro instrumento da psicanálise que nos propusemos estudar, a contratransferência, não sofre nenhuma alteração, em relação à posição de Freud. Apesar de toda a sua obra estar assente na relação analítica que pressupõe a existência de duas pessoas, o analista e o paciente, Klein não avança no sentido de considerar a contratransferência como um instrumento da psicanálise. No entanto, podemos afirmar com segurança, que ela prepara o caminho para isto poder acontecer, ao ter aprofundado a compreensão da origem do sofrimento humano, alarga a capacidade perceptiva dos analistas para a valorização da sua contratransferência.

Terminamos este capítulo com as palavras que Ernest Jones escreveu no prefácio a *Developments In Psychoanalysis* (1952), como bem se sabe, desde o início tenho visto o trabalho de Melanie Klein com a maior simpatia, especialmente porque muitas das conclusões coincidiam com as que eu mesmo havia alcançado; e desde o princípio causou-me forte impressão a observação de que muitas críticas foram ecos aproximados daquelas críticas com que me havia familiarizado desde os primeiros dias da psicanálise. Muitas de

*suas descobertas e conclusões haviam sido vislumbradas, bem no início, por Freud, Rank e outros, mas o que é tão distintivo e admirável em seu trabalho é a coragem e a inabalável integridade com que ela tem inexoravelmente desenvolvido as implicações e conseqüências daquelas indicações iniciais, fazendo, deste modo, novas e importantes descobertas em sua trajetória.*

## CAPÍTULO III

### A CONTRATRANSFERÊNCIA COMO INSTRUMENTO DA PSICANÁLISE

#### 1 - INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos este capítulo onde nos propomos falar do importante contributo, para a psicanálise, de Paula Heimann e de Heinrich Racker, torna-se imprescindível justificar a razão porque privilegiamos estes dois autores como os símbolos da visão inovadora da contratransferência.

Esta justificação implica que recordemos de uma forma sucinta a história deste conceito. De acordo com Louise de Urtubey (1994), consideramos a teoria clássica da contratransferência e a teoria moderna.

A teoria clássica, segundo esta autora, dominou desde a morte de Freud até aos anos cinquenta. Isolando a metáfora utilizada por Freud, do analista como espelho, adoptou o lado médico e científico esquecendo a dimensão afectiva. A contratransferência não é necessária nem útil mas sim um perigo a evitar, sendo o resultado de uma análise insuficiente. Desta perspectiva resultou a imagem tão divulgada do analista neutro, frio, rígido, silencioso e distante. Da teoria clássica a imagem que retemos é que o analista “normal” não tem contratransferência. Como Urtubey afirma *a campeã da teoria clássica da contratransferência é Annie Reich, que num trabalho de 1951 Sobre a Contratransferência, escreve, a contratransferência é constituída por efeitos indesejáveis, sobre a compreensão ou a técnica, das necessidades ou dos conflitos*

*inconscientes do analista. Neste caso, como na transferência, o paciente representa para o analista um objecto do passado sobre o qual são projectados sentimentos e desejos infantis.*

É nos anos cinquenta que surge a teoria moderna ou da contratransferência total, passando a ser considerada como um instrumento necessário à compreensão do paciente. Seguindo Urtubey, Alice e Michel Balint, no seu escrito **On transfert and Countertransference** (1939), foram os precursores desta nova perspectiva da contratransferência. *Eles criticaram a metáfora do analista-espelho, "passivo e estéril", objecto inanimado, desprovido de sentimentos face a uma transferência unilateral, que se desenvolveria sem a sua intervenção. O analista deve comportar-se como um espelho, não no sentido de um objecto inanimado e passivo, mas reflectindo sem distorção a pessoa total do paciente. Apesar desta visão inovadora, na perspectiva dos Balint, mantém ainda o analista com um papel passivo já que, apesar da situação analítica não ser por eles vista como unilateral, a do doente face a um médico objectivo, ela dá ao paciente o papel de actor, enquanto que o analista reflecte fielmente e sem distorção.*

Mas os reais responsáveis pela viragem, pela transformação da contratransferência num instrumento da psicanálise, são os autores sobre os quais nos propusemos reflectir, Paula Heimann e Heinrich Racker. Como marcos que realmente foram na evolução da técnica e teoria psicanalíticas, consideramos importante realçar o seu contributo sem com isto desvalorizarmos todos aqueles que contribuíram para a nova visão da contratransferência.

## **2 - PAULA HEIMANN**

No estudo que temos vindo a desenvolver sobre os instrumentos da psicanálise, debruçamo-nos essencialmente sobre a evolução da transferência, vimos como a transferência de obstáculo maior se transformou na ferramenta mais importante do tratamento analítico. Vimos ainda as principais alterações tanto na técnica como na teoria, que foram acontecendo como consequência da evolução deste conceito, e que prepararam este momento de viragem da técnica analítica, que Paula Heimann vai possibilitar, com a transformação da contratransferência num instrumento da psicanálise.

Heimann segue os passos de Klein, de quem foi discípula e colaboradora, em relação à totalidade da transferência. Parte dos mesmos pressupostos na compreensão do desenvolvimento, mas na análise que faz da transferência, preocupa-se, essencialmente, com os processos que estão subjacentes na análise dos adultos.

Parece-nos importante seguir o caminho que percorreu na compreensão e valorização que fez da transferência, dentro do processo analítico, pois é neste caminho que se vai ver crescer e tomar forma o "novo" instrumento da psicanálise: a contratransferência.

Neste caminho começa por centrar a sua atenção nas fantasias inconscientes e na sua operatividade na transferência. Considera que é devido a elas que, *o paciente lida com as suas próprias ideias, memórias de acontecimentos passados, desejos e medos, como entidades personalizadas localizadas dentro de si próprio, e transfere estes objectos internos para o analista (Heimann)*, argumentando que as principais divergências na técnica psicanalítica,

estão relacionadas com a forma como as fantasias inconscientes e o papel que desempenham na vida mental e na transferência, são perspectivadas.

Refere a necessidade de trazer para a consciência as fantasias inconscientes através da análise da transferência, sendo esta a tarefa terapêutica do analista, alargando desta forma, o conhecimento que o paciente tem de si próprio. Quando o analista, através da interpretação, transmite ao paciente estas fantasias inconscientes, o Ego do paciente toma contacto com elas e então descobre-se, encontrando-se a ele próprio.

Para Heimann a interpretação da transferência é a verdadeira ferramenta da técnica analítica. Considera que o analista funciona como o Ego suplementar do paciente, sendo o seu primeiro objectivo, dar a possibilidade ao Ego do paciente de se abrir à compreensão dos seus processos intra psíquicos e inter pessoais, que são vividos no hoje da relação analítica, levando-o a encontrar o passado longínquo num presente actual, *O paciente não está a olhar para trás, fria e intelectualmente, para o que ele uma vez sentiu com os pais. Mas está a experimentar os sentimentos imediatos e os conteúdos das fantasias em relação ao analista, como o real equivalente vivido da sua vida passada com os objectos originais que foram, sem dúvida, preservados intrapsiquicamente (Heimann).*

Faz uma referência crítica, às teorias que consideram, como um dos aspectos importantes da técnica analítica a introjecção do analista pelo paciente, sendo esta o motor da modificação do seu superego arcaico. Heimann advoga que a introjecção de uma autoridade amigável representa uma experiência terapêutica importante mas não é, uma característica específica da terapia analítica; que é o alargamento da consciência do paciente e a abertura e unificação do seu Ego. As reais modificações do superego resultam das mudanças no Ego pelo trabalho

consciente através dos impulsos e conflitos, assim, na terapia analítica, o que leva à alteração do Superego são as verdadeiras transformações que o Ego experimenta.

Refere ainda que a introjecção, que a técnica analítica tem como objectivo, está relacionada com o papel do analista como Ego suplementar do analisando. A actuação deste deve levar o paciente a consciencializar-se do seu próprio processo, o que ele introjecta pertence-lhe, só que estava inativo. No decorrer do trabalho analítico o paciente chega a novas leituras da vida e pontos de vista, a novas constelações emocionais, mas que lhe pertencem desde sempre, sendo parte do seu próprio self, e não as ideias ou sentimentos do analista.

A importância dada por Heimann ao processo da transferência, dentro da relação analítica, leva-a a dar ao sonho um valor expressivo organizado como uma comunicação, dimensão que não se encontra em Freud, que estava principalmente preocupado com a decodificação do sonho através de uma simbologia que não considerava o relacionamento e o contexto transferencial onde o sonho surgia. Para Heimann, quando um paciente conta um sonho, este deve ser entendido não como um acontecimento ocasional, mas como uma expressão dos impulsos sentidos no momento, em relação ao analista, a análise do sonho deve ter em conta esta dimensão transferencial.

A relação analítica transforma-se numa relação entre duas pessoas presentes e implicadas ambas, no processo, lembramos o que Heimann escreve no escrito *Contratransferência*, o que a distingue das outras não é a existência dos sentimentos num dos parceiros - o paciente - e a sua ausência no outro - o analista -, mas sim o grau de sentimento que o analista experimenta e o uso que faz dos seus sentimentos, sendo estes dois factores interdependentes.

Antes de nos debruçarmos sobre a inovadora perspectiva da contratransferência que Paula Heimann nos trás, sentimos necessidade de lançar um breve olhar retrospectivo, lembrando alguns aspectos que consideramos mais relevantes da história deste conceito.

Desde a primeira vez que Freud falou na contratransferência que ela foi posta numa relação dinâmica com a transferência do paciente, é vista como o equivalente desta e como resultante da *influência do paciente no sentir inconsciente do analista*. De imediato ela tornou-se um perigo para a objectividade que o analista deve manter, podendo ameaçar seriamente essa objectividade que deve estar subjacente ao seu trabalho de compreensão do analisando, comprometendo conseqüentemente a análise. Logo a contratransferência deve ser dominada e eliminada, devendo o analista ser previamente analisado antes de começar o trabalho com os pacientes.

No sentido de o analista se precaver em relação à contratransferência Freud fez algumas recomendações. Aconselhou o analista a comportar-se como um espelho, a ter uma atitude semelhante à de um frio cirurgião, criando uma regra, para o analista, semelhante à regra fundamental do analisando, a que deu o nome de atenção flutuante, que consiste numa atitude de escuta que pressupõe um não fixar a atenção em nenhuma direcção específica, mantendo-se aberto a tudo o que o paciente lhe comunica, possibilitando o intuir o inconsciente do paciente.

Heimann, ao repensar o papel da contratransferência, reencontra alguns dos conceitos fundamentais de Freud relendo-os de uma forma inovadora.

A análise do analista, que é um dos aspectos adquiridos e incontestáveis, torna-se importante não para transformar o analista *num cérebro mecânico que pode produzir interpretações na*

*base de um procedimento meramente intelectual*, mas a sua importância determinante prende-se com o conhecimento de si próprio, a gestão dos seus sentimentos e a capacidade de os conter, que a análise lhe possibilita. Também lhe possibilita o agudizar de uma sensibilidade emocional mais *diferenciada e móvel* que, através da atenção flutuante, o ajuda a acompanhar as fantasias inconscientes que vão surgindo no paciente.

A análise transforma-se numa viagem a dois em que o analista tem que estar disponível para acompanhar o passo do paciente, acompanhar os seus avanços e recuos, as alterações do caminho. Um acompanhar que é estar com e não mais estar a assistir, ele está implicado no processo, assim a contratransferência perde a sua dimensão de inimiga transformando-se numa aliada da psicanálise como *instrumento de pesquisa do processo inconsciente do paciente*, tornando-se, assim, intrínseca à análise.

Heimann concebeu a contratransferência como total, à semelhança da perspectiva de Klein em relação à transferência, considerando todos os sentimentos do analista em relação ao paciente como contratransferência. Explica-a como sendo uma criação do paciente, os sentimentos originam-se no analista mas como produtos do paciente sendo, portanto, uma parte da personalidade do paciente que através da identificação projectiva ele lança para o interior do analista. Assim o analista deve ser capaz de analisar os sentimentos que são nele despertados, *funcionando como espelho reflector do analisando*. A contratransferência está desta forma implicada no processo surgindo como uma consequência dele.

Abrimos aqui um parêntesis para lembrar que, mais tarde, Heimann pôs de lado a ideia, defendida em 1950, de que a contratransferência seria uma criação do paciente.

Continuando, refere que é essencial que o analista tolere as suas emoções, não as projectando no paciente. As emoções que experimenta devem ser vividas adentro da relação analítica onde ele funciona como um Ego suplementar para o paciente, o que já havíamos anteriormente referido.

A tónica é posta na compreensão do inconsciente do paciente pelo inconsciente do analista. A comunicação profunda que está subjacente a esta relação entre inconscientes, aparece nos sentimentos que o analista experimenta, em resposta ao paciente, na contratransferência. Esta resposta emocional deverá estar mais próxima da realidade do paciente que qualquer leitura consciente que ele possa fazer da mesma situação.

Esta visão de que o inconsciente do paciente se expressa na contratransferência está ligada à visão da análise, que está presente desde o início na perspectiva de Heimann, como uma relação entre duas pessoas.

Mas a introdução do conceito de contratransferência total não foi um caminho sem escolhos. Algumas interrogações surgiram no sentido de clarificar este conceito, levando Heimann, em determinado momento a restringi-lo consideravelmente, afirmando que há pontos cegos no analista que não são provocados pelo analisando, mas que não deverão ser chamados contratransferência mas sim transferência do analista. Transformou ainda numa simples hipótese o facto anteriormente aceite de que a contratransferência é uma criação do paciente.

O maior perigo que o conceito de contratransferência como criação do paciente implica, é o de poder, de uma certa forma, levar de novo o analista a uma posição passiva, a funcionar unicamente como receptor, podendo levá-lo a atribuir ao paciente as suas próprias dificuldades,

negligenciando eventualmente a compreensão de si próprio.

De tudo o que ficou dito o que na realidade mais nos sensibilizou e consideramos da maior importância realçar, é o extraordinário contributo de Heimann para uma visão da análise como uma relação entre duas pessoas implicadas num caminho comum, onde o analista se torna uma pessoa real e a viragem que possibilitou, na teoria e técnica psicanalítica, com o conceito de contratransferência total, rompendo com a visão negativa que até aqui lhe estava associada e transformando-a num instrumento da psicanálise.

Racker, ao contrário de Heimann, como Urtubey refere, considera que *o analista, em vez de procurar a identificação projectiva que o domina, procurará no seu interior a fonte das dificuldades que se apresentam.*

### **3 - HEINRICH RACKER**

*Não é fácil caracterizar Heinrich Racker: foi uma pessoa que buscou a verdade, sério, honesto, inteligente, com profunda fé na bondade humana.* Recorremos a estas palavras de David Zimmermann para introduzirmos o homem que para nós, de mais um nome conhecido se transformou numa pessoa a conhecer, tendo sido realmente importante o encontro que tivemos com algumas dos seus escritos. Este encontro levou-nos a concluir que Racker pode ser considerado como um dos responsáveis pela viragem da psicanálise. O seu contributo extremamente importante para a perspectiva interaccional da psicanálise, deve-se principalmente à sua original perspectiva de reciprocidade na situação analítica.

Autor kleiniano, apresentou um trabalho sobre a contratransferência como instrumento técnico, um ano depois de ter surgido o escrito de Heimann sobre o mesmo tema. No entanto, Racker, já em 1948 tinha publicado um estudo inédito sobre a neurose de contratransferência o que nos fez pensar, sem com isso querermos retirar todo o significado que continua a ter a descoberta de Heimann, que talvez seja altura de Racker partilhar com ela os louros que lhe foram atribuídos.

Na reflexão que nos propomos fazer sobre este autor vamos essencialmente determo-nos na sua perspectiva sobre a contratransferência como resposta vivencial à transferência e sobre a forma como ele encara a relação entre o analista e o paciente. Mas antes, pensamos ser indispensável, uma referencia à dimensão que Racker tem da transferência.

Racker, partindo da máxima socrática "conhece-te a ti próprio", utilizada por Freud, para

definir o princípio básico de toda a técnica analítica, clarifica que não é um conhecimento intelectual que esta preconiza mas sim um conhecimento que como afirma em *Técnica Psicanalítica*, é equivalente à união do Homem consigo próprio, a uma plena aceitação na consciência e no sentir de todo o ser que antes foi rejeitado patologicamente... Neste sentido a técnica analítica é um método para chegar a ser o que se é, posto que o seu fim é tentar devolver ao ser o que é dele e o que, no caminho da sua vida, no interjogo de conflitos internos e sucessos externos, ele perdeu ou não pôde desenvolver. É neste sentido que vai centrar a análise na relação entre a transferência do paciente e a contratransferência do analista, sendo estes os verdadeiros instrumentos da psicanálise, que tornam possível ao paciente *Unir-se a si mesmo e ser o que realmente é.*

Racker ao considerar como fundamental na análise, a sua dimensão transferencial e contratransferencial, vê a transferência como vivência, não só como relação de objecto, mas também como relação entre partes do Ego, o que implica necessariamente a existência de uma, maior ou menor, dissociação do paciente no tratamento. Partindo dos dois enfoques dados por Freud à dinâmica da transferência que a fazem passar de resistência a resistido, ele vai considerar que a transferência é, ao mesmo tempo, resistência e resistido. Considerando que olhar a transferência só como resistência pode levar a que o *passado e o presente analítico não sejam vistos suficientemente na sua identidade*, enquanto olhá-la só como o resistido pode implicar *o passar por cima do carácter resistencial de determinadas situações transferenciais.*

Para explicar esta dimensão que defende, em relação à transferência ser simultaneamente resistência e resistido, estabelece uma analogia com o sonho, referindo a impossibilidade de

analisar o conflito contido no conteúdo manifesto sem ter em consideração a origem deste conflito num conflito latente, pois desta forma, perder-se-ia a dinâmica profunda do sonho, também na transferência se corre o risco de perder a sua dinâmica profunda, se a sua natureza dupla, conteúdo latente e conteúdo manifesto não for considerada.

Racker considera que há, na transferência, por um lado uma disposição transferencial no paciente que o leva a viver segundo a fantasia e o seu passado e por outro lado as vivências actuais principalmente as analíticas, sendo a transferência a resultante destes dois factores.

*O analista é o centro de todo o amor e ódio, angustia e defesa do paciente, e chegamos assim à conclusão de que todas as dificuldades do paciente, todos seus sofrimentos e angustias têm sua base, durante o tratamento, na transferência, mas também os conflitos entre as diferentes partes do self do paciente estão presentes na transferência pois que ao projectar no interior do analista partes do self, os conflitos com este tornam-se conflitos do indivíduo consigo próprio.*

Continuando a centrar-se na dimensão transferencial contratransferencial da análise, diz-nos que a análise da transferência é o fulcro do trabalho analítico, mas a contratransferência, ao influir sobre a compreensão e sobre a própria conduta do analista, influi sobre a transferência do paciente, isto é, influi sobre o aspecto de que depende a transformação da sua personalidade, sobre a possibilidade do paciente *se unir a si mesmo e ser o que realmente é.*

Depois desta breve referência à transferência, iniciamos a nossa reflexão sobre a contratransferência. Racker, que tem como pressupostos teóricos em relação ao desenvolvimento, os preconizados por Klein, faz uma revisão da obra de Freud reabilitando

alguns dos seus conceitos básicos, principalmente os que estão relacionados com a contratransferência. Esta reinterpretação da contratransferência de Freud, foi mais um aspecto que verdadeiramente nos sensibilizou, por termos sentido, tendo perfeita consciência das nossas limitações, ao lermos Freud, que ele desenhou a psicanálise esboçando, sem desenvolver, alguns aspectos que anunciaram a "nova psicanálise".

Quando revê a contratransferência em Freud, detém-se sobre a dimensão da actividade passividade do analista. Encontra algumas contradições entre determinados conceitos teóricos e a atitude de Freud na prática. O conceito da atitude de frio cirurgião, que pode induzir um estar distante e passivo, entra em contradição, com um estar de uma forma activa e implicada, de um Freud, que se encontra nas suas descrições clínicas. Também a imagem do analista espelho, segundo a leitura de Racker, significava que Freud defendia que o analista não devia falar dele próprio ao paciente, mas não significava que o analista deveria deixar de ser gente, convertendo-se em vidro, coberto de nitrato de prata. A atenção flutuante, vista como a regra fundamental para captar o inconsciente do paciente, deve ser entendida na sua dimensão activa, pois, escutar bem pressupõe a existência de uma empatia que tem, inevitavelmente, uma dimensão de actividade. A identificação, subjacente à atenção flutuante, é um processo mental activo, implicando a reprodução da actividade psicológica do objecto.

Assim podemos dizer que o analista observador neutro e passivo, como seria desejável num modelo científico oitocentista, é na prática vivido como uma impossibilidade, não sendo possível anular-se o facto real de que a análise implica duas pessoas em continua interacção. Para Racker a verdadeira objectividade *Baseia-se numa forma de desdobramento interno que capacite o analista a tomar-se (sua própria subjectividade ou contratransferência) como*

*objecto da sua observação e análise contínuas. Esta posição capacita-o, também, a ser relativamente objectivo com o paciente.*

No que diz respeito à interpretação, considera que a imagem do "analista clássico", que essencialmente ouve e raramente interpreta não tem a ver com a atitude clínica de Freud que, por considerar que a interpretação e a transferência positiva eram as fontes energéticas da cura, interpretava com muita frequência, tornando as sessões em *vivos diálogos*. A restrição que punha à interpretação relacionava-se com a importância que dava à transferência positiva como determinante da abertura do paciente às interpretações do analista, logo elas deviam surgir quando o paciente estava em transferência positiva. Mas, como a transferência negativa devia ser analisada, para se poder restabelecer a transferência positiva, a interpretação era uma constante da técnica analítica. Também neste aspecto, tal como no que diz respeito à passividade do analista, Racker defende que Freud nunca foi um analista clássico.

Continuando a reflectir sobre a interpretação, diz-nos que o analista ao interpretar mais, num estar na análise verdadeiramente implicado, vai possibilitar uma mais intensa vivência transferencial, o que necessariamente será um estímulo para uma conseqüente intensificação da interpretação.

O avanço dos conhecimentos dos processos psicológicos do desenvolvimento e do interjogo de forças que a eles estão subjacentes, implicou necessariamente um aumento da capacidade interpretativa, que teve como principal conseqüência o progresso da possibilidade de elaboração dos conflitos inconscientes, de realçar, no entanto, que estes avanços só se tornam realmente profícuos se verdadeiramente integrados pelo analista. Só esta integração lhe irá

aumentar a capacidade de *compreender e reconhecer* o processo inconsciente que está na origem de cada atitude do paciente, por mais irrelevante que possa parecer.

Racker denomina os aspectos mais subtis das atitudes dos pacientes, de microscopia psicanalítica, que considera como um meio extremamente importante para a compreensão do paciente. A microanálise deve estar conectada com a macroanálise, isto é, com o essencial de cada sessão para que a compreensão da personalidade total do paciente seja possível. No entanto como condição *sine qua non* desta compreensão está o desejo que o analista tem de compreender estando totalmente implicado no processo.

Como referimos, para Racker, o essencial da técnica analítica é a relação entre o analista e o paciente sendo através da contratransferência que o analista compreende o que o paciente vive na relação com ele, assim a interpretação transferencial depende directamente desta. *A transferência leva a uma conduta real ante o analista e seu trabalho, o qual - pelos significados que têm para ele a sua própria pessoa, o seu trabalho e os sentimentos e actos do paciente para com ele - responde com sentimentos, angustias, defesas e desejos igualmente reais.* A transferência e a contratransferência representam os dois componentes de uma unidade que se dão vida e que criam a relação interpessoal da situação analítica.

É essencial, pois, o analista estar disponível para aceitar, sem restrições, estas duas vivências, Racker a este propósito lembra Freud, *a resposta interna total do analista é, como assinalou Freud, decisiva para a compreensão e interpretação dos processos psicológicos do paciente.*

À semelhança do que refere em relação à transferência, Racker considera que há no analista uma disposição contratransferencial por um lado e as vivências actuais, também aqui com

especial relevo para as analíticas, por outro, sendo a contratransferência a resultante, *Justamente esta fusão do presente e do passado, o continuo enlaçar-se de realidade e fantasia, externo e interno, consciente e inconsciente, é o que torna necessário um conceito que abarque toda a resposta psicológica do analista, e aconselha a conservar com tal fim o já consagrado nome de contratransferência.*

Desta forma surgem dois tipos de reação contratransferencial, no analista, explicadas por duas formas de identificação: a identificação concordante e a identificação complementar.

Na identificação concordante o analista identifica-se com o paciente, *identificando cada parte da sua personalidade com a correspondente parte psicológica do paciente, significando o reconhecimento do alheio como próprio*, o analista vivência em si mesmo o sentimento como o sente o paciente. Na identificação complementar esta identificação processa-se em relação aos objectos internos do paciente. Racker salienta que normalmente se usa a contratransferência só no sentido das identificações complementares.

Importante referir que esta dimensão da identificação concordante anula de certa forma a relação de objecto, surgindo a unidade ou identidade aproximada entre partes do sujeito e partes do objecto (experiências, impulsos, defesas, etc), a este conjunto Racker dá o nome de contratransferência concordante, sendo a contratransferência complementar a relação de objecto em que o analista repete vivências anteriores, representando o paciente objectos internos do analista.

Assim podemos dizer que a compreensão que o analista tem da transferência do paciente está dependente da capacidade e aceitação do analista de se identificar tanto com as tendências e

defesas como com os objectos internos do paciente, *A captação das fantasias do paciente referentes à contratransferência dependerá do grau em que o próprio analista percebe os seus processos contratransferenciais, ou seja, do grau (a continuidade e profundidade) do seu contacto consciente consigo mesmo.*

Debruça-se também sobre a fenomenologia da contratransferência, dividindo as vivências contratransferenciais em duas classes, as ocorrências contratransferenciais e as posições contratransferenciais.

Quando se refere às ocorrências contratransferenciais, fala da simbiose psicológica entre o analista e o paciente, explicando esta simbiose a partir do pressuposto que, para as identificações se poderem concretizar, todas as constelações psicológicas que existem no paciente existem também no analista, assim *qualquer que seja a constelação que vibra no paciente vibra também no analista a constelação correspondente.* Esta simbiose psicológica implica pois, *o enlace entre os dois inconscientes.*

A diferença entre ocorrências e posições consiste no grau em que o Ego está implicado nas vivências. Enquanto nas primeiras, as reações são vividas como fantasias, como ocorrências sem grande intensidade emocional, nas posições contratransferenciais o Ego do analista está mais envolvido, sendo a situação vivida com mais intensidade e como real. Racker considera que ainda que estas diferenças, numa primeira análise, aparentem ser originadas pela transferência do paciente, ligadas à disposição deste para perceber e comunicar a sua situação interna ou então para actuá-la, existe também no analista um aspecto que determina esta diferença e que é a neurose do próprio analista, especialmente *as suas tendências a repetir*

*(actuar) em vez de tornar consciente.*

Este factor que determina a dinâmica da contratransferência, é o mesmo que Freud considerou para explicar a intensificação da transferência. Também a intensificação de algumas reações na contratransferência está dependente das defesas patológicas contra o aparecimento de um excesso de angústias arcaicas, de conflitos internos não resolvidos. Racker refere que *a resistência de transferência é frequentemente a repetição de defesas, que são intensificadas, para que não se repita na transferência a catástrofe. O mesmo vale para a contratransferência. É evidente que estas catástrofes estão relacionadas com o tornar-se consciente de determinados aspectos dos próprios instintos.*

Do que acabamos de referir se pode concluir que é essencial ao analista um desdobramento interno que o torne apto a tornar-se objecto da sua observação e análise continuas, devendo desenvolver um Ego observador das suas sucessivas reações contratransferenciais.

É neste contexto, que estabelecendo uma analogia com a neurose de transferência, enquanto expressão patológica da vivência do paciente, dos seus sentimentos e impulsos em relação ao analista, determinados pelo passado, que Racker define a neurose de contratransferência. Considera-a como um *conjunto de imagens, sentimentos e impulsos do analista para com o paciente, enquanto determinados pelo passado, na sua expressão patológica.*

Centra-se aqui na parte neurótica da contratransferência que perturba, inevitavelmente, o trabalho do analista. Refere que não é importante um saber teórico em relação a este aspecto da contratransferência, mas o indispensável é vencer as resistências para tornar possível a consciência real do inconsciente e a sua elaboração. Preconiza, a este propósito, a necessidade

do candidato a analista continuar a sua análise didática até que tenha enfrentado os aspectos neuróticos da sua contratransferência, e que tenha integrado nele o impulso despertado pela própria análise de continuar, indefinidamente, um processo de crescimento, sendo também, analista de si próprio.

Este alerta, que Racker faz, para a dimensão patológica do próprio analista e para a necessidade de tomar consciência deste facto, é mais uma achega no sentido da valorização da contratransferência e da sua perspectiva interaccional da análise, que está omnipresente em toda a sua leitura do processo analítico.

Terminamos este capítulo, onde tentamos retratar o nosso encontro com Racker, recorrendo às palavras do autor: *Se se quisesse contar o "mito da situação analítica", poder-se-ia começar dizendo que a análise é um assunto entre um doente e um são. A realidade é que é um assunto entre duas personalidades cujo Ego está pressionado pelo Id, pelo Superego e pelo mundo externo, cada um com as suas dependências internas e externas, angústias e defesas patológicas, cada um, também, um menino com os seus pais internos e respondendo toda esta personalidade tanto do paciente como do analista a cada um dos acontecimentos da situação analítica. A principal diferença entre estes dois seres, em interacção continua, é a capacidade de desdobramento interno que o analista tem e que o torna capaz de tomar-se como objecto da sua observação e análise continuas. Esta posição capacita-o, também, a ser relativamente "objectivo" com o paciente.*

## CAPÍTULO IV

### WILFRED R. BION

Ao iniciarmos este capítulo sobre Bion, que é o cerne de todo o trabalho que temos vindo a desenvolver, podemos afirmar que ele é o resultado do caminho que trilhamos de aproximação ao “nosso” autor, tendo nós a plena consciência de que não fomos além de uma aproximação.

Mantendo sempre como objectivo primeiro a compreensão do vértice místico, dimensão à qual fomos sensíveis desde o primeiro momento, procuramos acompanhar a evolução do pensamento de Bion, através do estudo dos seus escritos. Mas, para entendermos realmente o vértice místico, para entendermos a perspectiva inovadora da relação analítica, tornou-se ainda necessário, ajustarmos o nosso próprio pensamento.

Uma paragem para encontrar os interlocutores de Bion, foi por nós sentida como condição sine qua non, para podermos abordar um tema em relação ao qual Rezende, no seu livro *Bion e o Futuro da Psicanálise* (1993) nos diz, *ao começar essa terceira parte, sobre o modelo místico-religioso em psicanálise, gostaria de observar, imediatamente, que se trata de um assunto difícil e pouco estudado, em razão provavelmente, dos conhecimentos especializados que pressupõe.*

## 1 - O AJUSTAR DO NOSSO PRÓPRIO PENSAMENTO

Procurar conhecer os principais interlocutores de Bion, as fontes inspiradoras do seu vértice místico, levou-nos à leitura de Mestre Eckhart, de São João da Cruz e de Bhagavad Gitá. Sem esta paragem, a compreensão do modelo místico, pareceu-nos tarefa verdadeiramente impossível.

Recuar alguns séculos e olhar, mas com um novo olhar, a dimensão mística da teologia foi o nosso primeiro passo. Místico, vem do Grego *mystikós*, que significa mistério, relativo aos mistérios, o que é secreto e misterioso. Desde sempre que o místico é mal amado, ele põe em causa o estabelecido, perturba as instituições mas enquanto, como Rezende afirma, *as religiões separam, a mística reúne. Há várias religiões, mas a mística é uma só. E a razão epistemológica é que as religiões se distinguem por suas falas enquanto os místicos se encontram no silêncio do seu ser.*

Este perturbar das instituições, o questionar a legislação, o instituído, levou a que os místicos tenham sofrido perseguições por parte das autoridades eclesiásticas. Apesar da incompreensão de que muitas vezes foram alvo, não encontramos, por parte dos místicos, insurgimento contra a Igreja e contra os seus dogmas. A sua vida desenrola-se no quadro da instituição que é a Igreja, aspirando a viver em plenitude os dogmas tal como foram estabelecidos pela teologia original.

A mística cristã preconiza um desprendimento dos sentidos, das paixões e dos desejos, dependendo o fenómeno místico, essencialmente, de uma experiência interior de união, mistério e abertura, como Mestre Eckhart nos diz no Sermão número cinco, *lá, onde acaba a criatura,*

*é lá que começa o ser de Deus. Tudo o que Deus te pede com mais urgência, é que saias de ti mesmo, na medida em que és criatura, e que deixes Deus ser Deus em ti. A mais ínfima imagem criada que se apresenta dentro de ti, seja de que maneira for, é tão grande como Deus. Porquê? porque, à totalidade divina ela está a impedir o caminho que leva a ti... Sai totalmente de ti, por amor de Deus, e Deus sairá completamente de si mesmo por amor de ti. E, quando os dois tiverem saído, o que resta é a unidade simples.*

A abertura mística emana do “nada” plenamente vivido, implicando uma abertura do coração, um recolhimento, uma profundidade existencial, que torna difícil transmitir por palavras aquilo que, na sua essência, é indizível. É assim que a teologia negativa surge como a única forma de comunicar o incommunicável. A via negativa esboçada por Platão, é desenvolvida, no século IV, pelas principais autoridades da Igreja Grega, de acordo com Alain de Libera, Dionísio, o Pseudo Areopagita e Gregório de Nissa. Para estes dois teólogos, a teologia termina no silêncio e na negação de tudo o que é, de tudo o que pertence ao mundo das aparências e dos fenómenos. Defendem a força e as virtudes da negação para que o não conhecimento se possa manifestar livremente.

A teologia negativa através de Mestre Eckhart e de São João da Cruz, entre outros, vai continuar a exaltar a virtude da utilização de um vocabulário negativo, procedendo, para determinar o Absoluto, o Ser, Deus, por negações sucessivas, por eliminação das possíveis definições. Deus não pode ser apreendido pelo pensamento e pela linguagem, só a experiência do nada, vivido na sequência de uma ascese, revela uma presença, que ilumina com uma luz nova, tudo o que antes tinha sido sistematicamente negado.

## 1.1 - MESTRE ECKHART

Mestre Eckhart, Mestre em teologia pela Universidade de Paris, nasceu na Alemanha em 1260 tendo morrido em 1328. Considerado como um dos pensadores místicos mais importantes da Idade Média, foi no entanto, também, o primeiro dominicano vítima de perseguições, na Idade Média. Ao defender a impossibilidade de conhecer Deus, Eckhart provocou a desconfiança daqueles que tinham a dura tarefa de serem os seus legítimos representantes.

A distinção entre Deus e a Divindade, a Essência Divina Absoluta, constitui o cerne da teologia de Eckhart. Sobre esta distinção diz-nos Rezende, *em sua linguagem mística, Mestre Eckhart distingue Deus e a Divindade. Deus é tudo o que dizemos sobre ele, mas não é ele. Já a Divindade é inominável, e como tal é o "não" de tudo o que dizemos sobre Deus. Ela é sem nome, inominável. "O nome que pode ser dito não é Nome eterno, no princípio está o que não tem nome"*.

A Divindade está acima de qualquer nome, só sendo possível referirmo-nos a ela para afirmarmos a impossibilidade de a ela termos acesso, é inominável e incognoscível; Deus, pelo contrário, exprime a multiplicidade das relações que a Divindade mantém com o que está criado. Da Divindade só podemos conhecer as suas emanações. A trindade é emanação da Divindade, o uno diz-se como três: Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai manifesta-se na criação, o Filho na encarnação e o Espírito Santo nos dons que comunica. Diz-nos Eckhart que, *entre Deus e a divindade a diferença é tão grande como entre o céu e a terra. Eu direi mesmo mais: entre o homem interior e o homem exterior a diferença é tão grande como entre o céu e a terra. Deus está a biliões de milhas lá em cima... Deus age, a Divindade não age, nela não há nenhuma acção. Ela não conheceu nunca a mínima acção. Deus e a Divindade*

*diferem pelo agir e o não agir.*

É ainda a profundidade da natureza da relação entre o conhecimento directo da Divindade e a exaltação do Homem, que Mestre Eckhart procura encontrar em cada instante em que o Homem despojado de si próprio e de tudo, se torna o lugar de Deus.

A necessidade do despojamento para que a alma e a Divindade se unam, leva-o a sobrevalorizar a pobreza interior, considerando a pobreza a condição da Divindade, que só pode manifestar-se sobre a ausência do criado e o desaparecimento dos laços afectivos, religiosos e sensuais.

Quando Eckhart se refere à pobreza interior considera que o Homem pobre é aquele que nada quer, nada sabe e nada tem.

Para uma melhor compreensão destes três aspectos, vamos tentar analisar cada um, recorrendo às palavras do Mestre, contidas no Sermão número cinquenta e dois, para clarificarmos alguns aspectos. Ele diz-nos, neste Sermão dedicado à pobreza, *se me perguntassem agora o que é um Homem pobre que nada quer, eu responderia e diria isto: Enquanto o Homem está ainda na disposição de cumprir a muito querida vontade de Deus, ele não possui essa pobreza de que queremos falar; pois esse Homem tem ainda uma vontade, pela qual quer satisfazer a vontade de Deus. Enquanto no Homem ainda resta alguma vontade, mesmo que seja só a de cumprir a vontade de Deus, não se pode falar em pobreza, pois a verdadeira pobreza pressupõe que o Homem nada queira e nada deseje, o Homem pobre vive de forma a estar liberto da sua própria vontade e da de Deus, como estava no tempo em que ainda não era. Desta pobreza diremos que é a pobreza mais alta.*

Quando se refere ao Homem que nada sabe, quer significar que o Homem deve viver de forma que não saiba que não vive nem para ele próprio, nem para a Verdade nem para Deus, *é preciso que esteja de tal forma vazio de todo o seu próprio saber que não saiba, nem conheça, nem sinta que Deus vive nele. Mais ainda: é preciso que ele esteja vazio de todo o conhecimento que poderia ainda viver nele.* Esta pobreza, que implica a libertação de saber e conhecimento, é a mais pura.

Finalmente a pobreza mais extrema, o Homem que nada tem, o Homem que nem possui um lugar nele onde Deus possa agir. Enquanto ele tem um lugar, tem ainda alguma distinção, *é por isso que eu rogo a Deus que me liberte de Deus: pois o meu ser essencial está acima de Deus, na medida em que concebemos Deus como a origem das criaturas; com efeito nesse mesmo ser de Deus em que Deus está acima do ser e da diferença, eu era eu próprio, eu queria-me a mim próprio e conhecia-me a mim próprio, para fazer este homem que neste mundo eu sou. E é por isso que eu sou causa de mim próprio segundo o meu ser que é eterno, mas não segundo o meu vir a ser que é temporal... Quando eu sai de Deus, todas as coisas me dizem: Deus existe. Mas isso não me pode tornar feliz, pois faz-me reconhecer criatura. Mas através da abertura em que sou libertado da minha própria vontade, libertado mesmo da vontade de Deus, de todas as suas ações e do próprio Deus, estou acima de todas as criaturas; e não sou nem Deus nem criatura, mas sou o que eu era e o que permanecerei agora e para sempre.*

O despojamento, as diferentes dimensões da pobreza, são a condição da Divindade; a essência divina só se pode revelar sobre a ausência de tudo, a alma deve seguir um processo inverso ao que presidiu à criação: deve empreender um regresso à unidade, e então Deus será um com o espírito e essa é a mais extrema pobreza que se pode encontrar. Desta forma o Homem atinge

o que foi toda a eternidade e permanecerá sempre. Este regresso à unidade pressupõe uma ascese que liberta o Homem da ideia de Deus com a qual ele só pode manter uma relação ilusória, fundada em representações simbólicas ligadas aos sentidos.

Eckhart baseia a sua teologia mística numa experiência da divindade que ilumina as profundidades incognoscíveis da alma, logo que esta tenha ficado despojada de tudo, *esse fundo secreto da alma não é nem passado nem futuro, não espera por nada que se lhe possa acrescentar, pois não pode ganhar nem perder.*

Terminamos a nossa breve referência a Mestre Eckhart, retomando as suas palavras onde se refere à experiência mística como experiência interior de união, mistério e abertura, *a mais ínfima imagem criada que se apresenta dentro de ti, seja de que maneira for, é tão grande como Deus. Porquê? porque, à totalidade divina ela está a impedir o caminho que leva a ti... Sai totalmente de ti, por amor de Deus, e Deus sairá completamente de si mesmo por amor de ti. E, quando os dois tiverem saído, o que resta é a unidade simples.*

## 1.2 - SÃO JOÃO DA CRUZ

Continuando a ajustar o nosso pensamento, uma reflexão sobre o outro interlocutor de Bion se impõe. Vamos, pois, ao encontro de São João da Cruz. João de Yepes nasceu em Fontiveros, aldeia da velha Castela, em 1542 tendo morrido no ano de 1591. Aos vinte e um anos ingressa no convento dos carmelitas de Santa Ana e findo o noviciado vai para Salamanca onde adquire uma formação escolástica.

Em 1567, findos os estudos, encontra pela primeira vez a Madre Teresa de Jesus e como nos diz Lapierre *o encontro destes dois castelhanos inaugura uma das mais importantes aventuras espirituais de toda a história*. As suas vidas cruzam-se nas lutas que travam na reforma da ordem do carmelito.

No dia vinte e oito de Novembro de 1568, nasce em Medina, o primeiro convento da ordem do carmelito reformada. João de S. Matias sob a orientação de Santa Teresa, inicia a reforma do carmelito, tomando o nome de João da Cruz. A partir desta data, São João manter-se-à sempre, até ao dia da sua morte, com os pés descalços e vestido com o hábito reformado, feito de grosso burel.

Santa Teresa teve uma influência determinante na orientação da vida de São João, mas no que diz respeito à doutrina, de acordo com Crisógono de Jesus (1986), São João terá enriquecido muito a Santa, tendo ela sido a sua mais distinta e notável discípula. Lembramos uma passagem de um escrito de Santa Teresa de Ávila dirigido a Ana de Jesus, que nos parece extremamente significativa. Quando se refere ao seu “pequeno Séneca”, escreve Santa Teresa, *ele é verdadeiramente o pai da minha alma...é tão perfeito que pela minha parte eu tinha*

*muito mais a aprender com ele do que ele comigo.*

A maior influência sobre Santa Teresa, ter-se-à eventualmente exercido durante os cinco anos em que foi confessor no convento das carmelitas da Encarnação de Ávila, convento de que Santa Teresa era superiora.

Mas as perseguições dos carmelos mitigados foi uma constante na vida de São João, até que em 1577 foi por eles preso. De acordo com Crisógono(1986), este tempo de cárcere foi uma experiência de profundo sofrimento, sendo no cárcere que compôs os admiráveis poemas do *Cântico Espiritual*.

É entre o ano de 1582 e o de 1588 que São João da Cruz redige o essencial da sua obra mística. Devido às constantes perseguições sofridas, muitos escritos seus desapareceram, eventualmente queimados por ele ou pelos seus companheiros.

Toda a sua obra pretende mostrar a união da alma com Deus, união que transforma a alma em Deus. Para que esta união se concretize é necessário que a alma se despoje da vontade, entendimento e memória. Baseando-se talvez na sua própria experiência, mostrou as várias etapas da união mística numa noite única, que abrange o descer das trevas, a noite escura e o alvorecer. No livro primeiro da sua obra *Subida do Monte Carmelo*, diz-nos, *estas três partes da noite são todas uma só noite; tem porém três partes como a noite. Porque a primeira, que é a do sentido, compara-se à primeira noite que é quando se deixam de distinguir os objectos. E a segunda, que é a fé, compara-se à meia noite, que é totalmente escura. E a terceira, a aurora, que é Deus, precede imediatamente a luz do dia.*

A primeira noite que é *a noite escura do sentido, apetite e dos danos que causam à alma*, implica o desprendimento total da alma em relação às coisas do mundo, através da sua negação, *esta negação e carência são como noite para todos os sentidos do Homem*. A alma ao negar a informação que lhe chega através dos sentidos fica às escuras e vazia, mas ela tem também de se despojar de todo o apego às criaturas, já que este apego a iguala à criatura, *porque, o amor produz a semelhança entre quem ama e o amado*, sujeitando-a àquilo que ama, tornando-a dependente desse amor e deste modo, *amando a alma algo fora de Deus, torna-se incapaz da pura união de Deus e da transformação em Deus*.

Quando São João se refere aos apetites da alma fala-nos na necessidade de esvaziar a alma de todos eles, para poder chegar a uma união total, *e a razão é, porque o estado desta divina união consiste em ter a alma, quanto à vontade, com total transformação na vontade de Deus, de forma a não haver nela coisa contrária à vontade de Deus, mas que, em tudo e por tudo, o seu movimento seja somente vontade de Deus*.

Assim, nós encontramos neste primeiro livro, o caminho do desprendimento total que é condição para chegar à união divina. Caminho que pressupõe o trabalho activo do Homem, a sua participação directa na ascensão para Deus. Quando os sentidos estão suficientemente submetidos ao espírito, começa a segunda noite, a noite da purificação do espírito.

No segundo livro trata desta noite da purificação do espírito, a noite escura. Noite escura do espírito, purificação activa do entendimento. Noite escura que é a fé, *meio admirável para chegar ao termo, que é Deus*. A fé é noite escura para a alma pois leva a acreditar em verdades reveladas pelo próprio Deus, *as quais estão acima da luz natural, e excedem todo o entendimento humano, sem proporção alguma*. *Daqui vem que, para a alma, esta excessiva*

*luz da fé que se lhe dá, é obscura treva, porque o mais suprime e vence o menos, assim como a luz do sol suprime outras quaisquer luzes, de maneira a não parecerem luz quando ela brilha e vence a nossa potência visual. Ao mesmo tempo que a fé é noite escura para a alma, que a cega, ela dá-lhe luz.*

A união da alma com Deus é entendida, por São João, como a transformação da alma em Deus, é a união sobrenatural, em que as duas vontades, a da alma e a de Deus, *estão conformes em tudo, não havendo numa nada que repugne à outra. E assim, quando a alma tirar totalmente de si o que repugna e não está conforme à vontade divina, ficará transformada em Deus por amor.* Como já referimos, para esta união se tornar possível, o despojamento total é condição primeira, a noite dos sentidos, não ficando nela nada que não seja vontade de Deus. Mas esta união faz-se quando Deus concede à alma *a sobrenatural mercê, de todas as coisas de Deus e da alma, serem uma só coisa em transformação participante; e a alma mais parece Deus que alma, é até Deus por participação, embora na verdade tenha o seu ser natural tão distinto do de Deus como antes, ainda que esteja transformada.*

Para se chegar a esta união, São João fala-nos ainda nas três virtudes teológicas, fé, esperança e caridade, sendo através delas que a alma se une a Deus, segundo as suas potências que são o entendimento, a memória e a vontade. A alma segue o caminho que a leva à união *arrimada a estas três virtudes*, pois a alma só se une a Deus pela fé quanto ao entendimento, pela esperança quanto à memória e pela caridade quanto à vontade. Elas causam vazio nas potências, *a fé no entendimento, vazio e obscuridade de entender; a esperança na memória, vazio de toda a posse, e a caridade na vontade, vazio e desnudez de todo o afecto e gozo do que não é Deus.*

Da mesma forma que na noite dos sentidos as potências sensitivas dever-se-ão esvaziar dos objectos sensíveis, na noite espiritual as potências espirituais dever-se-ão esvaziar e purificar de tudo o que não é Deus e *ficar na obscuridade das três virtudes, que são o meio, e disposição para a união da alma com Deus.*

Chegamos ao terceiro livro que trata da noite da aurora que é Deus. Depois de no livro segundo São João da Cruz ter-se debruçado essencialmente sobre a fé, neste terceiro ele vai falar sobre a purificação da memória e da vontade. As virtudes teológicas purificam o espírito unindo-o a Deus, o que nos pode levar a concluir que a segunda fase da vida espiritual é um verdadeiro encaminhar-se para Deus. A purificação da memória, levará a que a alma se una com Deus segundo a memória pela esperança, *quanto mais a alma desapossar a memória de coisas recordáveis, que não sejam Deus, tanto mais a porá em Deus, e mais vazia a terá para esperar d'Ele o que a há-de encher por completo.* Mas também a vontade tem de se despegar de tudo, para se concentrar inteiramente em Deus, *a vontade não deve comprazer-se senão no que dá honra e glória a Deus.*

A subida do Monte Carmelo representa a ascese, o esforço para atingir a experiência da divina união. Está centrada essencialmente no caminho que leva ao despojamento da alma sublinhando o seu papel activo na ascensão para Deus. Mas esta ascensão, pressupõe também um papel passivo da alma, que São João descreve na sua obra *A Noite Escura.*

*A Noite Escura - Purificação Passiva do Sentido e do Espírito*, como o sub título sugere, mostra o papel da iniciativa divina na purificação dos sentidos e do espírito, trabalho passivo que a alma aceita, trabalho que Deus realiza, pelo qual atrai o amor da alma, concentrando-o em si. A alma deve dar-se mas também deixar-se tomar, *quando a alma procura Deus, muito*

*mais a procura o seu amado a ela.*

Nesta obra São João refere a aridez, que é a crise por que deverá passar a alma, quando Deus a vem buscar. Esta aridez é o primeiro efeito do amor passivo, o primeiro efeito do trabalho que Deus realiza sobre a vontade que se mostrou generosa, privando-a do apoio religioso sensível e enviando-lhe a aridez. É este o caminho para a alma fazer a aprendizagem da contemplação, que é uma forma diferente de conhecer Deus, que lhe irá dar o sentimento de Deus, *estando sossegada a casa da sensualidade, isto é, mortificada, apagadas as suas paixões e sossegados e adormecidos os apetites por meio desta ditosa noite da purificação sensitiva, sai a alma a começar o caminho ou a via do espírito, que é dos proficientes e aproveitados, via a que também chamam via iluminativa ou de contemplação infusa, com que de si Deus apascenta e alimenta a alma, sem discurso nem ajuda activa da mesma alma.*

No segundo livro desta obra trata da noite passiva do espírito, continuando a falar do papel do amor passivo e do conhecimento contemplativo que dele resulta. Mas este é um amor mais profundo que ilumina a alma, ajudando-a a ver as suas próprias imperfeições o que a leva a sofrer terrivelmente. Mas este sofrimento leva-a gradualmente à sua purificação, dando-se a transformação do amor numa santa paixão por Deus. Quando a alma está purificada, a união acontece. Este caminho é explicado por São João da Cruz, no livro segundo, através de uma imagem a que fomos extremamente sensíveis, escreve o Santo, *para maior clareza do que fica dito e do que se há-de dizer, convém notar aqui que esta purificativa e amorosa notícia ou luz divina, que aqui dizemos, actua na alma, purificando-a e dispondo-a para a unir perfeitamente consigo, da mesma maneira que o fogo no madeiro para o transformar em si; porque o fogo material em se aplicando ao madeiro a primeira coisa que faz é começar a secá-lo, tirando-lhe para fora a humidade, fazendo-o chorar a água que em si contém. Logo*

*o vai pondo negro, obscuro e feio, e até com mau cheiro; e indo-o assim secando pouco a pouco lhe vai tirando a luz e deitando fora todos os acidentes feios e escuros contrários ao fogo. Finalmente, começando a inflamá-lo por fora e a aquecê-lo, acaba por o transformar em si e pô-lo tão belo como o mesmo fogo. Neste termo, já não há da parte do madeiro nenhuma paixão nem acção própria, salvo o peso e a quantidade mais espessa que a do fogo, porque tem em si as propriedades e acções do fogo; porque está seco e seca; está quente e aquece; está claro e alumia; está muito mais leve que antes, operando nele o fogo estas propriedades e efeitos.*

Para darmos por finda esta breve abordagem ao caminho místico de São João da Cruz, uma referência ao poema *Chama Viva de Amor*, torna-se necessária. Depois das noites a união realiza-se. Este poema é todo ele consagrado à união mística, ao *matrimónio espiritual*, canta o mais alto grau de perfeição a que o homem pode chegar na terra. No prólogo deste poema, que tal como todos os outros, ele considera um sinal da presença do divino, diz-nos São João, *estas canções tratam do amor já mais qualificado e aperfeiçoado nesse mesmo estado de transformação...e neste incendiado grau de amor se há-de entender que fala aqui a alma, já tão transformada e acrisolada interiormente em fogo de amor, que não só está unida a este fogo, mas já é dele uma "chama viva".*

Os poemas de São João da Cruz constituem as manifestações mais genuínas da sua dimensão mística, do seu encontro com o desconhecido, com o mistério. É através deles que tomamos contacto com as suas experiências místicas, sendo este poema a exaltação da felicidade sentida pela alma ao chegar ao cume do monte, ao atingir a luz. Mostra-nos, através da *Chama*, a possibilidade da união, a beleza do ser transformado em Deus. Mostra-nos ainda que é possível levar a bom termo o caminho de aproximação a Deus, e dizer, usando as palavras de São

Paulo, eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Deus que vive em mim.

Beatificado em 1675, só no século seguinte, em 1726, será canonizado. Mas já antes da sua Beatificação, é considerado como o mestre incontestado dos altos estados de contemplação, sendo considerado como um especialista da união mística.

Terminamos este breve, mas realmente enriquecedor, encontro com São João da Cruz, citando uma passagem do livro *Jean de la Croix en France* (1993) de André Bord, onde Bord nos diz, *o ensinamento de João é universal, ultrapassa o Carmelo, as Escolas, mas implantada na Igreja, a sua mensagem é a da revelação. Por outro lado, João é o especialista das alturas. No ponto culminante da tradição mística, a sua análise excede pela sua mestria, sua precisão, sua riqueza, tudo o que disseram os seus predecessores.*

### 1.3 - BHAGAVAD GITÁ

Num último esforço de ajustarmos o nosso pensamento, na procura de uma maior aproximação a Bion, uma referência a outra fonte inspiradora da sua inovadora visão da psicanálise, se impõe. Fonte ligada às origens de Bion, que se enraíza nessa Índia distante, de onde partiu aos oito anos, e onde nunca mais voltou. Diz-nos Rezende que a “origem das ideias de Bion” tem a ver com a aia, tem a ver com a bábá, tem a ver com as histórias que esta lhe contava, tem a ver com *Bhagavad Gitá*.

É, pois, um muito breve encontro com a inspiração mística que trouxe da Índia, que vamos tentar realizar, através do nosso próprio encontro com *Bhagavad Gitá*. Breve encontro, pois temos perfeita consciência que uma verdadeira compreensão deste texto sagrado, implicaria um aprofundamento que não fizemos, pois sai do âmbito do trabalho que nos propusemos realizar.

*Bhagavad Gitá*, *Cântico do Bem-Aventurado Senhor*, faz parte do poema épico *Mahâbhârata*, poema onde se conta a história mítica das origens do povo indiano. O *Gitá* é considerado por todas as correntes bramânicas como um livro sagrado, à semelhança dos Veda, sendo integrado na Revelação, enquanto que as restantes partes do *Mahâbhârata* fazem somente parte da Tradição.

O *Cântico do Bem-Aventurado Senhor* apresenta-se, sob a forma de um diálogo, entre Krishna e o seu discípulo Arjuna. A história começa no momento em que vai ter início a batalha que punha em confronto dois clãs, aparentados e rivais, que reclamavam o direito de serem ambos, os verdadeiros herdeiros da dinastia que governara o mundo, durante milhares de anos. Arjuna, perante o facto de ter de combater com os seus próprios parentes, é invadido por uma

imensa piedade, referindo-se ao horror que seria matar os seus, terminando com estas palavras, *se, recusando-me a fazer frente e a usar as minhas armas, eu fosse morto no combate pelos Dhritarâshtridas com as armas na mão, isso seria para mim um destino melhor. E ditas estas palavras. Arjuna, em plena batalha, deixou cair arco e flechas e sentou-se ao fundo do seu carro, com o espírito alucinado pelo desgosto.* Arjuna manifesta um conflito entre o amor e a honra.

Ao ver o desespero de Arjuna, Krishna, o representante do saber supremo, começa, a partir do cântico segundo, a tecer múltiplas considerações no sentido de iluminar a mente do seu discípulo. Mostra-lhe que há duas formas de enfrentar as coisas, dois pontos de vista, dois vértices, como os sábios as vêem e como Arjuna as descreve, dizendo-lhe que só em parte é verdade o drama que ele descreve, e que o levou a este estado de angústia, já que, *no corpo de cada um, ó Bhârâtida, esse senhor do corpo encarnado permanece para sempre inacessível aos golpes mortais; por isso não poderás apiedar-te de todos os seres em devir.* Chamando-lhe a atenção para que *daquilo que é imutável ninguém poderá provocar a destruição.*

Fala sabiamente sobre o valor da acção, dizendo que ela faz parte da vida, que é a acção que levará o homem à calma perfeita, dizendo que ele próprio age sem cessar e que se parar por um instante que seja, *o universo inteiro correrá perigo. Eu não tenho nada a ganhar com o meu trabalho; eu sou o único Senhor. Porque é que trabalho? Porque amo o mundo.* Mas diz também, que só o homem que *desprendido, age, atinge o Soberano bem. O sábio deve agir igualmente, mas sem apego, não visando mais do que a integridade do universo.* Krishna age com desprendimento porque ama e é este amor verdadeiro que liberta de todo o apego, possibilitando o real desprendimento.

Como nos diz Pâvhâri Bâbâ, citado por Swami Vivekananda (1936), *o segredo do trabalho é que o fim e os meios se unam transformando-se num*. Quando se faz um trabalho, qualquer que ele seja, não se deve pensar em nada para além dele. Deve-se agir amando esse trabalho, consagrando-lhe toda a vida, durante o tempo em que ele se realiza. Quando, desta forma, se cumpre um dever, com desprendimento total pelos resultados, *é-se conduzido à mais alta realização da perfeição da alma*.

O ideal mais elevado do Karma Yoga é a abnegação do homem em relação a si próprio, abnegação total e eterna. O homem é confirmado em sabedoria quando consegue manter os sentidos sob o seu próprio domínio, libertar-se dos desejos e quando esse homem retrai e reúne totalmente as suas faculdades sensoriais longe dos objectos sensíveis, *tal é, ó filho de Prithâ, o estado bramânico; aquele que o atingiu não se voltará a perder; quem sabe manter-se nele, mesmo na derradeira hora, atinge a extinção em Brâmane, atinge pois o estado de união*. Despojado de tudo, diz-nos Krishna, *trazendo-se a si próprio incessantemente à unidade, o adepto da disciplina unitiva cujas faculdades mentais se encontram dominadas acede à paz na qual - fim supremo - se extingue toda a miséria, e reside em mim*.

Só o homem que tem fé na ordem sagrada, poderá chegar à união, pode aceder ao imutável, *nem o sol, nem a lua, nem o fogo o iluminam, esse lugar do qual não se regressa quando se lá chegou: é a minha suprema morada*. Krishna diz ainda a Arjuna que cada homem é uma parcela da Pessoa suprema, parcela que dá ao homem o sentido interno, possibilitando-lhe o conhecimento, *uma parte de mim mesmo -eterna- , transformada num vivo no mundo dos vivos atrai a si sentidos dos quais o sentido interno é o sexto, e que são inerentes à natureza naturante*.

No último cântico Krishna fala da disciplina da renúncia libertadora, fazendo a apologia da realização das obras que são sacrifício, dom e ascese já que estas são meios de purificação, levando a um conhecimento da essência única, imutável e indivisa que existe nos seres divididos, *mas este conhecimento, que identifica uma a uma essências variadas e diferentes em todas as coisas, fica sabendo que é rajásico. Quanto àquele que, sem razão, se apega a um efeito exterior e a um único, como se ele fosse o todo, aquele cujo objecto é irreal, é chamado tamásico.*

O homem despojado de tudo que é relativo, mantendo sem cessar o seu pensamento em Krishna terá a possibilidade de franquear todos os obstáculos, atingindo a paz suprema. O Bem Aventurado Senhor depois de ter revelado a Arjuna *esta ciência mais misteriosa que o próprio mistério, diz-lhe, entretanto aprende ainda dos meus lábios o maior segredo, a palavra suprema: tu és-me inabalavelmente caro; é por isso que te vou dizer aquilo que te é salutar. Que o teu espírito permaneça em mim, que a tua devoção se me dirija; para mim os teus sacrifícios, a mim as tuas homenagens e tu virás a mim: na verdade, eu to prometo, porque tu me és caro.*

Depois de ouvir com o espírito concentrado, os ensinamentos do Mestre, Arjuna expressa a sua docilidade e a aptidão recuperada para combater. Quando decide agir, quando decide combater, já é um outro, já sofreu uma mudança dentro de si próprio, a acção é a manifestação do seu ser, é a expressão do ser transformado que ele exprime dizendo, *a minha desorientação encontra-se dissipada: graças a ti, Acyuta, recuperei a minha presença de espírito. Eis-me de pé, liberto da dívida. Executarei a tua ordem.*

Arjuna vive o dilema de se ver perante uma situação de sofrimento, de frustração, a sua reacção

inicial é de fuga a esse sofrimento, ao longo de todo o poema vimos o caminho progressivo de transformação da realidade que ele teve de enfrentar, vimos o progressivo caminho de transformação do seu próprio ser. Pensamos, durante a leitura que fizemos, na frase de Bion, *diante da frustração, duas atitudes são possíveis, uma que é fuga, outra que é transformação da realidade*. Arjuna opta pela transformação, pelo sofrimento de se confrontar consigo próprio, opta pelo crescimento entrando em contacto com “O”, com a Verdade, com a Realidade Última, quando age, quando decide lutar, como dissemos anteriormente, ele é outro Arjuna, ele é um Arjuna transformado, mais próximo da sua própria verdade, daquilo que realmente ele É.

Depois do caminho que fizemos, no sentido de ajustarmos o nosso próprio pensamento, procurando encontrar as fontes implícitas no pensamento de Bion, embora reconheçamos as nossas limitações, acreditamos que estamos mais capazes de compreender o pensamento deste homem, que foi realmente o leight motiv de toda a reflexão que temos vindo a desenvolver ao longo deste trabalho.

## 2 - UMA INTRODUÇÃO POSSÍVEL A BION

*Sem Deus, nada tem significado.* Era esta a divisa da família de Bion e foi esta a divisa que acompanhou toda a nossa reflexão sobre este autor, ajudando-nos a percorrer o caminho que nos levou ao encontro com Bion, na procura de uma luz que nos possibilitasse compreender as alterações que introduziu no manejo da transferência e da contratransferência, que nos possibilitasse compreender a sua reflexão inovadora sobre a psicanálise.

De novo referimos, correndo o risco de nos repetirmos, que foi um trabalho árduo, esforço penoso onde os momentos de desorientação, que por vezes se tomaram no mais escuro desespero, foram infindáveis. Procuramos compreender a teoria, mas, a dado momento, percebemos, uma vez mais, que nada era possível sem antes termos um encontro com Bion pessoa.

Conhecemos momentos de uma vida, preenchemos fantasiosamente as lacunas e organizamos internamente uma história de vida que começou na Índia.

Foi nesta terra que Bion nasceu. Foi desta terra que partiu, para Inglaterra, aos oito anos. Foi a esta terra que nunca mais voltou. Mas acreditamos que foi esta terra mãe que permaneceu nele, recriada pela ausência, que contribuiu para o tornar no criador que Bion realmente foi.

Solidão, abandono, nostalgia de um Paraíso perdido e distante. Sentimos serem estas as dominantes da infância/adolescência vivida em Inglaterra, com momentos bons de presença materna e de verdadeiro encontro com pessoas, como refere quando recorda as famílias de dois amigos da Escola, *a senhora Hamilton e a senhora Rhodes, cada uma a seu modo, ajudaram-*

*me a fazer com que o meu último ano na prep school fosse um ano durante o qual comecei a furar aquilo que parecia, olhando para trás, um exo-esqueleto de sofrimentos.*

Do tempo que permaneceu na Escola, Bion escreveu, *era bem disciplinada e extremamente esclarecida. Poderia suportar uma comparação com qualquer outra que eu conheci depois. Era intelectual e emocionalmente activa....* Mas esta Escola tornou-se passado no dia em que a deixou e se ofereceu como voluntário para a guerra, transformando num verdadeiro soldado, o maquinista do combóio imaginário onde viajou ao longo da infância. De novo a solidão e o isolamento são a dominante do seu viver a guerra, esta descida ao inferno onde o sofrimento terá sido a palavra de ordem. Sobre o fim da guerra escreveu, *ah, sim, morri - no dia 8 de Agosto de 1918.*

Terminada a guerra, Bion licenciou-se em Letras e posteriormente em Medicina. Importante aqui recordar que foi durante a sua formação em letras que ele tomou contacto com Kant, filósofo que se manteve uma referência ao longo de toda a sua obra. Finda a carreira de docente de historia, eventualmente cansado de dar aulas, decidiu formar-se em medicina. Nesta fase da sua vida ter-se-à sentido *moralmente revigorado*, tendo encontrado pessoas que o marcaram, como Wilfred Trotter, médico de quem foi assistente no início da sua carreira hospitalar. Bléandonu refere que *em contacto com este mestre, seguro de si mesmo, a desmesurada consciência de Bion começou a humanizar-se.* Lembramos ainda as palavras do próprio Bion, quando se refere a Trotter, *escutava com um interesse desprovido de pretensões, como se as contribuições do paciente decorressem naturalmente do próprio conhecimento (...). O seu interesse tranquilo tinha como efeito fazer jorrar outras indicações do paciente; a fonte de conhecimento não se esgotava.* Este homem terá tido, no dizer de Bléandonu, um papel significativo no despertar de Bion para a importância dos grupos, que

mais tarde, durante a segunda guerra mundial, ele estudou, desenvolvendo uma teoria original. Considerando a reabilitação como um problema grupal, criou uma técnica psicoterapêutica designada por *técnica de grupo sem líder*.

### 3 - TÉCNICA DE GRUPO SEM LÍDER

Esta técnica, aplicada no Hospital de Northfield durante a segunda guerra mundial, é mais tarde desenvolvida por Bion, em Tavistock. A sua preocupação dominante era promover a mudança, assumindo o papel de pesquisador activo.

A teorização da técnica inovadora sobre a terapia de grupo apareceu, em 47, na sua exposição apresentada à Sociedade Britânica de psicologia, ele refere que *numa pequena colectividade, os homens têm a possibilidade de exercer as suas aptidões particulares sem ser condenados à frustração e à atrofia do desejo*.

Pensamos ser oportuno fazer aqui uma referência à sua relação com a psicanálise. Desde o início da sua formação médica, Bion interessou-se pela nova ciência. Investigou Freud, refletiu a teoria de Melanie Klein, com quem fez análise a partir de 1945, tendo sido ambos fontes inspiradoras dos pressupostos teóricos da teoria dos grupos. A este propósito lembramos as palavras de Grinberg, *as teorias de Freud, entre elas a do complexo de Édipo, mostraram a enorme importância do grupo familiar para o desenvolvimento do ser humano. Os trabalhos de M. Klein, em particular as suas hipóteses sobre as primeiras relações objectais, as ansiedades psicóticas e os mecanismos de defesa primitivos permitem entender que o*

*individuo não só pertence desde o começo da sua vida a um grupo familiar, mas que os primeiros contactos com a mãe e as pessoas que o rodeiam, têm qualidades em si mesmas peculiares e de profunda importância para o seu desenvolvimento posterior.*

Foi, pois, com um olhar de psicanalista que Bion trabalhou com a vida emocional dos grupos. Mais do que os conteúdos, valorizava o clima afectivo que se gerava no grupo e era manifesto nas trocas verbais entre os seus membros. Partindo da vida emocional dos grupos explica as relações entre os membros do grupo a partir de três pressupostos básicos: dependência, acasalamento e luta e fuga. O grupo dos pressupostos básicos *depende de uma participação involuntária, automática e inevitável. Os pressupostos básicos opõem-se a qualquer evolução que poderia resultar de uma compreensão. Em contrapartida dão um sentimento de maior vitalidade.*

Refere a este propósito que os fenómenos que se observam nos pressupostos básicos são semelhantes às reacções de defesa contra a ansiedade psicótica, utilizando a linguagem como *acção em vez de desenvolver a linguagem como método de pensamento, o grupo serve-se de uma linguagem como forma de acção.*

Mas coexistindo com o grupo de pressupostos básicos, este nível mais primitivo de funcionamento, ele considera o grupo de trabalho que funciona a um nível de contacto com a realidade, tolerância à frustração e de controle das emoções, promovendo o crescimento do grupo e dos seus membros. O conflito entre estes dois grupos é uma constante do grupo terapêutico. Bion defendia a necessidade do terapeuta *deslizar de uma perspectiva psicológica a outra.*

Todo a investigação e teorização feita por Bion sobre os grupos, possibilitou-lhe uma melhor compreensão da situação analítica, levou-o a ver a psicanálise como um grupo de trabalho *que favorece o pressuposto básico do acasalamento, assim a psicanálise será apenas um caso particular da dinâmica dos grupos.*

No fim dos anos 40 Bion deixou de teorizar sobre os grupos dedicando-se ao estudo da psicose, no entanto, pensamos que todo o trabalho original realizado com os seus grupos terapêuticos terá sido determinante para a perspectiva inovadora que desenvolveu sobre a psicanálise de psicóticos.

Parece-nos interessante realçar que já nas suas terapias de grupo baseava muitas das interpretações que fazia nas reações afectivas do terapeuta, na contratransferência, assim fez-nos muito sentido o que Bléandonu escreveu a este propósito, *quando os anos cinquenta viram surgir a noção de contratransferência na literatura psicanalítica, Bion estava uns dez anos à frente.*

#### **4 - UMA PERSPECTIVA INOVADORA DA PSICOSE**

Partindo da teoria de Klein sobre o desenvolvimento precoce, na década de cinquenta, o alargamento da prática psicanalítica às situações de psicose, concretiza-se. É neste contexto que Bion apresentou, no dia 1 de Novembro de 1950, à Sociedade Britânica de Psicanálise, um trabalho intitulado *O Gémeo Imaginário*. Neste escrito relata a análise de três pacientes, todos sofrendo de patologias graves, que apresentavam um aspecto comum, a existência de um

gémeo imaginário, que remonta à relação mais primitiva do paciente, sendo expressão da sua incapacidade de tolerar um objecto que não estivesse inteiramente sob o seu controle. A função do gémeo imaginário era, portanto, negar uma realidade distinta da pessoa do próprio paciente. Continuando a explicar esta situação afirma ainda, junto com essa negação da realidade externa, coexistia a sua capacidade de tolerar as realidades psíquicas internas, e considerável trabalho precisou ser feito antes que se desse qualquer aumento de tolerância.

De salientar ainda a importância que Bion atribuiu à visão nas associações destes pacientes, o aumento da acuidade visual era sentido como estando a exigir, por sua vez, um aumento no poder de apreensão intelectual, considerando a hipótese de o desenvolvimento psicológico, que anuncia o complexo de Édipo, estar ligado ao desenvolvimento do controle ocular, o que confirmaria a perspectiva de Klein quanto à precocidade do Édipo.

Parece-nos interessante referir a alusão que Klein faz a este trabalho de Bion no seu escrito de 1963, *Sobre o Sentimento de Solidão*. Quando analisa a fonte do sentimento de solidão interior, refere-se à presença desde o começo da vida, da necessidade de cindir e de integrar. A integração aumenta com o crescimento do Ego baseando-se na introjecção do objecto bom, que se irá tornar na base do Ego em desenvolvimento. Mas a integração é um processo que implica dificuldade de ser aceite, já que a reunião de impulsos destrutivos e amorosos e *dos aspectos bons e maus do objecto*, pressupõe o aparecimento da ansiedade relativa ao objecto bom que pode correr perigo, o perigo de ser destruído pelos impulsos destrutivos.

Assim a integração completa nunca é atingida o que torna impossível a total compreensão e aceitação das próprias emoções, fantasias e ansiedades, o que se constitui como factor

determinante do sentimento de solidão. A este propósito Klein escreve, *o anseio de compreender a si próprio também está ligado à necessidade de ser compreendido pelo objecto bom internalizado. Uma expressão desse anseio é a fantasia universal de se ter um gêmeo - uma fantasia para a qual Bion chamou a atenção, num artigo não publicado. Essa figura gêmea, como ele sugeriu, representa aquelas partes não compreendidas e excindidas que o indivíduo anseia por recuperar, na esperança de alcançar inteireza e completa compreensão; essas partes são, algumas vezes, sentidas como sendo as partes ideais. Em outras ocasiões, o gêmeo também representa um objecto interno inteiramente confiável, na verdade, um objecto interno idealizado.*

Continuando a nossa reflexão sobre a perspectiva inovadora de Bion em relação à psicanálise, uma referência à personalidade psicótica se impõe.

Começamos por realçar a forma como perspectiva a personalidade psicótica, não como um diagnóstico psiquiátrico mas como um modo de funcionamento mental, que existe a par com outro modo de funcionamento, que é a personalidade não psicótica ou a parte neurótica da personalidade. Segundo afirma, o contacto do Ego com a realidade não é totalmente perdido, o que explica a existência desta personalidade não psicótica. Referindo-se ao escrito de Freud de 1924, *Neurose e Psicose*, afirma no seu escrito *Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a não Psicótica*, *não creio que alguma vez o Ego esteja inteiramente afastado da realidade. Diria que o contacto com a realidade é mascarado pelo predomínio, na mente e na conduta do paciente, de uma fantasia onnipotente, que visa destruir não só a realidade, mas a consciência da mesma e, assim, atingir um estado que não é vida, nem tão pouco morte. Uma vez que jamais se perde, por completo, o contacto com a realidade, os fenómenos que costumamos associar às neuroses jamais estão ausentes, servindo a sua*

*presença, no meio do material psicótico, para complicar a análise, quando se obtém suficiente progresso.*

Na diferenciação que estabelece entre estes dois modos de funcionamento dá especial relevo ao papel da identificação projectiva, considerando o papel que esta desempenha na parte psicótica da personalidade. Para melhor clarificarmos este aspecto recorreremos a uma passagem do mesmo escrito, *não creio que seja provável que ocorra progresso real a menos que se dê o devido peso à natureza da divergência entre a personalidade psicótica e a não psicótica, e em especial ao papel que, na parte psicótica da personalidade, tem a identificação projectiva, como um substituto da repressão que ocorre na parte neurótica da personalidade.*

Importante salientar que Bion, desde o seu trabalho com os grupos terapêuticos, considerou determinante na sua reflexão teórica, o escrito de Freud, de 1911, onde formulou os dois princípios do funcionamento psíquico.

Bion considerava que o pensamento verbal era o elemento primeiro das funções desenvolvidas pelo Ego para entrar em contacto com a realidade, assim construiu uma teoria sobre a esquizofrenia a partir do estudo da linguagem utilizada por estes pacientes. Eles apresentam um pensamento verbal extremamente afectado, pois a identificação projectiva excessiva, vivida na posição esquizoparanóide, impossibilitou a construção interna de objectos bons, da qual está dependente o início do pensamento verbal. Assim a linguagem verbal é utilizada pelo esquizofrénico como *uma forma de acção, um método de comunicação e uma forma de pensamento.*

Como Klein afirmou, o pensamento verbal está ligado à posição depressiva, que possibilita a unificação e a síntese, ajudando na consciencialização da realidade psíquica com a consequente vivência depressiva da perda dos bons objectos, o que acarreta a tomada de consciência da existência de perseguidores internos. Assim, o paciente esquizofrénico vai perceber a ligação entre o pensamento verbal e a posição depressiva como uma relação de causa e efeito, o que o leva a ter ódio à análise.

Como já afirmamos anteriormente, o recurso à identificação projectiva excessiva, implica uma cisão do Ego em pequenas partículas que são projectadas nos objectos e *na fantasia do paciente, as partículas do Ego expelidas levariam uma vida independente e incontrolada, ora contendo objectos externos, ora sendo por eles contidas, abrigadas dos objectos externos.* Esta cisão do Ego em partículas mínimas, que são projectadas, cria uma realidade dolorosa, habitada pelos objectos bizarros, tomando-se, por vezes, uma realidade inabitável, *uma vez que é dessas partículas que o paciente depende para usá-las como protótipos de ideias - que posteriormente formarão a matriz de que surgem as palavras - esta sufusão do pedaço de personalidade pelo objecto contido, mas controlador, leva o paciente a achar que as palavras são as próprias coisas reais que elas designam, levando-o a equacionar, igualar, mas não simbolizar.*

A parte psicótica da personalidade, utilizando imagens concretas, tem tendência a destruir qualquer movimento no sentido de estabelecer união entre dois objectos. Os *ataques contra os vínculos* destroem as ligações entre a consciência e as impressões sensoriais assim como as ligações dentro do pensamento. Estas verificações levam-no a concluir que a psicose é o resultado *de um ataque contra os vínculos.*

Recorrendo, uma vez mais, a Bléandonu parece-nos interessante lembrar as suas palavras quando compara o caminho de Bion com o de Freud dizendo-nos que, *tão preocupado quanto Freud em não separar a teoria da clínica, Bion aceitou o desafio lançado pelos casos de esquizofrenia. Entretanto, enquanto Freud fundou a psicanálise pela teoria da histeria, Bion expandiu o campo da psicanálise propondo uma concepção da esquizofrenia.*

Pensamos ser este o momento de fazermos referência à forma como Bion perspectivava a transferência e a contratransferência. Como referimos anteriormente em relação à contratransferência, Bion, desde o seu trabalho com os grupos, sempre valorizou as reações afectivas do analista e a sua importância na interpretação. Em relação à transferência considerava que a relação que o paciente psicótico estabelece com o analista caracteriza-se pelo permanente ataque que este faz à possibilidade de estabelecer um vínculo com o analista. Bion refere ainda, refazendo a histórica analogia que Freud estabeleceu entre o psicanalista e o arqueólogo, que o psicanalista é um arqueólogo da mente que descobre não os traços deixados por uma civilização arcaica, mas os traços deixados por uma catástrofe primitiva. Esta catástrofe primitiva foi originada pelo corte da ligação entre o bebé e a mãe sendo, na análise, transferida para o analista.

## **5 - PENSAR COMO A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE PROCURA DE CONHECIMENTO**

Toda a reflexão, que temos vindo a referir, desenvolvida por Bion sobre a análise de pacientes psicóticos, culminou em 1962 com o aparecimento do seu escrito *Uma Teoria sobre o*

*Processo de Pensar*, onde está *basicamente interessado em apresentar um sistema teórico*. Com esta teoria sobre o processo de pensar vamos ver a experiência emocional como o acontecimento primeiro que possibilita o pensar, o que dá origem à reformulação da divisão clássica entre emoção e razão, já que sentir é pensar. Para Bion pensar é o esforço que o homem faz para se compreender a si próprio e ao outro, pensar representa a experiência emocional de procura de conhecimento.

Considerando o pensamento como um substituto da descarga motora, vai encarar o processo de pensar como um processo dependente do resultado satisfatório de dois desenvolvimentos mentais básicos, um pensar que dá origem aos pensamentos e um pensar que possibilita a utilização dos pensamentos pré existentes, para este é necessário que se crie um aparelho para pensar os pensamentos. Distingue assim os pensamentos do aparelho para pensar, *deve-se notar que isto difere de qualquer teoria do pensamento como produto do processo de pensar, na medida em que se considera o processo de pensar um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos e não o contrário*.

A perspectiva apresentada neste escrito é desenvolvida na obra *Aprendendo com a Experiência*, onde Bion preconiza a existência de um aparelho, desde o início da vida, que tem a seu cargo as impressões sensoriais relacionadas com a conduta alimentar. Este aparelho ao adaptar-se às exigências da realidade sofre uma modificação, que possibilita o desenvolvimento da capacidade de pensar.

O ponto de partida está na relação que o bebé estabelece com o seio de que necessita, transformando-se, o seio, num mau objecto, que pode ser evacuado quando se dá o encontro com o objecto real, ao mamar. O encontro com o seio que satisfaz, seio bom, vai-lhe

possibilitar a *crença de que existe um objecto que pode satisfazer as suas necessidades*, assim quando o encontro com o não seio acontece, surge nele a noção da ausência do objecto o que gera frustração. Se a frustração é suficientemente tolerável, então ele pode criar o objecto a partir desta realização negativa, pode transformar a pré concepção de seio num conceito, dando lugar ao aparecimento do pensamento. O não seio torna-se um pensamento.

Como referimos anteriormente há também um pensar que possibilita a utilização dos pensamentos pré existentes que implica a diferenciação de um aparelho para pensar os pensamentos. Na base da formação deste aparelho considera dois mecanismos. O primeiro é a relação dinâmica continente conteúdo que está presente desde o início da vida. O bebé é invadido por impressões sensoriais e experiências emocionais muito arcaicas, estes conteúdos são projectados, através da identificação projectiva realista ou normal, para o interior da mãe que funciona como um continente capaz de metabolizar essas projecções, através da sua capacidade de reverie, devolvendo-as de uma forma tolerável que o bebé pode reintroduzir.

A este processo de transformação dá o nome de função alfa, que possibilita a transformação dos elementos beta em elementos alfa, que podem ser utilizados para criar pensamentos oníricos. Os elementos alfa irão formar a barreira de contacto que protege o encontro com a realidade, impedindo a sua distorção pelas emoções internas. A reverie, como é definida em *Aprendendo com a Experiência*, é *aquele estado animico da mãe que está aberto a receber qualquer "objecto" do objecto amado e é portanto capaz de receber as identificações projectivas do lactente, quer sejam sentidas pelo lactente como boas ou más. Em resumo, a reverie é um factor da função alfa da mãe.*

A barreira de contacto, conceito utilizado pela primeira vez por Freud, no seu escrito de 1895,

*Projecto para uma Psicologia Científica*, antecipando o de sinapse, é repegado por Bion que introduz significativas modificações. Para Bion, a barreira de contacto estabelece a fronteira entre o consciente e o inconsciente, estando num processo de permanente formação, está na base da relação normal com a realidade, com o mundo interno e com o mundo externo. É uma parte do aparelho mental produzida pela função alfa.

Bion considera-a uma estrutura em oposição à tela de elementos beta, onde a estrutura não existe, que é formada por elementos beta incapazes de estabelecer vínculos entre si, constituindo a característica do vínculo psicótico. No entanto, há alguma coerência nas características dos elementos beta já que, graças a eles, o psicótico tem capacidade de provocar emoções no analista. Permite assim ao paciente provocar no analista *uma resposta fortemente carregada de contratransferência*.

Neste momento pensamos ser importante realçar que Bion considerou a identificação projectiva como a operação mental que está na base de toda a comunicação humana, estando presente desde o início da vida.

Na formação do aparelho para pensar ainda interfere um segundo mecanismo, que é representado pela relação dinâmica entre as posições esquizoparanóide e depressiva, vai considerar a oscilação permanente entre estas duas posições, o que vai possibilitar o aparecimento do facto seleccionado *que é uma emoção ou ideia que dá coerência ao disperso e introduz ordem na desordem*. Para Bion as posições são estados da mente, havendo uma alternância permanente entre um estado de dissociação, dispersão e um estado de integração. São momentos imperativos da mente que levam a uma verdade agora conhecida para ser desconhecida logo a seguir.

Importa ainda acrescentar que o desenvolvimento dos pensamentos e do pensar dependem de factores inatos, tolerância à frustração e de factores ambientais, capacidade de reverie da mãe.

Do que temos vindo a referir se conclui que uma experiência emocional não se pode conceber separada de uma relação, o que vai levar Bion a considerar três factores inerentes ao vínculo entre objectos, preconizando como relações básicas as relações de amor, de ódio e de conhecimento (L, H, K). Ao descrever as emoções como vínculos, introduzindo o vínculo do conhecimento ultrapassa a dualidade tradicional entre amor e ódio, introduzindo ainda outro aspecto inovador que é o confronto entre vínculos positivos e vínculos negativos.

A teoria de Bion sobre o pensamento e o pensar é também uma teoria sobre o conhecer, considerando que todo o conhecimento tem a sua origem em experiências primitivas relacionadas com a ausência do objecto. K é determinante na aprendizagem através da experiência, é um vínculo activo, uma experiência emocional que representa a relação psicanalítica.

A confiança, é considerada por Bion, como uma condição básica do conhecimento, estando o processo de abstracção subjacente a essa confiança que se gera. Bion afirma, nesta obra, *ao ocupar-me da actividade K, isto é do conhecimento, devo estar consciente da minha experiência emocional e ser capaz de abstrair dela um enunciado que represente essa experiência de forma adequada. Esta abstracção inspira confiança se corresponde também a outras experiências desconhecidas no momento da abstracção.* Assim, os elementos abstraídos servem para a aprendizagem através da experiência e para a compreensão.

Uma reflexão mais profunda sobre, *Aprendendo com a Experiência*, neste momento, torna-se

imperativa. É nesta obra que, pela primeira vez, Bion fala da relação continente-conteúdo e é esta obra que, como Amaral Dias (1994) refere, *marca em definitivo uma mudança no estilo (e as preocupações) do autor*, dizendo ainda que neste livro Bion não apresenta uma teoria nova mas sim *uma nova apreciação de teorias, nomeadamente as de Freud e de Klein, à luz de um conjunto de abstrações e de notações, às quais Meltzer e com razão outorga o valor de uma terceira fase na psicanálise.*

Sobre este livro, ponto de passagem do período psicótico para o período epistemológico, Bléandonu afirma que *Bion mostrou claramente o ambicioso projecto que o animava no início do período epistemológico: escrever uma génese da psique, estabelecendo, ao mesmo tempo, os fundamentos de uma psicanálise científica.* Projecto que foi concretizado com o aparecimento desta obra quase em simultâneo com outra obra, *Elementos de Psicanálise*, onde expôs *um método que permite ao analista clínico aguçar a sua capacidade de observação e clarificar a sua reflexão a respeito do trabalho quotidiano.*

Depois de isolar as emoções básicas, Bion, procurando ultrapassar as imperfeições das teorias já existentes, preocupa-se, em *Elementos de Psicanálise*, com a compreensão dos elementos da psicanálise, considerando que os elementos são funções da personalidade, empregando o termo função como *nome para o grupo de acções, físicas e mentais, reguladas por uma finalidade e visando-a.* Estes elementos deverão representar a realização que pretendem descrever, articularem-se entre si e possibilitarem a formação de um sistema científico-dedutivo. Os elementos psicanalíticos tal como os objectos que deles derivam apresentam, na mente do analista, três dimensões, *estendem-se ao terreno dos sentidos, isto é, sempre que o analista interpreta é possível ao analista e analisando perceber que, no momento, fala sobre algo audível, visível, palpável ou odorífero, estendem-se ao terreno dos mitos, o que significa*

que são relatos de mito pessoal, não afirmam um facto observado ou enunciados de teoria representando uma realização e estendem-se ao terreno da paixão, o que representa a emoção vivida com intensidade e calor, e que se manifesta quando duas mentes estão em ligação.

Como elementos da psicanálise, Bion isolou a relação continente conteúdo que passa assim, de modelo de identificação projectiva para ser considerada como uma *categoria essencial da psicanálise*, a relação SP«--»D, que resulta da interacção entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva. Para uma melhor compreensão deste elemento recorreremos de novo a Amaral Dias (1994) que nos diz que *se trata de uma flutuação entre uma dispersão (Sp) e uma integração (D) contemporânea a continente-conteúdo e que por isso permite pôr em evidência os pensamentos engendrados em continente-conteúdo*. Considera ainda os vínculos, entre os objectos psicanalíticos, L, H, K, vínculos de amor, de ódio e de conhecimento, "R", que significa razão, "I", que significa ideia. Ainda como elementos da psicanálise encontra o isolamento e a introspecção. Bion ao considerar a sessão psicanalítica uma experiência emocional, diz-nos que para ela poder ser afirmada como verdadeiramente psicanálise e nenhuma coisa outra, dever-se-à ter em conta que *analista ou analisando, em tempo algum, perdem o sentido de isolamento, elemento peculiar à relação íntima da análise*. Afirmando ainda que *a personalidade "isolada" é em certo sentido nova ao seu desempenho e tem de se dedicar a tarefas diversas daquelas a que os seus componentes, em geral, mais se adaptam, ou seja, investigar o ambiente, com exclusão do eu; parte do preço é paga em sentimentos de insegurança*.

Estes elementos são as "letras do alfabeto Bioniano", cuja organização, numa conjunção constante, possibilita a formação de palavras ou de nomes através dos quais são reconhecidos

os objectos psicanalíticos.

Para Bion *um objecto psicanalítico não é um elemento, ainda que se possa considerar que mantém com o elemento uma relação análoga à de uma molécula em relação ao átomo*. Esta relação entre o objecto psicanalítico, que é *o objecto criado na relação analítica e susceptível de uma investigação comum*, e o elemento psicanalítico faz-se a partir da articulação entre a relação continente-conteúdo entre Sp«-»D e a dor mental que Bion considera como sendo outro elemento da psicanálise. Esta articulação entre os vários elementos possibilita o crescimento mental, possibilita a passagem da experiência para a aprendizagem. A relação continente-conteúdo surge como modelo do funcionamento psíquico, como génese e teoria do pensamento, possibilitando a simbolização, que engloba simultaneamente a abstracção e a integração. Assim a relação continente-conteúdo surge associada a uma teoria *capaz de representar a realização dos pensamentos* e como Amaral Dias (1994) refere, *não só subjacente à formação do aparelho de pensar mas ainda à união de uma pré concepção como pensamento vazio (Kant), e as impressões sensoriais apropriadas. Continente-conteúdo estará subjacente ao modelo gerador de concepções, mas também ao crescimento emocional imanente, inicialmente à diade, depois no interior do indivíduo*.

Seguindo Klein, que introduziu a perspectiva do afecto e da comunicação afectiva no processo de simbolização, partindo do sujeito que vive a situação, simbolizar é para Bion, como Rezende refere, *um universo em expansão, indo sempre além. É sair de um mundo pequeno para entrar num mundo grande*. Esta imagem do universo em expansão estará relacionada, ainda segundo Rezende, com o nascimento de Bion na Índia, tornando-se um cidadão do universo, *sensível à “expansão do universo” tanto mental como cultural*.

Considerando as características peculiares da experiência emocional que é a sessão psicanalítica, e ainda correspondendo ao ideal que Bion tinha de que a psicanálise realizasse algo semelhante à matemática, construiu um quadro de dupla entrada, "a grade", instrumento destinado a ajudar o analista a pensar nos problemas com que se depara na sua prática clínica. Promove os métodos de observação sendo simultaneamente o resultado dessa observação. Bion diz-nos que ela não é para ser usada durante a sessão, mas *quando, à noite, o psicanalista se põe a reflectir, tendo um papel extremamente importante de perfazer o percurso que nos leva ao objecto psicanalítico*. A este propósito Muniz de Rezende refere que *o percurso que leva ao objecto psicanalítico não se completa antes do "olhar teórico", sem a teoria psicanalítica, o analista não teria a possibilidade de "nomear os objectos" encontrados durante a sessão*.

A grade apresenta um eixo vertical, que é o eixo genético e um eixo horizontal, que é o eixo sistemático. O eixo genético, possibilita a observação da evolução do pensamento, indo dos pensamentos mais rudimentares aos mais evoluídos. Nas suas duas primeiras filas os elementos beta e os elementos alfa mostram níveis diferentes de pensamento, não sendo observáveis na clínica. Os elementos beta (A) são as coisas em si, só podendo ser evacuados através da identificação projectiva. Os elementos alfa (B) resultam da função alfa actuando sobre os dados dos sentidos, possibilitando os pensamentos oníricos. A fila (C) representa os pensamentos oníricos, os sonhos e os mitos. A fila (D) contem as pré concepções, correspondendo a um estado mental de expectativa. Se a pré concepção se integra numa experiência de realização com predomínio sensorial e perceptivo surge a concepção (E). A concepção transforma-se em conceito (F), quando através de um processo de abstracção, se liberta dos elementos sensoriais e perceptivos. A fila (G) engloba a combinação de conceitos e de hipóteses representando os sistemas dedutivos científicos. Finalmente na oitava fila (H)

encontra-se o cálculo algébrico.

No eixo horizontal, eixo sistemático, encontram-se seis colunas onde são anotados os usos possíveis das diferentes categorias definidas no eixo genético. Na coluna (1) encontra-se a hipótese definidora que tem por objectivo ligar factos descobertos previamente e que se encontram em conjunção constante. Na coluna (2), a que Bion dá o nome de psi, engloba enunciados falsos que negam a *realização de situação desconhecida e ameaçadora e que advêm da ansiedade do analista, impelido na interpretação a tranquilizar-se e ao paciente que aquela não existe*. Pertence, pois, ao domínio da contratransferência. A coluna (3) contém os registos de factos, *corresponde à função que Freud indica pelo termo notação*. A coluna (4) recebe os enunciados referentes à atenção e atenção flutuante. *É essencial ao discernimento. Uma das suas funções é ser receptivo ao facto seleccionado, que dá coerência e significação a factos conhecidos, de relacionamento até aí não vislumbrados*. A coluna (5) é a da investigação, destina-se a anotar as formulações teóricas que *mobilizam associações que comprovam os esforços inquisitivos do paciente e do analista*. Na última coluna (6) anotam-se as interpretações que de certa forma são análogas às acções, *ao analista, transição que mais se aproxima de decidir e transmutar pensamento em acção é a de passar o pensamento a formulações verbais da categoria (6)*.

Um aspecto que nos parece, da maior importância, referir em relação à grade, é que Bion a construiu para facilitar a comunicação entre os analistas e para ser útil ao analista, sugerindo a possibilidade de cada analista criar a sua própria grade. Ela não pode ser considerada um instrumento rígido. Segundo afirma, as categorias que apresenta no eixo horizontal, *não são completas nem exclusivas. Experimentá-las, espera-se conduza a substituí-las por outras melhores*. Lembremos mais uma vez Bléandonu, quando ao referir-se à grade nos diz *a grade*

*permaneceu, antes de mais nada, um método fundamentalmente original para teorizar a psicanálise; serviu para expor uma epistemologia genética.*

Com a teoria do pensar e do conhecimento Bion pensa a psicanálise de uma forma inovadora, redimensionando a teoria e a prática psicanalíticas. Dar ao analisando a pessoa que ele tem e que desconhece e desenvolver nele a função psicanalítica da personalidade, a sua capacidade de auto observação, torna-se o objectivo da análise. A relação transferencial contratransferencial altera-se, para além de um analista e um analisando há duas pessoas com um objecto de investigação comum que vivem numa relação de cumplicidade o sofrimento que está inerente ao crescimento, à auto descoberta.

A sessão psicanalítica torna-se uma experiência emocional onde duas mentes se vinculam fazendo nascer uma área de paixão, que é *a emoção vivida com intensidade e calor*. Experiência emocional em que o analista aceita ser continente das identificações projectivas do analisando, cujo modelo é o da relação mãe bebé, modelo continente conteúdo, onde a reverie factor da função alfa tem um papel preponderante. A função alfa torna-se assim, um instrumento do trabalho analítico. Função alfa que possibilita transformar os elementos beta que constituem a parte "louca" da mente, em elementos alfa capazes de pensamento.

## **6 - A MUDANÇA DO APRENDER PARA O CRESCER**

### **6.1 - VÉRTICE ESTÉTICO**

Continuando o caminho no sentido de entendermos a nova dimensão que Bion introduz na psicanálise, chegamos ao último livro da triologia, *As Transformações - A Mudança do*

*Aprender para o Crescer*. Último livro das três obras, que podem ser consideradas como três aproximações ao mesmo fenômeno, que é o crescimento psíquico, triologia à qual pertencem o *Aprendendo com a Experiência* e *Elementos de Psicanálise*. *As Transformações* representa um esforço de avaliação da clínica psicanalítica, e não teorias psicanalíticas novas, como o próprio Bion afirma, sugerindo ainda, que tal como o artista e o matemático, se deve considerar a tarefa do analista como *a transformação da realização (a experiência psicanalítica presente) em interpretações ou séries de interpretações*.

Marca a viragem do modelo científico-filosófico, pelo qual Bion mostrou a sua preferência até *Transformações*, para o modelo estético-artístico e místico-religioso. Sobre os modelos e sobre a sua evolução podemos dizer, de acordo com Rezende, que Bion os utilizou crendo que são três os caminhos que nos *conduzem ao objecto psicanalítico: a ciência (e a filosofia), a arte e a mística, certo de que nenhum deles, em separado, nos dá acesso ao objecto. Mas nem mesmo juntos eles nos dão acesso à totalidade*.

Os três modelos epistemológicos são introduzidos por Bion, na primeira conferência brasileira, onde ao relatar uma lenda relacionada com o cemitério de Ur, nos diz que *quando o rei morreu, todos os membros da corte se dirigiram para uma escavação, então denominada "A Cova da Morte" -e aí, nos seus mais finos trajes e todas as jóias, tomaram uma droga em pequenos cálices, ulteriormente encontrados ao lado de cada corpo. Quatrocentos anos depois, sem qualquer publicidade, as tumbas foram saqueadas. Foi algo corajoso que se fez, porque o cemitério tinha sido santificado pela morte e sepultamento da família real. Os saqueadores foram os coriféus do método científico; os primeiros a ousarem abrir caminho através das sentinelas fantasmas da morte e seus assistentes sacerdotais. Essa reconstrução primitiva, que nem é história, nem arqueologia ou arte, poderia ser categorizada a partir do*

*vértice religioso, estético ou científico.*

Tal como esta narrativa mítica pode ser entendida de diferentes formas, de acordo com o vértice utilizado, também o objecto psicanalítico pode ser procurada partindo destes três vértices: o religioso, o estético ou o científico. Em relação ao conceito de vértice, podemos dizer que ele se enraíza nessa Índia distante que foi o berço de Bion, pois quando se distinguem os diferentes sistemas filosóficos na Índia a palavra utilizada é *Darsana*, que significa ponto de vista, então podemos dizer que vértice é o mesmo que *Darsana*. São as diferentes versões possíveis que podem ser consideradas quando abordamos um determinado acontecimento.

Bion faz depender o modelo de um vértice correspondente. Assim o modelo estético-artístico está dependente de um vértice que aumenta a capacidade de percepção e de sensibilidade. Estabelecendo a analogia entre a psicanálise e a arte, considera a psicanálise como sendo parte do grupo de transformações.

No processo de criação artística, quando o pintor transforma a paisagem numa pintura há aspectos que se mantêm inalterados, conservando as invariantes que tornam possível reconhecer a sua representação da realidade. Mas as invariantes estão dependentes da técnica que ele utiliza. Também na psicanálise o trabalho do analista é a transformação de uma realização, a experiência psicanalítica vivida entre o analista e o analisando, numa interpretação ou numa série de interpretações.

Neste processo destacam-se dois aspectos, a transformação e a invariância. Analogamente ao processo de criação artística, diferentes teorias psicanalíticas implicam transformações diferentes, implicam diferentes invariantes.

Voltamos ao título desta obra, *As Transformações - A Mudança do Aprender para o Crescer*, realçando o subtítulo que define o cerne da questão que Bion aborda, a passagem da aprendizagem ao crescimento. Ao referir-se a esta obra Rezende diz-nos que, *esse livro oferece uma contribuição importante para o que seria uma teoria psicanalítica do símbolo*. Dizendo ainda que, *a simbolização é o processo que permite interpretar, reunindo a invariante e as suas variáveis*. *Numa linguagem que nos vem da matemática, Bion sugere exactamente isso: que em torno de uma invariante sejamos capazes de captar as variáveis*. *Por outro lado, ele mostra como essas variáveis são importantes para percebermos o alcance da invariante*.

Simbolizar é um processo de crescimento, o símbolo faz pensar e o pensamento é uma forma de lidar com a frustração e com a angústia que a ele está inerente. Bion diz-nos que *diante de uma frustração, posso adoptar duas atitudes: fugir ou tentar modificar a realidade*. Com a fuga evita-se o problema sem anular a angústia, adia-se, pois, a sua solução. Para se solucionar o problema da frustração, é necessário modificar a realidade, é necessário transformar a realidade e esta transformação implica o pensamento. Assim pensar é ir além da realidade, é transformar a própria realidade. Estamos de novo no modelo estético-artístico, voltamos à transformação artística.

Da mesma forma que o artista olha a realidade com um olhar que lhe possibilita ver para além dela, também o analista só pode perceber o outro que realmente o paciente é, e está para além dele, se olhar com outros olhos, capazes de realmente ver. Como Rezende refere, *a perspectiva estética cria a possibilidade de contarmos com o invisível e o mais sentido que há na mente do paciente*.

Bion representou este invisível do paciente, o seu desconhecido como “O”, que é a realidade

psíquica que se manifesta através das múltiplas transformações que realiza. Mas a transformação em "O", isto é, *ser a pessoa a sua própria verdade*, implica aquilo que denominou por mudança catastrófica.

É neste sentido que vemos Bion a considerar a análise dividida em dois tempos, uma fase pré catastrófica e uma fase pós catastrófica, divididas estas duas fases pela mudança catastrófica, que se caracteriza pela *violência, subversão do sistema e pela invariância*. O analista deve encontrar as invariantes que precedem a catástrofe e a sucedem, diz-nos Bion que *a mudança é mutação violenta, e de sentimentos violentos, violentamente expressos na fase nova. O estado de emoção violenta do paciente, análogo a uma explosão, comunica ao analista (que não reconhece a presença da transformação projectiva), e aos que, com o paciente se relacionam, reacções de tal superestimulação de objectos internos que, desse modo, desencadeiam ampla externalização destes.*

Na mudança catastrófica é importante o analista preocupar-se não só com o que permanece inalterado, a invariância, como com as transformações que o paciente realiza. Transformação implica assim um facto inicial, que representa por "O", um processo de transformação que representa por T-Alfa e um produto final resultante deste processo que representa por T-Beta.

Mas também o analista realiza transformações, sendo os acontecimentos de cada sessão o "O" das suas transformações, os processos mentais que se desencadeiam a partir destes acontecimentos são o T-Alfa do analista e a sua interpretação é o T-Beta do analista. Vemos assim ambos os intervenientes, analista e analisando, desta experiência emocional que é a análise, a realizarem transformações.

Vemos assim que o conceito de transformação é antes de tudo um conceito clínico. Sobre este conceito diz-nos Zimerman (1995), que *ele objectiva esclarecer a cadeia de fenómenos que se passa entre os enunciados do analista e do paciente, para compreender a evolução emocional de ambos.*

As transformações realizam-se utilizando técnicas diferentes. Assim considera as transformações em movimento rígido, as transformações projectivas e as transformações em alucinosose. Ao referir-se à transferência, na acepção de Freud, diz-nos que *implica um modelo de movimento de emoções e ideias, de uma esfera de aplicação para outra*, implicando, pois, transformações de movimento rígido, que são aquelas que envolvem pouca deformação, deixando invariantes mais ou menos permanentes, o que implica um  $T_p$  menos distorcido, tornando a interpretação menos difícil, *os invariantes estabelecem a relação com "O"*. O "O" paciente e o "O" analista intersectam-se formando um "O" comum.

As transformações projectivas, como afirma Grinberg, *ocorrem por projecção, dissociação e identificação projectiva...as distâncias e as épocas não são respeitadas; há um intenso exagero e deformação das mesmas ("hipérbole", como também o chama Bion) nesse tipo de transformações*. Nestas transformações as invariantes que correspondem ao "O" do analista e ao "O" do analisando são muito diferentes, logo torna-se muito difícil detectar as invariantes.

As transformações em alucinosose, relacionadas com uma *"catástrofe primitiva"*, são realizadas pela parte psicótica da personalidade. Estão relacionadas com a evacuação de elementos Beta. A catástrofe emocional primitiva é o "O" da transformação em alucinosose. De novo recorremos a Grinberg para clarificar, ele diz-nos que *um sistema de alucinosose baseia-se, pois, na intolerância à ausência do objecto com a sua concomitante intolerância à dor da frustração.*

*A evacuação de elementos Beta (alucinação no sentido amplo que lhe dá Bion) cria o "domínio do não existente", um mundo mental onde o inexistente "existe" e, portanto, o que não existe é o sofrimento doloroso da frustração.*

Ainda sobre as transformações em alucinação, gostaríamos de dizer que com Rezende aprendemos que alucinação vem dos étimos gregos Hallos e Gnosis. Hallos significa outro, logo alucinação surge-nos como um conhecimento outro, conhecimento outro que não provém da experiência sensorial, ainda que se manifeste através de elementos sensoriais.. A transformação em alucinação está relacionada com o que Bion denominou por catástrofe primitiva do bebé, relacionada com a incapacidade que a mãe teve de conter e transformar as sensações e os elementos beta, projectados pelo bebé no início da vida. Por este motivo eles foram reintrojectados sob a forma de um *terror sem nome*, que é projectado, no exterior pelas vias sensoriais, dando origem às transformações em alucinação. A incapacidade que a parte psicótica do paciente apresenta, por esta razão, de construir símbolos abstratos, dificulta a interpretação do analista. Assim, a interpretação destas transformações implica que o analista se liberte de si próprio aproximando-se do modo de funcionamento do analisando, da forma que o paciente apresenta de transformar.

"O" refere-se à realidade psíquica, representa o desconhecido do paciente que é na essência "incognoscível", manifestando-se através das transformações que realiza. Os três tipos de transformações a que fizemos referência, são transformações de "O", são transformações em que se procura conhecer (vínculo K) "O".

Mas Bion no capítulo décimo do livro *As Transformações*, refere-se às transformações em "O", os atributos de "O", os vínculos com "O", são transformações de "O" a ser tornado

"O"... *A pessoa humana é a pessoa e por esse "é", significo, um acto positivo de ser tornado, de que os vínculos L,H;K são meros substitutos e aproximações. Mais à frente define mesmo as transformações em "O" dizendo, as transformações em "O" diferem das outras, pois, as em "O" ligam-se ao crescimento, por serem tornadas nele, e as outras, por "saberem a respeito" de crescimento; assemelham-se em lhes ser o "crescimento" proposição comum a ambas.*

## 6.2 - VÉRTICE MÍSTICO

Vemos que para Bion o processo de simbolização passa a ser em direcção a "O", como uma expansão do universo mental. A noção de símbolo amplia-se, caracterizando-se pelas transformações em ser. É nos três últimos capítulos de *As Transformações* que Bion introduz o modelo místico-religioso, que, de acordo com Rezende, *é o ponto alto do pensamento e da práxis de Bion. Sem ele, os outros dois não mostram o seu verdadeiro alcance, nem acontece a mudança de vértice mais significativa.*

Segundo Bion as formulações religiosas, melhor do que as matemáticas, ajudam a entender as transformações em "O", que não é um símbolo geométrico mas sim um símbolo místico, a outra maneira de o escrever, segundo Rezende, seria como os místicos hindus o fazem, "om", que é a sílaba do silêncio, a sílaba sagrada. É na sua obra *Atenção e Interpretação*, que desenvolve o modelo místico-religioso. Obra que é considerada por Rezende, como sendo o grande texto místico-religioso de Bion, pois, *todos os capítulos nos colocam diante de "O", da Realidade Última, numa série de desafios.*

Esta aproximação à realidade psíquica, a possibilidade de intuir as evoluções de "O", de captar os estados emocionais do paciente, implica um estado mental no analista que se aproxima da "atenção flutuante" descrita por Freud, admitindo Bion que como Freud a descreveu *é a melhor expressão que conheço*, que se aproxima da capacidade de reverie que Bion descreve em relação à mãe. Para viabilizar este estado mental, Bion sugere que o analista aprenda a trabalhar sem memória, sem desejo e sem compreensão, o que implica uma posição activa não no sentido de esquecer mas de se abster da memória e do desejo, possibilitando um estado mental científico a que chamou Fé, fé em "O" e como afirma no seu livro *Atenção e Interpretação*, *fé que existe a verdade e realidades últimas - o desconhecido, o incognoscível, o "infinito informe"*. Nisto se acredita para todo o objecto de que a personalidade se dê conta: *o evoluir da realidade última (que "O" denota) espelha-se em objectos de que o indivíduo está ciente. O acto de fé tem como base algo inconsciente e desconhecido porque não aconteceu.*

A imagem existente da importância de compreender o paciente e identificar-se com ele, já não é suficiente. *A transformação em K substitui-se pela transformação em "O", e K cede posição a F.* Neste sentido, como Amaral Dias (1993) nos diz, *a fé volta ao domínio do conhecimento, mas volta pelo desnudamento do acto, pelo exercício exercido, voluntário, sobre o desejo de compreender o que quer que seja, do que quer que seja.* O analista é tornado infinito pelo despojar-se da memória, desejo e compreensão. Repegando na afirmação de Freud "cegar-se artificialmente para concentrar toda a escuridão sobre o ponto obscuro", Bion diz que *ao estar artificialmente cego pela exclusão da memória e desejo atinge-se F; a escuridão total rodeia os dados obscuros da situação analítica. Com F se "vê", "ouve" e "percebe" os fenómenos mentais de cuja realidade nenhum psicanalista militante duvida embora não os alcance pelos enunciados habituais.*

Para clarificar o que temos vindo a dizer sobre o despojar-se, o analista, de memória, desejo e compreensão, lembramos um texto de Amaral Dias (1993), que nos pareceu muito belo e significativo, onde nos diz que *não devemos perder um minuto a pensar nos nossos analisandos. No fim de uma sessão, eles não existirão mais, só existirão da próxima vez. Tudo o que se tende a pensar sobre as pessoas que nos procuram corresponde a uma démarche que é o oposto daquilo que Santa Teresa nos ensinou. Se tenho Deus dentro de mim, então, estou a opor-me a Deus.*

Mestre Eckhart e São João da Cruz são os interlocutores privilegiados de Bion quando trata do modelo místico-religioso. Acompanhando Mestre Eckhart, quando este estabelece a diferença entre Deus e a Divindade, dizendo que Deus é tudo o que dizemos sobre a Divindade, tudo o que sabemos sobre Ela, mas a Divindade é incognoscível. Bion diz-nos que da mesma forma que é possível conhecer Deus sem conhecer a Divindade também é possível conhecermos os fenómenos mentais sem conhecermos “O”. Podendo-se dizer que as teorias psicanalíticas correspondem aos conhecimentos teológicos, mas que nem as teorias psicanalíticas nos põem em contacto com a mente nem os conhecimentos teológicos nos põem em contacto com a divindade.

Com os místicos Bion aprendeu, como Rezende refere, *o que é a fé como condição de experiência do que está além de todas as formas do empirismo. Especialmente, com o Mestre Eckhart, Bion aprendeu a diferença entre Deus e a Divindade, entre a teologia e a mística, o que lhe permitiu distinguir também entre saber psicanálise e “ser psicanalista”.*

Aprendeu ainda que SER é mais importante que entender e é esta insistência no ser que torna Bion um místico. Citando a frase de Milton, *o que você é fala mais alto que quanto você diga,*

Bion faz uma proposta de ser, de ser “O”, de ser a realidade última, e não uma proposta de uma experiência de conhecimento. É pois uma proposta de evolução de K para “O”. Bion introduz “O”, a Realidade Última, como um facto no qual ele crê, sendo muito claro quando afirma, *quero dizer que acredito que há uma realidade fundamental, mesmo que eu não saiba qual seja. É a isto que eu chamaria de “facto”. Só que nós somos prisioneiros dos nossos sentidos. “La réponse est le malheur de la question”, diz Maurice Blanchot. A resposta é a desgraça da pergunta, pois ela mata-a. Há sempre um impulso em se dar uma resposta, de forma a impedir que qualquer fluxo se espalhe no espaço existente.*

Neste momento é importante referirmos que o modelo místico não surge por razões religiosas mas sim por uma exigência epistemológica, Bion refere que os outros vértices *são inadequados quando se referem a “O”, porque com a excepção mencionada do místico religioso, tais vértices e similares não se adaptam ao que é sem base sensível.* Como a mente não pode ser nomeada, a experiência de contacto com a mente só pode ser feita afectivamente, experiência por conaturalidade afectiva que é AT-ONE-MENT, *ser um com o outro precedido de despojamento.*

Deste despojamento nos fala Mestre Eckhart, como a condição necessária para que a alma e a divindade se unam, valorizando a pobreza interior. É esta importância dada ao despojamento que leva Eckhart a considerar o Homem pobre aquele que nada quer, nada sabe e nada tem. O despojamento, as diferentes dimensões da pobreza, são a condição da divindade, pois a essência divina só se pode revelar sobre a ausência de tudo.

Também em São João da Cruz encontramos como condição para que a alma se una com Deus, o despojamento da vontade, entendimento e memória. São João, no livro *Subida do Monte*

*Carmelo*, mostrou as diferentes etapas da união mística numa noite única que abrange o descer das trevas, a noite escura e o alvorecer. Sendo através das três virtudes teológicas, fé, esperança e caridade que a alma se une a Deus, segundo as suas potências que são o entendimento, a memória e a vontade, pois a alma só se une a Deus pela fé quanto ao entendimento, pela esperança quanto à memória e pela caridade quanto à vontade.

Na leitura que fizemos de *Bhagavad Gítá*, também encontramos a dimensão de despojamento de tudo o que é relativo como condição da unidade, como condição de at-one-ment, do ser um.

Como já referimos, a perspectiva mística de despojamento adoptada por Bion, leva-o ao analista sem desejo, sem memória e sem compreensão, que implica o não ser do analista para que o ser do outro possa ser nele. Tal como na experiência mística, as transformações do analista em direcção a "O", implicam ser o outro e não o ser igual ao outro.

A perspectiva que em Bion existe, que se enraíza na cultura indiana e na leitura que fez da mística cristã levam-no, como Amaral Dias (1990) nos diz, de uma forma que nos fez profundo sentido, a procurar *a possibilidade de criar a ignorância dentro do aparelho mental. Criar de facto um vazio dentro do aparelho mental, e aceitar que as coisas, tal como as conhecemos, não são como nós as (re) conhecemos mas podem ter um verdadeiro design.*

Assim, Bion ao preconizar o analista sem desejo, sem memória e sem compreensão pretende introduzir uma real mudança na atitude interna do analista. Como temos vindo a ver o cerne da psicanálise é a busca do "O", isto é, da verdade absoluta, da realidade última, *o analista põe atenção em "O", desconhecido e incognoscível. O êxito da psicanálise depende do manter o ponto de vista psicanalítico; o ponto de vista é o vértice psicanalítico; o vértice psicanalítico*

é "O". Com este, o psicanalista não se identifica: é tornado "O". A atitude mental do analista que permite a captação das evoluções de "O", implica um estado de espírito, que Bion denominou *estado de descoberta*. De novo, para clarificar, recorremos às palavras de Bion, quando se dirige ao analista dizendo, *descarte-se de sua memória, descarte o tempo futuro do seu desejo; esqueça-se de ambos, seja aquilo que você sabia ou aquilo que você quer, para deixar espaço para uma nova ideia. Pode ser que um pensamento, uma ideia não reivindicada, estejam flutuando pela sala procurando por um lar. Entre estas, pode ser que haja uma que seja a sua, que parece brotar do seu interior; ou uma de fora de você, ou seja, do paciente.*

O analista ao estar artificialmente cego ao abdicar do desejo, memória e compreensão atinge F, *fê como conhecimento outro, de um sentido que está além das nossas possibilidades*. O acto de Fé, Fé em "O", possibilita o acesso ao desconhecido, através das transformações em "O". Mas "O", a realidade última é incognoscível, assim a nossa relação com ela passa pela negatividade.

De novo recorremos aos interlocutores de Bion, para recordar o que aprendemos, através deles, sobre a teologia negativa. Mestre Eckhart estabelece a diferença entre Deus e a Divindade dizendo que Deus é tudo o que dizemos sobre a Divindade, mas tudo o que dizemos sobre Deus não é a Divindade. A teologia negativa exalta a virtude da utilização do vocabulário negativo, procedendo, para determinar o Absoluto por negações sucessivas, por eliminação das possíveis definições. Como Rezende refere, *a teologia negativa começa quando dizemos "não" a tudo o que afirmamos antes*, Rezende diz-nos ainda que *a negatividade de uma teologia negativa, assim como a negatividade de uma psicanálise negativa, não é pobreza mas riqueza. É um mais. Existe negatividade nesse sentido quando há mais...há sentido, há sentidos e há mais*

*sentidos. Há sempre um mais, não há uma última palavra que possamos alcançar, e é esse mais que é o lugar da negatividade.*

*Continuando a seguir Rezende, voltamos ao acto de Fé, se não há última palavra, como se faz a passagem? Através do acto de fé. O acto de fé é a respeito do negativo, daquilo que nós NÃO sabemos, daquilo que NÃO está ao nosso alcance, e que, no entanto, nós cremos que existe. Isto é, nós cremos na realidade última.*

Ainda de Eckhart podemos retirar a noção de “docta ignorantia”, encontrando que a Fé está do lado daqueles que conhecem a dimensão da sua própria ignorância e só os sábios sabem reconhecer a verdadeira dimensão da sua ignorância. A frase de Sócrates, *só sei que nada sei*, deverá ser o lema do homem que caminha no sentido da procura da verdade e como Amaral Dias (1995) refere, *mostra-se assim como o paradigma da sabedoria*. Bion preocupa-se com a mente, *metapsicanaliticamente* visto que pressupõe a entrada num outro universo, que não é só o inconsciente, como Freud considerou, mas num universo infinito, sem nome, por ir muito além da própria percepção. Neste sentido, a sua proposta é de crescimento, citando Rezende, *há sempre mais, além do sabido. Por isso, não há nenhuma dificuldade em abandonar o que já sabemos, pois o que não sabemos é muito mais. Não precisamos apegarmo-nos ao “pequeno mundo” sabido, porque o que nos desafia é o infinito, informe, inominável.*

Esta negatividade não é cepticismo, é como já referimos, a negatividade que encontramos nos místicos, é o acreditar que há sempre mais para além de tudo o que podemos dizer. O acto de fé científico situa-se depois da ciência, *no reconhecimento de que “não” se disse tudo o que há a dizer. Esse não é que é o sacrificio. Não é o arbitrio que nos promove, mas o seu sacrificio em nome da liberdade e da verdade. Diz-se não ao que sabemos, quando aceitamos que o que*

julgamos saber não é a verdade, assim o negativismo não é cepticismo mas é *respeito à verdade*.

Voltamos à experiência por conaturalidade afectiva que é at-one-ment. Diz-nos Rezende que, *o amor é a forma afectiva do ser. Ser, em termos afectivos, chama-se amor. Ser, em termos psicanalíticos, é at-one-ment: estar de acordo com "O"*. At-one-ment é estar em união com o paciente, fazendo um só com ele. Para Bion só o analista real está em comunhão com "O", com a realidade última do paciente, *o analista real realiza a realidade última junto com o paciente*.

Para tentarmos clarificar, importa referir que para Bion a realização é intuição, é entendimento, é compreensão, mas é ainda mais. A realidade última, o "O" do paciente, é inacessível, logo só pode ser atingido através da identificação do ser, trata-se pois de experimentar, de ser. Assim podemos dizer que o analista real é aquele que *é, pensa e fala como analista*. Como Rezende diz, de uma forma muito bonita, *ninguém está o tempo todo em At-one-ment, embora esteja à sua procura. E é o que permite dar à experiência analítica a conotação de transformação, tanto do paciente como do analista. O analista está tornando-se analista através da análise do paciente. Assim como o paciente está transformando-se nele mesmo em contacto com a realidade última que ambos experimentam*.

At-one-ment é vivido na relação continente-conteúdo, que surge formulada pela primeira vez, partindo do conceito de identificação projectiva de Klein, em *Aprendendo com a Experiência*. No livro *Elementos de Psicanálise*, a relação continente-conteúdo é considerada como um dos elementos da psicanálise, estando articulada com Sp «--» D e com a dor mental, como já anteriormente referimos. Mas é na obra *Atenção e Interpretação*, que Bion vai considerar a

relação continente conteúdo em conjunto com a interação entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva, na base da relação entre o analista e o analisando, sendo através dela que At-one-ment, o estar em comunhão, se realiza.

Os vínculos que se estabelecem na relação continente conteúdo podem-se apresentar segundo três modalidades, comensal, parasitária e simbiótica. Na comensal, continente e conteúdo harmonizam-se, embora não haja crescimento significativo em nenhum deles, na parasitária, há uma dependência recíproca, numa relação que tende para a destruição de ambos, na simbiótica, tanto o continente como o conteúdo crescem beneficiando-se mutuamente, sendo esta a relação característica do processo analítico, pois só em união simbiótica, as evoluções de "O" em direcção a K podem acontecer e K pode transformar-se em "O".

A continência exige despojamento, exige um estar sem desejo, sem memória e sem compreensão, exige *a possibilidade de criar a ignorância dentro do aparelho mental, criar o vazio*. Como Amaral Dias (1994) nos diz, *"sem memória, desejo, compreensão" não é uma atitude, mas uma meta-atitude que sustenta uma metateoria. É então esta metateoria que permite considerar as teorias do analisando (isto é, as suas opiniões e leituras do seu sofrimento e do espaço de vida que lhe foi reservado), como também de gerar a activação das teorias científicas do analista, as quais, justamente porque são colocadas em sem memória, desejo, compreensão, são como expectativas vazias, isto é análogas a pré concepções e, por isso, aptas a encontrar os pensamentos do analisando, transformando-as num lugar de significações, impossíveis de uma outra forma.*

Só um continente em estado de despojamento pode aproximar-se da eternidade e viver o aqui e agora da análise, pois se estamos vivos é porque aqui e agora a vida nos é comunicada, na

relação com a mente não há tempo, ela é eterna, *o instante eterno relativiza o passado e o futuro*, de novo estamos perante o facto de que todo o conhecimento é provisório. Estamos continuamente à procura, tudo o que vamos sabendo é etapa, é provisório, há sempre um mais que nos faz continuar.

Também do domínio do presente é a mudança catastrófica, que corresponde ao universo em expansão, significando que um mundo se desmorona e um novo mundo surge no seu lugar. A mudança catastrófica é inerente às transformações em "O", isto é, inerente ao ser a pessoa a sua verdade, vivida na relação continente conteúdo. Bion refere que as transformações de K em "O" são fundamentais para o crescimento da mente, no entanto elas despertam *o temor à turbulência psicológica, mudança catastrófica*, à ideia nova que surge e é sentida pela mente como uma catástrofe, pondo em estado de agitação toda a estrutura mental para poder ser assimilada. Este temor está associado ao sofrimento da percepção interna, do confronto do indivíduo consigo próprio, está associado à sua capacidade para tolerar a verdade acerca de si próprio. Para mudar é preciso muita coragem e fé.

A mente que cresce através da psicanálise, sofre como a alma que procura uma união divina. A transformação que implica "ser tornado" "O", é inseparável de ser tornado Deus, a Realidade Última, a Causa Primeira. De novo lembramos São João da Cruz, quando nos fala da ascese, do esforço da alma para atingir a experiência da união divina.

A tolerância à mudança catastrófica, ao sofrimento a ela inerente, implica que o analista em continente conteúdo tenha capacidade de ter paciência e segurança. *Paciência e Segurança* são os termos que Bion usa para designar, na função continente do analista, o equivalente da posição esquizoparanóide e da posição depressiva. Em relação à paciência diz Bion, *quero que*

*esse termo mantenha a sua associação com sofrer e tolerar a frustração*, que é a frustração de não saber. A paciência neste sentido pressupõe a elaboração da posição esquizoparanóide, que possibilitará a elaboração pelo analista do objecto projectado, e a sua devolução ao analisando como objecto transformado. A segurança está relacionada com a elaboração da posição depressiva, que é condição da paciência. Sp«--»D, factor que pela sua condição de criar vazios, possibilita a nomeação, o surgimento da conjunção constante, ainda que efémera, através da interpretação e pela criação do objecto psicanalítico.

Diz-nos Amaral Dias (1994) que, *esta oscilação entre "paciência" e "segurança", isto é, entre Sp«-»D, seria o indicio de uma função continente promotora de crescimento emocional*, pois o que faz a continência, é a capacidade do analista acolher o analisando com paciência mas também com segurança, tolerando o símbolo criado e apoiando o analisando a tolerar esse símbolo, como Amaral Dias(1995) refere, *apesar da turbulência catastrófica, pela cooperação, pela solicitude e pela interpretação.. Com Rezende dizemos, a continência é deixar-se levar pelo espirito que sopra na mente do paciente tanto quanto na do analista.*

*O deixar-se levar é o estar-se tomando "O", é a evolução no sentido da transformação de K em "O". Correndo o risco de nos repetirmos, parece-nos oportuno, e para nós é-o certamente, esclarecer um pouco mais a relação entre K e "O". K representa o vinculo do conhecimento, possibilita a procura da verdade. Como vimos, a análise encaminha-se, a partir do modelo místico, em direcção a "O", desconhecido e incognoscível. Na experiência analítica, na relação continente conteúdo, em At-one-ment, o analista com fê no desconhecido, no "O" do paciente, vai partir do K do analisando, aproximando-se do seu modo de funcionamento, da sua forma de transformar, ao estar com paciência e segurança, sem desejo, sem memória e sem compreensão. Parte da "realidade" do paciente (K), que representa as evoluções de "O", as*

emanações da divindade como nos fala Eckhart, para o desconhecido, para "O", transformando-se em comunhão com o analisando, dois que se tornam um, em "O", através do ser tomado "O".

Toda a análise pode ser considerada uma tarefa "trans". O que acontece na análise são transformações de "O" em K. "O" torna-se comunicável através do vínculo K, as transformações de "O" em K levam a que progressivamente o indivíduo se vá tomando "O", aproximando-se da pessoa que realmente é, e como Rezende nos diz no último parágrafo do seu livro *A Metapsicanálise de Bion, a análise transcorre, toda ela, como passagem constante, numa espiral ascendente, de volta em volta, com mudança de nível. E o que se espera tanto do analista como do paciente é que ambos entrem e caminhem até ao fim do processo. De "O" para K e de K para "O"*:

Tarefa "trans" onde analista e analisando em comunhão, dois que se tornam um, *at-one-ment*, procuram encontrar um outro, um terceiro, que é aquele que o analisando verdadeiramente é. Crescimento, aproximação ao incognoscível do analisando, transformação em "O" através do ser tomado "O" do analista.

Nesta tentativa que temos vindo a fazer, de aproximação ao modelo místico religioso de Bion, a frase de Shakespeare, citada por Bion, proferida por Hamlet, a propósito do aparecimento do fantasma do pai, num diálogo que mantém com Horácio, "*Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode suspeitar nossa vã filosofia*", foi progressivamente criando em nós um significado mais rico e profundo. Ela encerra o sentido de um dos aspectos mais fascinantes da psicanálise de Bion, do modelo místico religioso, que é a abertura ao mais, ao espaço do desconhecido, ao espaço do universo em expansão. Bion dá à vida mental a amplidão do

próprio universo, *há sentido, há sentidos, há mais sentido.*

Análise tarefa “trans”, onde o *mais sentido* leva o Homem, numa procura interminável, que se continua através da função psicanalítica da personalidade, a buscar a sua própria verdade, tornando-se naquele que realmente ele é. As transformações no processo analítico surgem-nos com muita clareza e com uma extraordinária beleza, no comentário que uma paciente de Zimerman lhe faz sobre a sua própria vivência, ao chegar ao fim da análise, e que por ele nos é contada, *pensei muito no que foi a minha análise nesses anos, e comparei-a com as transformações (a paciente não era da área “PSI”) que sofre uma larva até chegar à condição de borboleta. Eu vim cá me sentindo um bicho cabeludo (termo que particularmente designa o estado larvário da borboleta), se arrastando viscoso, repugnante, e com uma única e monótona cor verde; fui passando por outros estágios de transformação, e sinto que posso me considerar uma borboleta, com cores vivas e variadas e acreditando em que eu posso fazer um voo livre, porque estou-me sentindo verdadeira.*

## CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho, em que procuramos compreender a visão inovadora da psicanálise que Bion introduziu, principalmente com o modelo místico religioso, e que nos levou a percorrer um caminho de Freud a Bion, centrando-nos principalmente na evolução do conceito de transferência e de contratransferência, ocorre-nos uma passagem da última carta que Freud escreveu de Viena a Stefan Zweig e que citamos na última parte do capítulo sobre Freud. Nesta carta, a propósito do seu trabalho ele dizia, *ninguém pode prever como as gerações futuras o irão avaliar. Eu próprio não estou muito seguro, de qualquer maneira a dívida é inseparável da investigação, e não se encontrou mais do que uma pequena parcela da verdade. O futuro próximo parece muito sombrio, mesmo para a minha psicanálise.* Comentamos então, que a verdade é que a psicanálise foi reconhecida, foi aceita e cresceu, e que tem vindo a percorrer, desde a sua origem, um caminho de aproximação progressiva à verdade, caminho que será, tal como a análise, interminável.

Foi este caminho interminável de aproximação à verdade que também em Bion encontramos de uma forma muito clara. Este sentido de interminável que ele nos transmite no mais sentido que podemos sempre encontrar, mais sentido que abre o espaço para a mente como um universo em expansão.

Caminho de Freud a Bion centrado na evolução dos conceitos de transferência e de contratransferência. Acompanhamos a evolução que o conceito de transferência sofreu ao longo da obra de Freud. De obstáculo maior à análise, na medida em que impossibilitava o fluir das associações livres, o acesso ao recalcado, vimos a transferência passar a instrumento da

psicanálise, pois ela possibilita a substituição do inconsciente pelo consciente. A partir da progressiva importância que a transferência foi adquirindo na reflexão de Freud, vimos surgir o conceito de neurose de transferência, que viabiliza a cura através do trabalho analítico.

Enquanto a transferência sofre uma real evolução ao longo da obra de Freud, o mesmo não acontece com a contratransferência, que se mantém como um obstáculo à liberdade de compreensão do paciente pelo analista, que se mantém como resistência do psicanalista. No entanto podemos afirmar que Freud refere alguns aspectos em relação à contratransferência que anunciam a importância que vai ter na relação analítica.

Apesar do que dissemos sobre a evolução do conceito de transferência, esta manteve-se sempre, na obra de Freud como um fenómeno exterior à análise, com a dupla dimensão de instrumento da psicanálise e de resistência maior.

Com Klein vimos a transferência sofrer nova evolução transformando-se num factor intrínseco à análise, vendo-a como internaccional e dirigida ao objecto. Contrariamente a Freud, que considerava a transferência negativa como inimiga da análise, Klein vai defender que a elaboração da transferência negativa é determinante para analisar as camadas mais profundas da mente, logo determinante do sucesso da análise. Ao enraizar a transferência nos primórdios do desenvolvimento, vai perspectivá-la de uma forma total, assim tudo o que o paciente trás para a análise é, por definição, transferência. Em relação à contratransferência não introduz alterações significativas à perspectiva do mestre.

Vimos que só com Heimann e Racker a contratransferência se transforma num instrumento da psicanálise. Com Heimann a contratransferência perde a dimensão de entrave, transformando-

se num instrumento de pesquisa do processo inconsciente do paciente, tornando-se intrínseca à análise. Surge o conceito de contratransferência total, sendo todos os sentimentos experimentados pelo analista em relação ao pacientes considerados como contratransferência., Heimann ainda acrescenta a noção de que ela é produto da criação do paciente, noção que acaba por abandonar, já que esta noção podia implicar o risco de levar de novo o analista a uma posição de passividade.

Com Racker assistimos ao nascimento de uma perspectiva original em relação à psicanálise. Centrando-se na dimensão transferencial contratransferencial da psicanálise, considera a análise da transferência como o trabalho fulcral, mas a contratransferência, ao interferir sobre a atitude do analista, interfere de forma significativa na transferência, isto quer dizer que tem um papel determinante na transformação da personalidade do paciente, papel determinante na possibilidade de o paciente se unir consigo próprio sendo o que ele realmente é. Racker fala ainda de duas dimensões da contratransferência, a concordante e a complementar. A complementar implica uma identificação do analista com os objectos internos do analisando, enquanto a concordante implica a unidade ou identidade aproximada, entre partes do sujeito e partes do objecto. Mas Racker fala ainda de um aspecto não menos inovador em relação à contratransferência que é a neurose de contratransferência, que define a partir da analogia que estabelece com a neurose de transferência definida por Freud. Esta é a dimensão resistencial que a contratransferência apresenta e contra a qual o analista tem de se precaver.

Neste caminho de Freud a Bion vimos a psicanálise a ser redimensionada e a encaminhar-se de uma forma mais clara para uma perspectiva relacional e internaccional, onde transferência e contratransferência surgem inseparáveis. A análise torna-se uma relação entre duas pessoas implicadas num caminho comum, onde o analista se vai tornando, cada vez mais, uma pessoa

real.

Mas a ruptura com a chamada psicanálise clássica encontramos-la em Bion. Ruptura que foi possível na medida em que Bion se abre ao que virá, num contexto de uma verdadeira abertura, onde a mente como universo em expansão é, dessa abertura, o paradigma.

Bion com a teoria do pensar e do conhecimento redimensionou a teoria e a prática psicanalíticas. Dar ao paciente a pessoa que ele tem e que desconhece e desenvolver nele a função psicanalítica da personalidade, torna-se o objectivo da análise. A dimensão transferencial contratransferencial não é mais a mesma. Para além de um analista e um analisando há duas pessoas com um objecto de investigação comum e que vivem em conjunto o sofrimento inerente ao crescimento, à auto descoberta.

Com o modelo místico Bion trás para a psicanálise a questão do ser. Ser é mais importante que dizer. A noção de símbolo amplia-se, caracterizando-se pelas transformações em ser, estas transformações fazem-se por conaturalidade afectiva que é at-one-ment, que é estar de acordo com "O". A análise torna-se uma experiência vivida na relação continente conteúdo, em at-one-ment, onde o analista com "paciência" e "segurança", despojado de desejo memória e compreensão e com fé no desconhecido, no incognoscível, em "O", transforma-se em comunhão com o analisando, através do ser tomado "O".

Um olhar final leva-nos a uma reflexão "final" sobre os conceitos que nos acompanharam ao longo do trabalho que realizamos, a transferência e a contratransferência. Ao reflectirmos sobre a contratransferência podemos concluir que **Freud tinha razão**, a contratransferência é uma resistência, quando vista isoladamente, desintegrada da relação continente conteúdo, é

uma resistência à procura da verdade.

Mas com o modelo místico, a análise torna-se uma experiência vivida na relação continente conteúdo, em at-one-ment. Na relação continente conteúdo, a contratransferência, englobada na função continente do analista sem memória, sem desejo e sem compreensão, transforma-se num conjunto de expectativas vazias análogas às pré concepções, expectativas vazias abertas a receber o outro, significando-o. Esta dimensão do vazio interior que o analista deverá criar dentro dele, apto a ser preenchido pelo outro, remete-nos necessariamente para a *Noite Escura* de São João da Cruz, remete-nos necessariamente para a importância da iniciativa do outro, para a importância de dar lugar à voz do outro.

Quanto mais o analista se transformar num *analista real*, num verdadeiro continente, paciente e seguro, para as projecções do paciente, mais liberto e distante estará da sua *equação pessoal*, dos perigos da contratransferência como resistência à procura da verdade, pois a criação de falsos sentidos dificulta a aproximação a “O”, dificulta a transformação de K em “O”.

Quando reflectimos sobre os vínculos, L,H,K, um dos aspectos essenciais da obra de Bion, repensamos o conceito de transferência em Freud, repensamos as duas dimensões da transferência que ele considerou, transferência positiva e a transferência negativa, relembramos o que Bion disse sobre a transferência na sétima Conferência Brasileira, *como a linguagem não tinha palavra para o tipo de relacionamento que Freud pensou ter percebido existir entre um ser humano e outro, ele lhe deu o nome de “transferência”*. Nosso problema, na prática da psicanálise, é saber com o que parece essa coisa curiosa chamada “transferência”. Teoricamente, é o vínculo entre quaisquer dois seres humanos, e percebemos que Freud, mais uma vez, tinha razão, tal como a contratransferência também a

transferência é uma resistência, quando vista isoladamente, desintegrada da relação continente conteúdo, resistência à procura da verdade.

Amar (L) ou odiar (H) o analista é uma resistência a K. O analisando cria com o analista vínculos L ou H para não conhecer, para não saber de si. Como vimos é através do vínculo K que a transformação em “O” se torna possível, assim, se K não acontece o indivíduo fica privado de atingir a verdade, fica privado de crescer, inviabilizando a possibilidade de uma transformação. Mas a análise é uma tarefa *trans*, em que continente e conteúdo se ligam através dos vínculos L,H,K, sendo na experiência emocional que se vive num presente que é o aqui e agora, que L e H possibilitam K. Assim L e H são fantasias criadas pelo paciente para não saber de si. K implica a mudança catastrófica e a capacidade de suportar. É a interpretação do analista sem memória, sem desejo e sem compreensão, liberto da sua equação pessoal, em Sp «-» D e com fé em “O”, isto é, que mantém um “O” no horizonte, que viabiliza o K, que viabiliza a transformação de L e H em K, que viabiliza a progressiva transformação em “O”, que viabiliza o crescimento do paciente, levando-o ao encontro com aquele que realmente ele é.

A transferência pode ser considerada como uma descoberta genial. **Freud tinha razão**, dentro da perspectiva que manteve até ao fim da sua obra e que não lhe possibilitou aceitar que aquilo que é comunicado na relação terapêutica pudesse ter um significado de comunicação ao outro, devendo ser analisado adentro dessa relação. Transferência lida como o *vínculo entre quaisquer dois seres humanos* (Bion), lida como *condição, transferir é condição, a humanidade é trans* (Amaral Dias), a verdade é que a transferência pode ser considerada como o paradigma dos esboços que Freud desenhou da nova psicanálise, foi um fenómeno que “não devia” ter sido descoberto mas que simultaneamente, do ponto de vista técnico, foi a maior

descoberta de Freud.

**Freud tinha também razão** quando afirmou, *nós não falharemos. Em vez da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos, cuja exploração os nossos sucessores deverão levar mais longe.*

## AINDA COMO CONCLUSÃO - A "NOSSA" CONCLUSÃO

*Nós não falharemos. Em vez da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos, cuja exploração os nossos sucessores deverão levar mais longe* (Freud, 1897). Freud não falhou, descobriu oceanos e abriu caminhos que possibilitaram novas descobertas. Esta foi uma das conclusões mais fascinantes que tiramos do caminho que percorremos e que nos levou de Freud a Bion.

Mas sentimos que o caminho que fizemos, não pode ter só uma conclusão necessária do trabalho. Sentimos que não podemos deixar de fazer a "nossa conclusão", não só do trabalho que realizamos, mas a conclusão da experiência emocional que para nós esta caminhada representou.

Reiteramos o que fomos escrevendo no decorrer do trabalho e que nos surgia como um verdadeiro queixume, um sinal de um sentimento muito forte de aflição, de não sermos capazes de chegar ao fim. Um sentimento de estarmos a viver uma situação que nos pedia um esforço demasiado penoso. Encontros, desencontros, sensação terrível de termos perdido a nossa capacidade de significar o que liamos, pontos de luz que nos surgiam no horizonte, que no momento seguinte fugiam e se tornavam na mais assustadora escuridão.

Podemos dizer que foi um trabalho que nos provocou muita dor, mas que também nos foi dando um sentimento lindo, de encantamento, sempre que o encontro acontecia e avançávamos um passo. Revivemos, em alguns momentos, a nossa própria experiência de maternidade, revivemos a dor do parto, que na nossa recordação se foi tornando mais distante face ao

fascínio do encontro com o nosso filho.

Redescobrir Freud, recriar a imagem que havíamos feito deste homem extraordinário, sentirmo-nos mais próximas dele, deu-nos por vezes a ilusão que estávamos lá, junto a ele, num cantinho do seu gabinete a vê-lo trabalhar e a viver com ele, o sofrimento que terá experimentado com o seu próprio crescimento.

Também muito significativo e importante foi o encontro que tivemos com Melanie Klein. Tivemos a possibilidade de redimensionar o seu enorme contributo, de rever alguns dos seus conceitos mais importantes, de entender o caminho que abriu aos seus seguidores, com as descobertas que fez. Também Klein poderia dizer como Freud disse, *nós não falharemos. Em vez da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos, cuja exploração os nossos sucessores deverão levar mais longe.*

Ver surgir a contratransferência como um dos instrumentos da psicanálise, através de Paula Heimann e de Heinrich Racker, foi também uma tarefa difícil mas que nos encantou, principalmente pelo encontro que tivemos com Racker. Deste autor apenas conhecíamos o nome, e o conhecer a sua obra foi para nós uma verdadeira revelação. O estudo que fizemos fez-nos entender, com alguma clareza, que a importância de Racker ultrapassa o seu contributo para a contratransferência se transformar num instrumento da psicanálise. A visão que tinha da reciprocidade na situação analítica, foi o contributo maior que deu, no sentido de a psicanálise se encaminhar para a perspectiva internacional.

Não podemos deixar de referir o esforço de ajustarmos o nosso pensamento para podermos compreender Bion e que nos levou ao encontro com Mestre Eckhart, São João da Cruz e com

Bhagavad Gitá. Foi um dos momentos mais bonitos do nosso caminho. No decorrer das leituras que fomos fazendo iam-nos surgindo pontos de luz, que nos foram ajudando a entender alguns aspectos já lidos e relidos mas que continuavam sem um verdadeiro eco em nós. A aproximação que fizemos à visão mística da vida foi também um tempo de reflexão e questionamento sobre nós, sobre o mais sentido da nossa própria vida.

Mas foi a nossa aproximação a Bion, na qual englobamos o ajustar do pensamento, aproximação ao seu modelo místico religioso, que foi o grande objectivo que nos mobilizou para este trabalho, que maior esforço e sofrimento implicou. Foi também esta aproximação ao modelo místico religioso de Bion que mais momentos de satisfação interior nos proporcionou. Temos o sentimento de que tudo foi descoberta, foi crescimento nosso, foram momentos sucessivos de avanços e recuos, tanto em relação ao nosso entendimento como ao nosso ser. Percebíamos agora para logo em seguida já nada percebermos. Sentimo-nos, em muitos momentos, uma criança aflita, que chorava por não ter possibilidade de compreender o sentido do que estava a ler.

Mas, tal como referimos em relação à dor do parto, que na nossa recordação se foi tomando mais distante face ao fascínio do encontro com o nosso filho, também a dor que vivemos para possibilitarmos este encontro com Bion se vai tomando mais distante, pois o encontro com Bion, mas especialmente com o modelo místico religioso de Bion, nos fez aprender muito sobre a relação analítica, mas mais do que aprender sobre a relação analítica fez-nos pensar. Pensar no sentido que para nós, como pessoa, tem o que ele diz. Fez-nos olhar com um olhar novo a vida, a relação com os outros, a relação com os nossos clientes, a relação com os nossos alunos. Fez-nos pensar na função continente, não só na função continente do analista mas na função continente, na concavidade que está subjacente a toda a relação que estabelecemos.

Fez-nos perceber o sentido de manter os terminais abertos, fez-nos perceber o sentido da mente como um universo em expansão, ajudando-nos a significar de uma forma nova a frase de Shakespeare, *há mais coisas entre o céu e a terra do que pode suspeitar nossa vã filosofia.*

Toda a dimensão da importância do ser, a dimensão que SER é mais importante que dizer, *o que você é fala mais alto que quanto você diga*, que encontramos no Bion místico, fez-nos ainda recordar, pois são lembranças muito queridas que guardamos no nosso coração, os ensinamentos de João dos Santos, com quem tivemos o privilégio de aprender muito, ao sermos por ele orientada nos primeiros passos da nossa carreira profissional. Também João dos Santos insistia na importância do ser, na importância da relação, na importância do estarmos abertos ao outro. Entendemos hoje, há distância de vinte anos, que foi a primeira pessoa que nos falou, sem o dizer, mas que realmente nos falou, da abertura ao mais sentido, dos terminais abertos, da mente como um universo em expansão.

Pensamos, neste momento, poder dizer que alguma coisa foi por nós entendida mas muito ficou por entender, no entanto, aquilo que podemos também afirmar é que os nossos terminais ficaram mais abertos e que na nossa vida não vamos mais esquecer que há sempre um mais sentido para tudo, não vamos esquecer que, *há mais coisas entre o céu e a terra do que pode suspeitar nossa vã filosofia.*

**BIBLIOGRAFIA**

**AMARAL DIAS, C.**, *Espaço e Relação Terapêutica*, Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

**AMARAL DIAS, C.**, *Para uma Psicanálise da Relação*, Porto, Ed. Afrontamento, 1988.

**AMARAL DIAS, C.**, e Monteiro, J. S., *Eu Já Posso Imaginar Que Faço*, Lisboa, Ed. Assírio e Alvim, 1989.

**AMARAL DIAS, C.**, “Sobre o Saber e a Ignorância” In *Psicologia Clínica*, Lisboa, Ed. Escher, Publicações, Nº 3/4, 1990.

**AMARAL DIAS, C.**, *Ali Babá - Droga, uma Neurose Diabólica do Século Vinte*, Lisboa, Ed. Escher, 1991.

**AMARAL DIAS, C.**, *Aventuras de Ali Babá nos tómulos de Ur*, Lisboa, Ed. Escher, 1992.

**AMARAL DIAS, C.**, “O Meu Problema é não Ter Título” In *Caos e Meta-Psicologia*, Lisboa, Ed. Fenda, 1992.

**AMARAL DIAS, C.**, *Palcos do Imaginária - Textos Psicodramáticos*, Lisboa, Ed. Fenda, 1993.

**AMARAL DIAS, C.**, *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*, Lisboa, Ed. Fenda, 1993.

**AMARAL DIAS, C.**, e **FLEMING, M.**, “La Fonction Contenante de l'Analyste” In *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, Nº 31, 1994.

**AMARAL DIAS, C.**, "Introduction au Rapport" In *Revue Française de Psychanalyse*, 5/1994.

**AMARAL DIAS, C.**, *(A) Re-Pensar*, Porto, Ed. Afrontamento, 1995.

**ANÓNIMO**, *Bhagavad Gitá*, Lisboa, Editorial Estampa, 1990.

**ANZIEU, D.**, *A Auto-Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Ed. 70, 1990.

**AUCLAIR, MARCELLE**, *Sainte Thérèse d' Avila*, Paris, Éditions du Seuil, 1950.

**BION, W. R.**, *Aprendiendo de la Experiência*, México, Editorial Paidós, 1987.

**BION, W. R.**, *Elementos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**BION, W. R.**, *As Transformações*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**BION, W. R.**, *Estudos Psicanalíticos Revisados*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1988.

**BION, W. R.**, *Conferências Brasileiras*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.

**BION, W. R.**, *A Atenção e Interpretação*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**BION, W. R.**, "Ataques ao Elo de Ligação" In *Melanie Klein Hoje*, Vol. 1, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**BION, W. R.**, "Uma Teoria do Pensar" In *Melanie Klein Hoje*, Vol. 1, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**BION, W. R.**, "Notas sobre Memória e Desejo" In *Melanie Klein Hoje*, Vol. 2, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**BION, W. R.**, *Conversando com Bion*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1992.

**BLÉNDONU, G.**, *Bion 1897-1979 A Vida e a Obra*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1993.

**BORD, A.**, *Jean de la Croix en France*, Paris, Beauchesne Éditeur, 1993.

**CARROY, JACQUELINE**, Hypnose et Hystérie à la Fin du 19<sup>e</sup> Siècle in *Les Cahiers de Science et Vie*, Hors de Serie n° 22, 1994.

**CHEVALIER, GÉRARD**, Un Enfant de Moravie in *Les Cahiers de Science et Vie*, Hors de Serie n° 22, 1994.

**CHEVALIER, GÉRARD**, Maîtres, Amis et Disciples in *Les Cahiers de Science et Vie*, Hors de Serie n° 22, 1994.

**FLEM, L.**, *L'Homme Freud*, França, Éditions du Seueil, 1991.

**FREUD, S.**, *La Histeria*, 1895, Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Las primeras Aportaciones a la Teoria de las Neurosis*, 1892-1899, Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *La Interpretacion de los Sueños*, 1900, Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Esquema del Psicoanalisis*, 1910, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial

Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Técnica Psicoanalítica, 1910-1920*, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Introducción al Psicoanálisis, 1916-1918*, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Metapsicología, 1913-1917*, Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Historia del Movimiento Psicoanalítico, 1914*, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Más Allá del Principio del Placer, 1920*, Obras Completas, Vol. I, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *El "Yo" e el "Ello"*, 1923, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Autobiografía, 1925*, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Psicoanálisis y Medicina, 1926*, Obras Completas, Vol. II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Nuevas Lecciones Introductorias al Psicoanálisis, 1932*, Obras Completas, Vol. III, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Análisis Terminable e Interminable, 1937*, Obras Completas, Vol. III, Madrid,

Editorial Biblioteca Nueva, 1967.

**FREUD, S.**, *Abrégé de Psychanalyse, 1938*, Paris, P.U.F., 1946.

**FREUD, S.**, *La Naissance de la Psychanalyse*, Paris, P.U.F., 1956.

**FREUD, S.**, **Zweig, S.**, *Correspondance*, Paris, Bibliothèque Rivages, 1991.

**GREEN, A.**, *Le Discours Vivant*, Paris, P.U.F., 1973

**GRINBERG, L.**, e al., *Introdução às Ideias de Bion*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.

**GUITTON, J.**, **BOGDANOV, G.**, **BOGDANOV, I.**, *Dieu et la Science*, Paris, Éditions Grasset e Fasquelle, 1991.

**HEIMANN, P.**, "On Counter-Transference", *I.J.P.* 31, pp. 81/84, 1950.

**HEIMANN, P.**, "Dynamics of Transference Interpretations", *I.J.P.* 37, pp. 303, 1956.

**HEIMANN, P.**, "Counter - Transference", *Brit. J. Med. Psychol.*, 1960.

**HEISENBERG, W.**, *Páginas de Reflexão e Auto-retrato*, Lisboa, Gradiva, 1990.

**HESSE, H.**, *Siddhartha*, Lisboa, Editorial Minerva, 1982.

**JESUS, CRISÓGONO**, *São João da Cruz*, Oeiras, Edições Carmelo, 1985.

**JONES, E.**, *Que é a Psicanálise?*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1977.

**JOSEPH, B.**, "Transferência Situação Total" in *Melanie Klein Hoje*, vol. 2, Rio de Janeiro,

Imago Editora, 1991.

**JOSEPH, B.**, “O Paciente de Dificil Acesso” in *Melanie Klein Hoje*, vol. 2, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**KLEIN, M.**, *Essais de Psychanalyse (1921-1945)*, Paris, Payot, 1974.

**KLEIN, M.**, *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*, vol. III, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**KLEIN, M., RIVIERE, J.**, *L'Amour et la Haine*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1975.

**KLEIN, M.**, “L'Importance des Mots dans l'Analyse Précoce” in *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, Paris, Éditions du Centurion, 1986.

**KLEIN, M.**, “Les Origines du Transfert”, Comunicação no XVII Congresso de Psicanálise em Amsterdão, 1951.

**KLEIN, M., HEIMANN, P., MONEY-KYRLE, R.E.**, *Novas Tendências da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1980.

**MESTRE ECKHART**, *Traitées et Sermons*, Paris, Ed. Flammarion, 1993.

**MIJOLLA, ALAIN DE**, La Triple Naissance de la Psychanalyse in *Les Cahiers de Science et Vie*, Hors de Serie n° 22, 1994.

**MONEY-KYRLE, R.**, “Contratransferência Normal e Alguns de seus Desvios” in *Melanie Klein Hoje*, vol.2, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

**MUNIZ de REZENDE, A.**, *Bion e o Futuro da Psicanálise*, Campinas, Papyrus Editora,

1993.

**MUNIZ de REZENDE, A.**, *A Metapsicanálise de Bion*, Campinas, Papyrus Editora, 1994.

**POMERANTZ, G. S.**, Déclin du Bouddhisme dans l' Inde Médiévale, in *Diogenes*, nº 96, Gallimard, 1976.

**PRABHU, R. P.**, *O Gita Resumos e Significados*, São Paulo, Madras Editora, 1994.

**RACKER, H.**, *Estudos sobre Técnica Psicanalítica*, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1982.

**SÁ, E.**, O Vazio e a Eternidade in *Psicologia Clínica*, Lisboa, Ed. Escher, Publicações, Nº 3/4, 1990.

**SÃO JOÃO da CRUZ**, *A Noite Obscura*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

**SÃO JOÃO da CRUZ**, *Obras Completas*, Oeiras, Ed. Carmelo, 1986.

**SÃO JOÃO da CRUZ**, *Poesias Chama de Amor Viva*, Madrid, Taurus Ediciones, 1993.

**SANDLER, J., DARE, C., HOLDER, A.**, *Le Patient et le Psychanalyste*, Paris, Presses Universitaires de France, 1975.

**SANTA TERESA DE ÁVILA**, *Moradas*, Lisboa, Ed. Assirio e Alvim, 1988.

**THOMA, H., KACHELE, H.**, *Teoría y Práctica del Psicoanálisis*, Barcelona, Editorial Herder, 1989.

**URTUBEY, L.**, "Le Travail de Contre-Transfert" in *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, nº 31, 1994.

**VARENNE, J. M.**, *Os Cristãos Místicos do Ocidente*, Mem-Martins, Publicações Europa América, 1989.

**VIVEKÂNANDA, S.**, *Les Yogas Pratiques*, Paris, Éditions Albin Michel, 1970.

**ZIMERMAN, D. E.**, *Bion da Teoria à Prática*, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1995.